

**XXV Seminário Nacional e
XII Seminário Internacional do
Grupo de Estudos Discurso & Gramática**

ANAIS

**“Língua em uso:
cognição social
e
rede construcional”**

Organizadores

Dennis Castanheira (UFF)
Nice Ramos (UFF)
Simone Silva (UFF)

UFF

2023

**Anais do XXV Seminário Nacional e XII Seminário
Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática**

Organizadores

Dennis Castanheira (UFF)
Nice Ramos (UFF)
Simone Silva (UFF)

1ª edição

Niterói – RJ

Letras da UFF

2023

Universidade Federal Fluminense

Instituto de Letras

Niterói – RJ



Ficha catalográfica elaborada pelo sistema Edoc Brasil

Anais do XXV Seminário Nacional e XII Seminário Internacional do Grupo
de Estudos Discurso & Gramática/ organização Dennis Castanheira, Nice
Ramos e Simone Silva. - 1. Ed. - Niterói: Letras da UFF, 2023 - v. 1, n.1.

122 p.

Inclui sumário

ISBN 978-85-6535-523-0

1. Linguística. 2. Linguagem e línguas. 3. Linguística
Funcional Centrada no Uso.

CDD: 410

CDU: 81'1

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	5
<i>Dennis Castanheira (UFF)</i>	
<i>Nice Ramos (UFF)</i>	
<i>Simone Silva (UFF)</i>	
ANÁLISE DO CONECTOR “COM ISSO” SOB VIÉS PANCRÔNICO.....	8
<i>Simone Josefa da Silva (UFF)</i>	
USOS SEMÂNTICO-PRAGMÁTICOS DE ALIÁS: UMA ANÁLISE CENTRADA NO USO.....	29
<i>Nice da Silva Ramos (UFF)</i>	
CONSTRUCIONALIZAÇÃO DE MARCADORES DISCURSIVOS FORMADOS POR OLHAR E VER NO PORTUGUÊS.....	48
<i>Vania Rosana Mattos Sambrana (SEEDUC/RJ)</i>	
A CONSTRUÇÃO DE ESTRUTURA ARGUMENTAL COM VERBOS DE PERCEPÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	73
<i>Mizilene Kelly de Souza Bezerra (UFRN)</i>	
<i>Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN)</i>	
DO SOLO AO CÉREBRO: UMA ANÁLISE EM TRECHO DO CONTO “A CARTOMANTE” POR MEIO DA TEORIA DA INTEGRAÇÃO CONCEPTUAL E DA METÁFORA CRIATIVA.....	92
<i>Paulo Ricardo Pimentel Queyroi D’Anna (UFF)</i>	
DIANTE DISSO EM CONTEXTOS DE CONEXÃO: UMA ANÁLISE CENTRADA NO USO.....	105
<i>Carolina Reis Fonseca (UFF)</i>	

APRESENTAÇÃO

O Grupo de Estudos Discurso & Gramática realizou no período de 18 a 20 de outubro de 2022 o XXV Seminário Nacional e, no período de 25 a 27 de outubro de 2022, o XII Seminário Internacional, on-line, com o tema *Língua em Uso: cognição social e rede construcional*, no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. O evento reuniu pesquisadores de diferentes instituições brasileiras, dentre as quais a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a Universidade Federal da Bahia, a Universidade Estadual de Feira de Santana e a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Além disso, possibilitou a discussão de trabalhos voltados ao estudo do Funcionalismo, com uma conferência de abertura, 5 mesas-redondas e 3 sessões de pôsteres.

Diante desse produtivo cenário, esta publicação tem como objetivo reunir alguns dos trabalhos apresentados na modalidade pôster, a fim de divulgar as pesquisas realizadas e difundir os pressupostos funcionalistas no cenário científico atual. Tais textos foram submetidos à comissão organizadora desta publicação, que fez uma triagem inicial acerca do cumprimento das normas estabelecidas previamente, foram avaliados às cegas por pareceristas e, por fim, foram revisados a fim de que fosse garantida a qualidade das produções, com o devido rigor científico.

Inicialmente, em nossa coletânea, há o artigo intitulado “Análise do conector “com isso” sob viés pancrônico”, em que Simone Silva apresenta uma investigação sobre o conector “com isso” para descrição e análise dos seus usos sob um aporte teórico funcional e construcionista. Para isso, recorre a uma perspectiva pancrônica e a uma metodologia mista, que congrega aspectos qualitativos e quantitativos. Após a análise dos dados, todos extraídos de *corpora* disponíveis digitalmente, a autora defende que há um rearranjo sintático de “com isso”, que tem sua primeira ocorrência como conector autônomo no século XVI.

Já no artigo “Usos semântico-pragmáticos de aliás: uma análise centrada no uso”, a autora Nice Ramos discute os usos da construção “aliás” por meio do aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, da Linguística Textual e da Argumentação, focalizando questões semântico-pragmáticas. A partir da análise de 226 ocorrências,

composta por dados extraídos de Teses e Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, conclui que a construção articula sintagmas, orações, períodos e parágrafos, exercendo a função de operador argumentativo, e que ocorre em diferentes posições sintáticas.

Em seu trabalho sobre a “construcionalização de marcadores discursivos formados por *olhar* e *ver* no português”, Vania Rosana Mattos Sambrana defende a tese de que, na língua portuguesa, há um esquema construcional que gera pareamentos no âmbito da marcação discursiva, a partir da reconfiguração do sentido visual expresso pelas bases verbais *olhar* e *ver*. Nesse viés, essas formas constituem *marcadores discursivos de visualização virtual*, como, por exemplo, *olha*, no caso de (a) “*eu fiquei... olha... eu pensei que fosse morrer sabe...*”; ou, *olhe lá*, no caso de (b) “*- Olhe lá... Tome cuidado!*”, entre outros. Trata-se do processo de Construcionalização Gramatical, nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

Nesse estudo, a autora constata que o processo de construcionalização se deve à reconfiguração do sentido visual concreto em sentidos mais procedurais, voltados ao monitoramento da interação, através da manipulação da requisição de atenção. O aporte teórico utilizado são os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, sob o viés pancrônico, em que a abordagem compreende uma parte sincrônica, representada pelo século XX, e uma parte diacrônica, que abrange do século XV ao XX. Nessa empreitada, a autora demonstra que os *marcadores discursivos de visualização virtual* formam o esquema $[V_{\text{visual}} (X_{\text{afixóide}})]_{\text{MDVV}}$, que pode ser desmembrado em subesquemas e microconstruções.

Em sua pesquisa sobre “a construção de estrutura argumental com verbos de percepção no português brasileiro”, a autora Mizilene Kelly de Souza Bezerra, aborda a construção de estrutura argumental transitiva e assume como objetos de estudo os verbos de percepção no português brasileiro, tais quais: os de percepção visual (*olhar*, *avistar*); os de percepção auditiva (*escutar*, *ouvir*); os de percepção olfativa (*cheirar*, *perceber*); os de percepção gustativa (*experimental*, *degustar*); e os de percepção tátil (*tocar*, *apalpar*). O trabalho é de natureza descritiva e interpretativa, realizado por meio de procedimentos bibliográficos e ancorado no método indutivo, com base em dados sincrônicos, na modalidade escrita, a partir de textos disponíveis na internet. O aporte teórico adotado é a Linguística Funcional Centrada no Uso, sob o viés construcionista.

Já Paulo Ricardo Pimentel Queyroi D’Anna, no texto “Do solo ao cérebro: uma análise em trecho do conto *A Cartomante* por meio da teoria da integração conceptual e da metáfora criativa”, analisa fragmento do conto de Machado de Assis (1839-1908) alegando ser possível observar a metáfora conceptual MENTE É SOLO, CRENÇAS SÃO SEMENTES, por meio da concepção de cultivo. O autor toma como base os fundamentos da Teoria da Metáfora Conceptual e da Teoria da Metáfora Criativa e assevera que esta última possibilita a promoção de uma hipótese a respeito da escolha metafórica de Machado de Assis, a saber: o escritor de *A Cartomante* criou as projeções do vegetal que brota do mesmo ponto onde outrora fora arrancado para referir-se ao retorno de uma crença.

No artigo “*Diante disso* em contextos de conexão: uma análise centrada no uso”, Carolina Reis Fonseca investiga e descreve o “diante disso” em contextos de conexão. Pautando-se no aparato teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso em interlocução com a Linguística de Texto, a autora observa as relações coesivas promovidas pelo conector “diante disso”, atentando para a porção textual conectada pelo objeto (oração, período ou parágrafo), o escopo remissivo e o tipo de coesão estabelecida. Segundo constata, “diante disso” promove coesão híbrida e é frequente na conexão (supra)oracional, sobretudo estabelecendo o elo entre períodos.

Com isso, esperamos que os trabalhos apresentados, que compõem esta publicação dos Anais do XXV Seminário Nacional e XII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso e Gramática da UFF, possibilitem variadas e importantes reflexões aos leitores que se empenham na descrição das línguas naturais, sobretudo sob o viés da Linguística Funcional Centrada no Uso.

Desejamos uma boa leitura a todos.

Dennis Castanheira

Nice Ramos

Simone Silva

ANÁLISE DO CONECTOR “COM ISSO” SOB VIÉS PANCRÔNICO

ANALYSIS OF THE CONNECTOR “COM ISSO” IN A PANCHRONIC PERSPECTIVE

Simone Josefa da Silva (UFF/CAPES)

RESUMO

No presente trabalho, investigamos o conector “com isso” a fim de descrever os seus usos tal como iniciado em Silva (2022) e propor uma rota de mudança do uso como termo da oração (adjunto adverbial) até o uso na função conectora. Para tal, a investigação é feita com base em uma abordagem pancrônica, qualitativa e quantitativa (LACERDA, 2016), fundamentada nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, doravante LFCU (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; ROSÁRIO e OLIVEIRA, 2016; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2021 [2013]; LOPES, 2022b entre outros). Para a proposição do percurso de mudança, a pesquisa apoia-se no postulado de Diewald (2006). A base de dados constitui-se de ocorrências extraídas dos *corpora* diacrônicos *Tycho Brahe* e *Vercial* (ambos acessados pelo site *Linguatca.pt*) e do *corpus* sincrônico *Now*, do site *Corpus* do Português. Análises preliminares apontam que o rearranjo sintático de “com isso” na função adverbial favoreceu o novo uso como conector. Primeiramente “com isso” antepõe-se ao termo regente, em seguida, além da anteposição, observa-se adjunção a elemento conector e, por pressões contextuais advindas da frequência desse uso, “com isso” assume a função conectora. Com base nos dados investigados, a primeira ocorrência como conector autônomo data do século XVI.

Palavras-chave: Conector “com isso”; LFCU; pancronia.

Introdução

Em estudo sincrônico realizado por Silva, 2022, verifica-se que “com isso” atua de modo recorrente na função conectora no português brasileiro contemporâneo. Nesta função, sinaliza os sentidos de consequência, conclusão, elaboração e tempo, conforme ocorrências que seguem:

1) Lado outro, o uso desordenado do mandado de segurança poderá aumentar potencialmente os procedimentos em trâmite nos tribunais de Justiça, sendo ineficaz a medida adotada pelo legislador, eis que os remédios constitucionais têm prioridade de tramitação em relação a outros procedimentos.

Com isso, outras alternativas foram sugeridas pela doutrina, como, por exemplo, a elaboração de um rol exauriente, tese levantada por Neves[6], na qual o legislador deveria ter criado um rol legal de todas as hipótese de não cabimento do recurso, de forma que as decisões excluídas seriam atacadas por agravo de instrumento. Disponível em:

<https://www.conjur.com.br/2019-jun-30/opiniaio-agravo-instrumento-rol-taxativo-extensivo-ou-mitigado>. Acesso em: 10 out. 2022).

2) Se a sua reclamação em relação a TVs 4K é a ausência de conteúdos compatíveis, as fabricantes desenvolvem há anos uma tecnologia chamada upscaling. Ela faz uma melhoria automática de imagem, que a torna superior ao padrão Full HD. Com isso, a experiência de ver até mesmo TV aberta em um modelo 4K é melhor do que em um Full HD e isso pode ser notado com facilidade pelos consumidores. # A reprodução sonora da Q80 é de boa qualidade. Frequências médias e agudas podem ser ouvidas com nitidez, mesmo em diferentes volumes. (Disponível em: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/review-qlcd-tv-q80-reune-melhores-recursos-de-imagem-e-tem-app-da-apple/>. Acesso em 20 ago. 2022).

3) 'Eu vejo'. Após a publicação das supostas mensagens pelo The Intercept Brasil, Moro se apresentou em audiência no Senado. Com isso, ele buscou esvaziar articulação de partidos de esquerda que falavam em criar uma CPI. O ministro nega qualquer interferência nas investigações quando era juiz e coloca em dúvida o teor das mensagens. (Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/atos-em-defesa-de-moro-miram-congresso-e-stf.9741e717de84b40b8a0dee505bb7f486ed1ov1ls.html>. Acesso em: 14 out. 2022).

4) Fracassadas estas negociações, é hora de o PS responder ao que nunca respondeu: aceita ou não a proposta de o BE para adiar a decisão sobre novas PPP e, com isso, aprovar uma lei de bases que dê passos importantes para salvar o SNS? (Disponível em: <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/catarina-martins-acusa-ps-dedesorientacao-por-causa-do-enorme-desejo-de-uma-maioria-absoluta-461766>. Acesso em: 25 set. 2022).

Em (1), o conector *com isso* estabelece relação de causa e consequência entre as unidades discursivas que antecedem e sucedem o seu uso. Como causa temos o fato de que o uso desordenado do mandado de segurança poderá aumentar os procedimentos em trâmite nos tribunais de Justiça sendo ineficaz a medida adotada pelo legislador; como consequência, outras medidas foram sugeridas pela doutrina. Na função de conector consecutivo, a relação estabelecida por *com isso* independe da perspectiva do enunciador, pois diz respeito à causalidade do mundo real. Em (2), *com isso* sinaliza o sentido de

conclusão entre as unidades discursivas, uma vez que o enunciador emite seu ponto de vista com o objetivo de defender as vantagens em se ter uma TV 4K. Assim, busca fazer com que o interlocutor acredite na qualidade do produto a partir da inferência de que o consumidor valoriza a imagem da televisão. A conclusão sinalizada por *com isso* entre as unidades de informação parte da percepção do falante sobre algo observado no mundo. Em (3) temos um exemplo do conector *com isso* articulando o sentido de elaboração¹ entre os períodos. O primeiro segmento informa que Moro se apresentou em audiência no Senado, o segundo explicita uma justificativa para este ato de fala – ele buscou esvaziar articulação de partidos de esquerda. Ao estabelecer tal sentido, o conector *com isso* não introduz informação de natureza nova, somente justifica, especifica, descreve ou parafraseia o que foi anteriormente declarado. Os três valores mencionados associam-se aos domínios de causalidade propostos por Sweetser (1990): consequência - domínio do conteúdo (natureza consecutiva lógica); conclusão - domínio epistêmico (natureza inferencial); elaboração - atos de fala (justificativa para asseveração feita). Por fim, na ocorrência (4), observa-se o valor de tempo, nesse caso, *com isso* sequencia fatos temporalmente encadeados - primeiro o PS toma uma decisão sobre proposta feita para depois aprovar uma lei de bases.

O estudo realizado em Silva (2022) constata além dos sentidos já evidenciados, aspectos atinentes às relações coesivas do objeto em foco, dentre os quais, pode-se destacar que: a) “com isso” promove conexão entre porções variadas do texto – orações (como visto no exemplo 4); períodos (exemplos 2 e 3); ou parágrafos (exemplo 1); b) apresenta coesão do tipo híbrido (LOPES e MOURA, 2021; LOPES, 2022a), uma vez que a preposição *com* possibilita a progressão textual e o pronome demonstrativo *isso* encapsula conteúdo precedente (trechos sublinhados), atuando, desse modo, na sequenciação e referenciação simultaneamente.²Fundamentando-se no aparato teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), a pesquisa aqui desenvolvida amplia a investigação iniciada em Silva (2022) com o objetivo de descrever a trajetória de mudança do conector “com isso”, bem como descrever os seus usos em perspectiva

1 Denominamos elaboração um dos sentidos articulados por “com isso” por entendermos que está em consonância com a proposição de Halliday (2004) no que se refere à parataxe de expansão por elaboração.
2 Para maior aprofundamento sobre o estudo sincrônico de “com isso” verificar Lopes e Silva (2022) e Silva (2022).

pancrônica (diacrônica e sincrônica).³ A hipótese que norteia a pesquisa é a de que “com isso”, atuando como adjunto adverbial, sofreu mudanças estruturais e de sentido que corroboraram para seu posterior uso como conector de orações, períodos ou parágrafos.

A fim de traçar o percurso que leva “com isso” do uso como termo da oração (adjunto adverbial) ao uso como conector, o presente estudo pauta-se no postulado de Diewald (2006). A autora propõe três estágios de mudança, os quais denominam-se contexto atípico, contexto crítico e contexto isolado. Assume-se aqui que a anteposição de “com isso” ao termo regente corresponde ao contexto atípico, ainda nesta posição, a adjunção a conector canônico associa-se ao contexto crítico e, o posicionamento à margem esquerda de orações, períodos ou parágrafos sem a justaposição a elemento de conexão se enquadra no contexto isolado.

A pesquisa é realizada com base em uma abordagem qualitativa e quantitativa (LACERDA, 2016; LOPES, 2022b) centrada no português. Os *corpora* diacrônicos compõem-se de ocorrências do *Tycho Brahe* e do *Vercial* – acessados pelo site *Linguateca.com*; o *corpus* sincrônico constitui-se de ocorrências extraídas do *Corpus Now*, site *Corpus do Português* (www.corpusdoportugues.org).

O trabalho organiza-se, além da introdução, em quatro seções. A primeira expõe os pressupostos teóricos em que se fundamenta a pesquisa; a segunda apresenta os procedimentos metodológicos adotados. A seção seguinte concentra-se nos resultados preliminares e, por fim, temos as considerações finais e as referências.

1. Pressupostos teóricos

A presente pesquisa pauta-se nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso – doravante LFCU – nos termos de; Oliveira e Rosário, 2016; Traugott e Trousdale, 2021 [2013]; Lopes, 2022b entre outros. Tal perspectiva teórica corresponde a uma nova versão do Funcionalismo de vertente Norte-Americana com contribuições da

³ A pesquisa integra um projeto mais abrangente intitulado *Relações coesivas e semânticas das construções conectoras [PREP isso]_{connect} à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso* (Lopes, 2019) –UFF. Está também inserida na agenda de estudos de dois grupos de pesquisa vinculados à UFF: Discurso & Gramática (D&G) e Conexão de Orações (CCO).

Linguística Cognitiva, sobretudo no que diz respeito à abordagem construcional da gramática. As duas perspectivas teóricas compartilham alguns pressupostos:

Essas duas correntes compartilham vários pressupostos teórico-metodológicos, como a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural... (FURTADO DA CUNHA, BISPO; SILVA, 2013, p. 14).

De acordo com a LFCU, a língua constitui-se de pareamentos forma-significado, denominados construção. As construções, conforme Goldberg (1995), são as unidades básicas da língua. As propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas compõem o plano da forma; as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, o plano do significado (CROFT, 2001; FURTADO DA CUNHA E LACERDA, 2017). Tais aspectos são levados em consideração na análise linguística de modo equivalente, possibilitando, dessa forma, uma abordagem holística dos elementos linguísticos. Segundo Rosário e Oliveira (2016, p. 237): “tratar tais dimensões com igual medida significa não só assumi-las como de mesma importância, mas também, e principalmente, conferir à pesquisa funcionalista maior rigor e controle em seus critérios e procedimentos”.

As construções, segundo o aparato teórico da LFCU, organizam-se em uma rede hierarquizada (do nível mais abstrato para o mais específico), em que os nós são interconectados por elos. A rede constantemente estabelece novos elos e novos nós, o que evidencia a sua dinamicidade. De acordo com Traugott e Trousdale (2021 [2013]), a mudança que afeta um dos polos de uma construção (forma ou significado) é entendida como mudança construcional, nesse caso, não há criação de um novo nó na rede. Ao passo que a mudança nos dois eixos, isto é, o desenvolvimento de um novo pareamento forma-significado, é designado construcionalização.

Na abordagem construcional, os fatores esquematicidade, produtividade e composicionalidade são relevantes no que diz respeito à mudança linguística. A esquematicidade, nos termos de Rosário e Oliveira (2016, p. 244), corresponde ao “grau de generalidade das propriedades formais e funcionais da construção”. Os autores ressaltam ainda que tal fator deve ser considerado em um *continuum*, a partir dos níveis

de generalidade ou especificidade que uma construção apresenta. Assim, uma construção pode ser mais esquemática (maior o nível de abstração e generalização), medianamente esquemática (parcialmente preenchida) ou menos esquemática (totalmente especificada).

A produtividade está relacionada à questão da frequência e, segundo Traugott e Trousdale (2021 [2013], p. 50), diz respeito ao nível de extensibilidade de um esquema (parcial): “o grau em que sancionam outras construções menos esquemáticas”, bem como ao grau em que tais esquemas são restringidos. Os autores mencionam que alguns estudiosos, como Bybee (2003), fazem distinção entre frequência de tipo (*type*) – número de expressões distintas que um padrão particular apresenta – e frequência de ocorrência (*token*) – “número de vezes em que a mesma unidade ocorre no texto” (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2021 [2013], p. 51).

A composicionalidade, de acordo com Rosário e Oliveira (2016, p. 246), refere-se “ao grau de transparência entre forma e significado no nível da construção”. Desse modo, uma construção é considerada mais composicional quando o sentido de suas partes ainda é recuperado e menos composicional quando o seu significado não corresponde à soma dos elementos que a compõe. Os autores (2016, p. 246) ressaltam que, em geral, “o fenômeno da mudança linguística aponta para a redução da composicionalidade”.

Conforme já enunciado, recorreremos aos pressupostos de Diewald (2006) a fim de tratar da trajetória de mudança de “com isso” de um uso menos procedural, em que atua como termo da oração, mais especificamente adjunto adverbial, até o seu uso como conector autônomo. A autora propõe três estágios para a mudança dos elementos linguísticos, vejamos:

<i>Estágio</i>	<i>Contexto</i>	<i>Significado / Função</i>
I pré-condições de gramaticalização	contexto atípico	implicaturas conversacionais
II desencadeamento da gramaticalização	contexto crítico	opacidade múltipla
III reorganização e diferenciação	contexto isolado	polissêmico /heterossêmico

Quadro 1: Contextos de mudança. Fonte: adaptado de Diewald, 2006, p. 4

Como se pode observar no Quadro 1, Diewald (2006) propõe os seguintes contextos de mudança: atípico, crítico e isolado. Para além do que foi evidenciado, a autora reconhece um uso originador da mudança, o contexto típico, o qual será considerado no presente trabalho e diz respeito aos elementos mais lexicais, menos subjetivos. O contexto atípico corresponde à fase em que se apresentam usos ambíguos

por motivações de natureza pragmático-discursiva. Nesse estágio, um novo significado é acionado a partir de implicaturas conversacionais, isto é, um novo sentido é atribuído pelo ouvinte com base no que compreende ser a intenção do falante ao utilizar determinada construção.

O contexto crítico constitui o desencadeamento do processo de mudança, vai além da ambiguidade semântica, nele verifica-se mudança, nova análise ao nível da estrutura. Diewald (2006) assevera que tal contexto não subsiste no desenvolvimento posterior, sendo encontrado somente durante o estágio 2.

Por fim, o contexto isolado representa a fase em que se atesta a fixação de um novo uso, a consolidação do processo de gramaticalização, ou construcionalização, em conformidade com a perspectiva teórica adotada (LFCU). Nesse estágio, o novo sentido é isolado do sentido mais lexical, mais antigo.

Cabe frisar que: 1) em se tratando do objeto investigado – “com isso” – não se observa ambiguidade semântica no contexto atípico e sim mudança posicional do objeto em foco, favorecendo posteriormente seu uso na função conectora, abordaremos tal questão mais adiante na análise de dados; 2) embora tais contextos tenham sido pensados por Diewald (2006) para a gramaticalização, tal como se verifica no Quadro 1, são aplicáveis no âmbito da construcionalização. Na visão de Oliveira e Sambrana (2022) as duas abordagens são complementares e apresentam como maior distinção os objetivos traçados para a pesquisa e não as etapas de mudança investigadas.

2. Procedimentos metodológicos

Para realização desta pesquisa foram selecionadas o total de 453 ocorrências da sequência “com isso” dos *corpora* diacrônicos *Tycho Brahe* (séculos XIV a XIX) e *Vercial* (séculos XV a XX), acessados pelo site Linguateca.pt e do *corpus* sincrônico do *Now*, site *Corpus do Português* (www.corpusdoportugues.org). Nos *corpora* diacrônicos, coletamos a totalidade de dados disponíveis; na aba *Now*, restringimos à coleta dos dados ao total de cem ocorrências dada a extensão do *corpus*. Convém destacar que não há uma padronização quanto ao números de palavras por século nos *corpora* diacrônicos, podendo haver, desse modo, discrepâncias no que diz respeito à produtividade e aos usos

do objeto “com isso”. Vejamos no quadro a seguir o número específico de ocorrências coletadas nos *corpora* mencionados:

COM ISSO	
<i>Tycho Brahe</i>	78
<i>Vercial</i>	275
<i>Now</i>	100
Total:	453

Quadro 2 -Produtividade de ocorrências de “com isso” nos Corpora selecionados. Fonte: Elaboração própria

Após descarte de dados duplicados e das ocorrências em que “com isso” atua como objeto direto, complemento nominal e complemento circunstancial, tomamos por base 231 ocorrências para fins de análise (47 – *Tycho Brahe*; 114 – *Vercial*; 70 – *Now*). As funções mencionadas foram descartadas a partir do entendimento de que é na função de adjunto adverbial que “com isso” promove a mudança entre um uso menos procedural e a função conectora.

O tratamento dos dados se faz por análise qualitativa e quantitativa (LACERDA, 2016; LOPES, 2022b). A análise qualitativa nos auxilia na interpretação dos dados, a quantitativa se faz necessária nos aspectos relacionados à produtividade dos usos, mais especificamente, à frequência em que “com isso” atua nos contextos típico, atípico, crítico e isolado em cada século investigado.

Os fatores observados na presente pesquisa são: a) posição do objeto “com isso” na unidade discursiva – a mobilidade posicional de “com isso” para a margem esquerda parece corroborar para a mudança de uso; b) adjunção a elemento conector – bastante frequente nas ocorrências investigadas, parece contribuir para que o objeto sob análise, por meio de pressões contextuais, assumam posteriormente a função conectora; c) classificação do contexto de mudança com base na proposição de Diewald (2006): contexto típico – uso mais lexical, “com isso” posicionado imediatamente após o termo regente, na margem direita. Contexto atípico – “com isso” anteposto ao termo regente, margem esquerda. Contexto crítico – “com isso” anteposto ao termo regente e adjunto a conector. Contexto isolado – “com isso” autônomo, atuando como conector, posicionando-se à margem esquerda de orações, períodos ou parágrafos.

Nos casos em que “com isso” atua na função conectora – contexto isolado – denominamos as unidades discursivas que antecedem e sucedem o uso do conector como D1 e D2, respectivamente. Assim procedemos com base em Traugott (2021).

3. Resultados preliminares

Esta seção se propõe a apresentar alguns dados dentre as 231 ocorrências analisadas do conector “com isso”. Para tal, abordaremos o uso que antecede a mudança – típico, bem como os três contextos de mudança - atípico, crítico e isolado (DIEWALD, 2006), evidenciando ocorrências de cada século contemplado nesse estudo.

Contexto típico

Conforme enunciado, o contexto típico corresponde ao uso originador de “com isso”, fase em que os itens são mais lexicais, menos vinculados, mais composicionais e que se encontram mais integrados ao termo regente. Neste estágio, “com isso” posiciona-se imediatamente após o verbo ao qual se refere, isto é, à margem direita, apresentando-se, desse modo, em ordem direta – sujeito / verbo / complemento. Vejamos as ocorrências correspondentes a esse contexto identificadas nos séculos como ilustração:

5) Jesu como vai fundada por vossa vida senhor que vades **com isso** ao cabo vós sentis como diabo vós sois-me tam dezidor mais há de que vos eu gabo. (*Tycho Brahe – século XVI - AntRChi-Teatro, António_Ribeiro_Chiado-43164*)

6) O mesmo dizemos dos Ecclesiasticos, que tem poder supremo no temporal; porque militaõ nelles as mesmas razoens, e não ha direito, que lho prohiba: e como pódem pôr Juizes nos Tribunais, que sentencem causas criminaes, pódem pôr exercitos em campo, que conservem illesa a sua Republica; porque não intentaõ **com isso** diretamente homicidios, senaõ actos de fortaleza, que he virtude. (*Tycho Brahe – século XVII - MandCos-A_arte_de_furtar-35441*).

7) Cornucópia, vale, vel valete. CORNUCÓPIA Que dizes **com isso**? MERCÚRIO Que assim se vai quem se despede em Latim. (*Vercial – século XVIII - "Anfitrião_ou_Júpiter_e_Alcmena Teatro:teatro AJS 1736 masc "*)

8) O quê, senhor Condestável? Este hábito, esta cruz (apontando para a cruz da Ordem que traz no peito), esta idade? -- Não vos prendais **com isso**, valentes cavaleiros de D. João I. o que é isso para os vencedores, para os libertadores da pátria. (*Vercial – século XIX -"O Alfageme de Santarém Teatro:teatro AG 1841 masc "*)

9) Pareceu ao sr. D. Guimarães afirmar no seu Bernardim Ribeiro, cap. XX, que 'ses dois versos: Em meus olhos agravados Vereis se tenho razão aludem a uma Cantiga de Bernardim Ribeiro, provando **com isso** que a Cantiga do Crisfal, 'trofe 63 a 66 lhe pertence: «Ora essa Cantiga de Bernardim Ribeiro é precisamente uma das que constituem a Égloga Crisfal, e que o poeta faz cantar à personagem que figura com o nome de Maria. (*Vercial – século XX -"História da Literatura Portuguesa Vol. II Prosa:historia TB 1912 masc"*)

10) "Que a luta olímpica no Amazonas é respeitada e é uma referência para os outros estados, já é fato. Nossa responsabilidade só aumenta **com isso**, e a Sejel está empenhada em dar continuidade nesse trabalho. (Now – século XXI – Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/esportes/news/lutador-amazonense-representara-o-brasil-no-pan-americano-de-wrestling>. Acesso em: 22 set. 2022).

Inicia-se a exposição pelo século XVI, tendo em vista que entre as ocorrências investigadas não se observa a função de adjunto adverbial no século XV, assim como a função conectora nesse e nos demais contextos. Nas ocorrências apreciadas, *com isso* apresenta-se após o verbo, encontrando-se, desse modo, mais integrado sintática e semanticamente ao elemento a que se refere. Em (5) temos *vades com isso*; em (6), *intentam com isso*; em (7), *dizes com isso*; em (8), *prendais com isso*; em (9), *provando com isso* e em (10) *aumenta com isso*. De acordo com o subprincípio da proximidade (ou integração) “informações mais próximas na nossa mente se encontram mais próximas, na estrutura linguística, portanto, o que está formalmente junto está conceitualmente junto” (OLIVEIRA, 2022, p. 75). Em outras palavras, quanto mais próximos os conteúdos, mais integrados cognitivamente. A mobilidade de “com isso” na função de advérbio possibilita a mudança de posição para a margem esquerda, tornando a sua integração com o termo regente mais frouxa como se observa nos próximos estágios.

Contexto atípico

No contexto atípico, “com isso” se antepõe ao termo regente, posicionando-se à esquerda de tal elemento, provavelmente, como estratégia do falante/escritor de colocar em primeiro plano o que acredita ser a informação mais importante (focalização). A ambiguidade semântica pressuposta por Diewald (2006) para esse contexto, não se observa nas ocorrências do objeto sob análise. Traugott e Trousdale (2021 [2013], p. 337) asseveram que embora “o registro textual sugira que muitas instâncias de construcionalização gramatical foram precedidas por ambiguidades (...), isso nem sempre acontece”. Assume-se que “com isso” anteposto ao elemento subordinador se enquadre nesse estágio pelo fato de que esse passo de mudança corrobora para o seu uso posterior na função conectora. Com base nos dados investigados, o contexto atípico – anteposição ao termo regente – não é identificado nos séculos XV, XVII e XXI. Trata-se de um uso menos recorrente em relação aos demais contextos de mudança de acordo com os *corpora* examinados, como veremos mais adiante no Quadro 3. Vejamos as ocorrências identificadas:

11) Deixou conde dAtouguia e nam quis ser regedor deixou rendas, fidalguia, honras, privança, valia, por servir Nosso Senhor; e quem bem quiser olhar he muito pouco deixar por Deos quanto caa se alcança pois ha bem aventura **com isso** pode alcançar. (*Vercial – século XVI - "Livro das Obras Prosa: historia GR 1545 masc"*).

12) A que delRey, que me matas! Ingrata, **com isso** pagas o meu amor? (*Tycho Brahe – século XVIII – AJSJ – teatro cômico português, Antonio José da Silva, o Judeu – 104100*).

13) A vinda frequente do Sr. Paulo e a ausência completa de Álvaro de Sousa é motivo de murmuração na vizinhança. -- Quer **com isso** dizer que não a sacrifique à murmuração dos vizinhos? (*Vercial – século XIX - "A Filha do Arcediago Prosa: romance CCB 1854 romantismo masc"*).

14) Fere-o aludindo ao enxovalho do hábito monacal: Porque se vos enganais com ter a roupa comprida, **com isso** não me fartais, que o que jaz nela metida quero que me o digais.

(*Vercial = século XX - "História da Literatura Portuguesa Vol. II Prosa: história TB 1912 masc"*).

Na ocorrência (11), *com isso* antecede a locução verbal “pode alcançar”, posicionando-se, desse modo, à margem esquerda da expressão a qual se refere. O enunciador fala sobre um Frei que para servir a Deus renunciou rendas, honras etc., posteriormente assevera que abdicar de tais coisas por Deus é pouco tendo em vista que a bem-aventurança *com isso* pode alcançar. Nesse caso, o enunciador focaliza, por meio da anteposição, o meio pelo qual se pode alcançar a bem aventurança, deixando em segundo plano o fato de poder alcançá-la. Em (12), o foco está no meio pelo qual se paga o amor do enunciador – *com isso pagas* o meu amor. Em (13), o meio pelo qual se diz algo é posto em primeiro plano, antepondo-se ao ato de dizer – *com isso dizer*. Em (14) temos: *com isso* não me *fartais*, observa-se o advérbio “não” e o pronome “me” entre *com isso* e o verbo *fartar* (termo regente). A presença de elementos intervenientes evidencia maior distanciamento entre o objeto investigado e o elemento subordinador. Assim como nas ocorrências anteriores, nesta, o meio pelo qual se realiza alguma ação é focalizado.

Evidenciados os exemplos desse contexto, convém sinalizar que a anteposição é mais vinculada ao termo subordinador se comparada ao nível de vinculação presente no contexto crítico, o qual evidencia-se a seguir.

Contexto crítico

No contexto crítico, conforme enunciado previamente, além da mudança semântica, há mudança ao nível da estrutura (Diewald, 2006). Em se tratando do objeto sob análise, verifica-se, nesse estágio de mudança, além da anteposição ao termo regente, a adjunção a um conector. Vejamos as ocorrências que seguem como ilustração:

15) Quando o papa Pio Quinto quis fazer liga com alguns cristãos contra o grão-turco Selim Segundo, que vitorioso com a conquista de Chipre ameaçava Itália, e os mais reinos da cristandade, escreveu a El-rei Dom Sebastião, pedindo-lhe entrasse na liga, porque **com isso** só tinha grande esperança do bom sucesso pelo valor dos portugueses, e prática militar que tinham da guerra dos turcos; e para mover a El-rei, o advertia ser

notório o zelo que sua majestade tinha de dilatar a fé, e ser próprio dos reis de Portugal ocupar-se em semelhantes guerras, como a experiência o havia mostrado. (*Tycho Brahe – século XVI – AntBra-Monarchia_Lusitana-21718*).

16) E se nem assim se puder o negócio ajustar, recorrer-se-á às vias do mar e aos pacabotes ingleses, porque qualquer meio será menos mau que o de admitir o exame e avaliação dos diamantes que se pretende fazer em Espanha, e **com isso** dar lugar a que se intente o mesmo em outras partes. (*Tycho Brahe – século XVII –AleGus-Cartas_Alexandre_de_Gusmão-67294*).

17) E eu que tenho com isso? SARAMAGO Pois, Senhor, já que não me bastou ser um Saramago nascido das ervas, para deixar de ser invejado o meu nome, peço-te que, ao menos, me deixes ser a tua sombra, que **com isso** me contento. (*Vercial – século XVIII – “Anfitrião_ou_Júpiter_e_Alcmena Teatro:teatro AJS 1736 masc”*).

18) A fúria ia quase fazendo agudo o triste Mater-Galla. Nem **com isso**, porém, alcançou pôr termo ao tom de mofa dos cavaleiros. A resposta à injúria do burguês foi, como até aí, uma risada geral. – Assim seja! – continuou o camareiro. (*Tycho Brahe – século XIX – “O_Monge_de_Cister_I Prosa:romance AH 1848 romantismo_histórico masc”*).

19) Tem demais para eu fazer dela maior ‘timação dar-se por seu pai por parente de António Galvão; e ‘timarei muito que seja agradável a V. Maj. O presente, para **com isso** mandar outros semelhantes; mas não lhe há-de ficar ‘te barato a V. Maj., porque depois de o ouvir cantar me há-de a mim ouvir chorar minha pouca fortuna, mas celebrar no meio dela, que já que não presto para outra cousa, preste para moço de mandados, já aqui, já acolá; e contudo não quero que tenha nome de queixa, o que agora direi, etc. (*Vercial – século XX – “História_da_Literatura_Portuguesa_Vol._III Prosa:historia TB 1914 masc”*).

20) Com o seu lançamento tendo acontecido no mês de abril, o filme Shazam! Voltou a ganhar novidades recentemente após diversas cenas deletadas serem reveladas na internet. E **com isso**, o seu diretor acabou também respondendo alguns fãs. (Now – século XXI – Disponível em: <https://www.jornadageek.com.br/novidades/shazam-diretor-fala-sobre-cena-deletada/>. Acesso em: 19 set. 2022).

Nas ocorrências em tela, verifica-se a anteposição de *com isso* em relação ao termo regente e sua justaposição a um elemento de conexão. Assim, o objeto em foco aproxima-se de uma posição conectora, porém ainda sem autonomia e com traços mais adverbiais. Nos dados evidenciados, *com isso* se apresenta do seguinte modo: *porque com isso só tinha* grande esperança (15); *e com isso* dar lugar a que se *intente* (16); *que com isso* me *contento* (17); *Nem com isso, porém, alcançou* (18); *para com isso mandar* outros semelhantes (19); *E com isso, o seu diretor acabou também respondendo* alguns fãs. (20).

Assume-se nessa pesquisa que, em decorrência da constante justaposição a um elemento de conexão – mudança ao nível da estrutura –, *com isso* passa a herdar propriedades do conector ao qual se adjunge – mudança semântica. Observa-se um vínculo menor, isto é, uma menor integração entre *com isso* e o termo regente nesses casos, evidenciando maior frouxidão. Entre os exemplos explicitados, é possível a retirada de *porque* em (15) de *que* em (17) e de *E* em (20) sem que haja prejuízo de sentido. Desse modo, argumentamos que por meio de processos metonímicos *com isso* adquire traços dos conectores aos quais se justapõe.

O contexto crítico antecede o contexto isolado, no qual contempla-se o uso consolidado de “com isso” na função conectora, fase em que apresenta maior autonomia. Passemos a exposição de tal contexto.

Contexto isolado

No contexto isolado o processo de construcionalização (criação de um novo pareamento forma-significado) é consolidado. Nesse estágio, “com isso” se isola da função mais lexical e não só se antepõe ao termo regente, como também não mais se adjunge a um elemento conector. O objeto sob análise assume, portanto, a função conectora, apresentando maior frouxidão em relação ao termo regente e maior autonomia. Atuando como conector, “com isso” sinaliza entre as unidades discursivas os sentidos de tempo, consequência, conclusão e elaboração, tal como visto em Silva (2022) e explicitado na introdução deste trabalho. Vejamos os exemplos que seguem:

21) Que desculpa posso eu dar Melhor que 'te meu cuidado? Moço E não há mais que fazer? **Com isso** a boca me tapa Para mais nada dizer? AURÉLIO Ora dá-me cá 'sa casa, E vamos ver o que quer. (*Vercial – século XVI - "Auto_dos_Anfatriões Teatro:teatro LVC 1587 masc "*).

22) Com isto me deveis haver por desobrigado do cargo que me destes; e posto que as horas, que são passadas da noite, culpam a minha tardança, a matéria a pedia, inda que o desejo de não enfadar me aconselhasse outra cousa. -- Tendes dito todas tão bem (respondeu ele) que a prática e a noite pareceu breve. **Com isso** vamos a descansar para na guerra de amanhã entrarmos mais esforçados. -- Nessa me dou já por vencido (disse ele). -- E eu por atalhado (acudiu Alberto) ; e todos se despediram com os olhos naquela Corte pintada, que inda com as sombras da verdadeira enganava os sentidos. (*Vercial – século XVII - "Corte_na_Aldeia Prosa:cronica FRL 1618 masc"*).

23) Em.^a em Ministros, que eu não posso. Esta e outras fábulas com que nos iludem continuamente é que vão minando os Tronos todos da Europa e increpando os Soberanos dos erros que não teem. **Com isso** desesperam as almas honestas que desejam unicamente o que inspira a honra e a verdade. Dêste modo, ¿quem pode descansar? (*Tycho Brahe – século XVIII - MardAlo-Cartas,_Marquesa_de_Alorna-5023*).

24) Eu creio que disse absurdos superiores a todo o elogio. Ataqueei o sexo fraco pelo órgão único da sua fortaleza: a língua. **Com isso** o que fiz foi atizar a fúria da eloquência em muitas línguas que respeito. Querendo corrigir um erro, incitei-o, provocando murmurações que me hão-de custar caras, se as benévolas leitoras retirarem a este livro a sua protecção. Mas eu creio que não tenho uma leitora só das que falam muito, porque as grandes faladoras não lêem nada. *Vercial – século XIX - "Um_Homem_de_Brios Prosa:romance CCB 1856 romantismo masc"*).⁴

25) "A CEO da Puratos, Simone Torres, que Carolina acompanhou no programa no ano passado, ressalta que é importante o estudante conversar com o executivo antes do dia da visita, para saber qual será a agenda, o que vai ser discutido e, **com isso**, ir mais bem preparado. Além disso, diz a empresária, o jovem não deve se intimidar por estar ao lado de profissionais de "alta patente". (*Now – século XXI - Disponível em:*

4 A função conectora de “com isso” não é identificada no século XX de acordo com os *corpora* selecionados, razão pela qual não se apresenta ocorrência desse período na exposição dos dados referentes ao contexto isolado.

<https://economia.estadao.com.br/blogs/radar-do-emprego/autenticidade-conta-em-selecao-do-ceox1dia-dizem-jovens/>. Acesso em: 14 out 2022).

Os primeiros usos autônomos de *com isso* entre os dados investigados pertencem ao século XVI, tal como se verifica na ocorrência (21). Nela, *com isso* posiciona-se no início de um período, fazendo referência a períodos anteriores, o que evidencia maior autonomia. Em D1 o falante declara: *Que desculpa posso eu dar Melhor que 'te meu cuidado? Moço E não há mais que fazer?* – e em D2: **Com isso** *a boca me tapa Para mais nada dizer? AURÉLIO Ora dá-me cá 'sa casa, E vamos ver o que quer* – o conector sinaliza o sentido de tempo entre as unidades discursivas, uma vez que sequencia fatos temporalmente encadeados, sendo seu uso equivalente à expressão “depois disso”.

Na ocorrência (22), *com isso* sinaliza o valor de elaboração entre as unidades discursivas D1 e D2. O conector introduz período que visa a justificar o ato de fala anterior. Em (23), o objeto sob análise sinaliza uma consequência, uma vez que o desespero das almas (D2) resulta das fábulas que iludem e minam os tronos (D1). Em (24), o enunciador expõe em D1 que atacou o sexo fraco por meio da língua, em D2 explica que o seu feito atizou a fúria da eloquência em muitas línguas que respeita. Trata-se, assim como em (22), de uma elaboração por corresponder a uma justificativa para asserção feita. Em (25), o conector *com isso* aponta que D2 estabelece uma conclusão para o conteúdo de D1, uma vez que a declaração da CEO corresponde à sua perspectiva sobre a preparação do candidato no processo de seleção para determinado programa, sendo, portanto, de natureza inferencial.

Observa-se na função conectora uma maior vinculação entre as partes constitutivas da construção, de modo que a soma desses elementos não sinaliza o valor semântico de tempo, consequência, elaboração e conclusão. Tais valores são inferidos pelo contexto em que a construção é instanciada. Assim, o objeto sob análise apresenta menor composicionalidade, em conformidade com a asseveração de Rosário e Oliveira (2016) no que diz respeito à tendência de a mudança linguística apontar para a redução desse fator.

Verifica-se também, nesses usos pertencentes ao contexto isolado, que “com isso” apresenta menor integração, visto que faz referência a uma porção textual mais ampla – oração, período ou parágrafo e não a um único termo ou locução. Entre os dados dos

corpora diacrônicos analisados, encontra-se, nesse estágio, somente conexão entre períodos, porém no *corpus* sincrônico é possível constatar os outros tipos de conexão, tal como explicitado na ocorrência (25) – conexão entre orações – e na ocorrência (1) – conexão entre parágrafos, apresentada no início deste trabalho.

Apresentados os passos de mudança do conector “com isso”, a figura a seguir evidencia uma escala que vai da maior a menor integração entre o objeto “com isso” e o termo a que se refere. Vejamos:

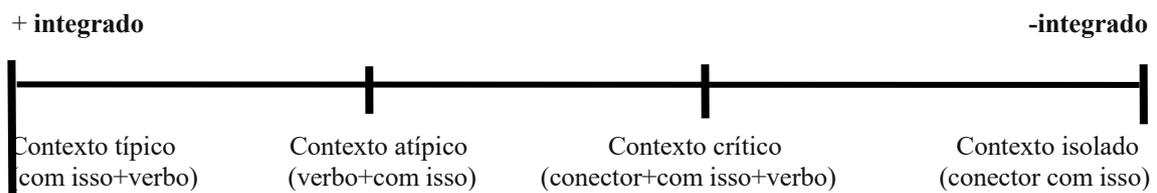


Figura 1 – Gradiente da integração de “com isso” em relação ao termo regente. Fonte: Elaboração própria

Como se pode observar, o contexto típico apresenta maior vinculação de “com isso” com o termo subordinador, seguido dos contextos atípico e crítico, os quais encontram-se medianamente vinculados, sendo este menos integrado ao verbo que aquele. No outro extremo, apresentando maior frouxidão, menor integração, temos o contexto isolado. Feitas as considerações sobre o nível de integração dos usos de “com isso” com o termo regente, passemos às informações acerca da produtividade dos usos no que tange aos contextos de mudança postulados por Diewald (2006). Para tal, vejamos o quadro que segue:

Século	Contexto típico	Contexto atípico	Contexto crítico	Contexto isolado
XV	-	-	-	-
XVI	11	2	9	3
XVII	4	-	20	2
XVIII	4	1	3	2
XIX	67	2	16	7
XX	2	1	5	-
XXI	5	-	6	59
Total:	93	6	59	73

Total geral: 231

Quadro 3- Contextos de mudança das instanciações de “com isso” por século. Fonte: Elaboração própria

Embora os *corpora* investigados contemplem o século XV, não se verifica ocorrências do objeto investigado na função adverbial ou conectora nesse período. Conforme evidencia o Quadro 3, a função adverbial é bastante produtiva, apresentando

maior recorrência no contexto típico, sobretudo no século XIX. O contexto atípico é pouco frequente, totalizando apenas 6 ocorrências. Em geral, quando anteposto ao elemento ao qual se refere, “com isso” se adjunge a um conector (contexto crítico), nesse estágio verificam-se 59 ocorrências. A função conectora é pouco frequente até o século XX e produtiva no século XXI. De um modo geral, com base nos *corpora* selecionados, a partir do século XVI, os contextos de mudança perpassam todos os séculos contemplados, com exceção do contexto atípico nos séculos XVII e XXI e do isolado no século XX.

4. Considerações finais

Examinamos, neste artigo, o conector “com isso” com o objetivo de descrever seus usos em perspectiva panorâmica e de traçar uma rota do uso como termo da oração (função adverbial) até o uso na função conectora. A partir das ocorrências investigadas, verifica-se que a mudança de posição de “com isso”, na função de adjunto adverbial, para a margem esquerda favorece a formação do novo uso. Considerando que “com isso” posposto ao termo ao qual se refere corresponde ao contexto típico, uso que antecede os demais contextos, verifica-se o seguinte percurso para a atuação do objeto no âmbito da conexão: 1) “com isso” antepõe-se ao termo regente (contexto atípico); 2) “com isso” anteposto ao termo regente, adjunge-se a elemento conector passando a herdar traços deste em virtude das pressões contextuais decorrentes da frequência desse uso (contexto crítico); 3) “com isso” assume a função conectora, apresentando maior autonomia (contexto isolado), sendo o primeiro uso como conector identificado no século XVI entre os dados analisados.

No primeiro estágio de mudança, “com isso” apresenta um nível de maior integração com o termo ao qual se refere. Esse nível de integração é reduzido nos demais contextos de mudança, atingindo o menor grau no contexto isolado, fase em que “com isso” passa a se referir a porções mais amplas do texto e não somente a um único elemento ou locução verbal. Observa-se também nesse estágio, maior vinculação entre as partes que compõem a construção (com / isso), de modo que os sentidos de cada elemento não é recuperado, evidenciando menor composicionalidade.

No que diz respeito à produtividade, constata-se, com base nos dados investigados, alta frequência do contexto típico até o século XX, baixa produtividade do contexto atípico, recorrência do contexto crítico e poucos usos do contexto isolado até o século XX, com aumento de frequência no século XXI. Finalizando, convém destacar que a pesquisa sobre o conector “com isso” sob viés pancrônico está em fase de desenvolvimento, sendo necessário, portanto, maior aprofundamento sobre os usos e percurso de mudança.

Referências bibliográficas

CROFT, W. *Radical Construction Grammar, syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*, Düsseldorf, 2006. Disponível em: <https://www.constructions.uni-osnabrueck.de/wp-content/uploads/2014/06/2006-SI-Diewald-24-82-1-PB.pdf>. Acesso em: mar. 2023.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado. (Orgs). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ, 2013. Págs. 12-39.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; LACERDA, P. F. A. C. Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições. In: Mariangela Rios de Oliveira; Maria Maura Cezario. (Org.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. 1ed. Niterói: EDUFF, 2017, v. 1, p. 17-46.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at Work. The Nature of Generalization in Language*. New York: Oxford University Press, 2006.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 3rd. Edition. Londres: Hodder Arnold, 2004.

LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística/Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume Especial, 2016, p. 83-101.

LOPES, M. G. *Relações Coesivas e semânticas das construções conectoras [PREP isso] conect à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso*. 2019, 29 folhas. Projeto de Pesquisa. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras. Universidade Federal Fluminense.

LOPES, M. G.; MOURA, S. C. As construções conectoras [com isso] e [como se não bastasse (x)] na promoção da coesão híbrida: um estudo centrado no uso. *Soletras: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN*, nº 41, jan. – jun. 2021, p. 189-215. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/55575>.

LOPES, M. G. A construção [Xprep isso] no português. HAN, L; DEFENDI, C.L; XAVIER, L. G; LIMA-HERANDES; M. C.; VICENTE, R. B.; ZHANG, X. *Cognição, Língua, Cultura e Tradução. Um diálogo sem fronteiras e interdisciplinar*. Macau: Universidade Politécnica de Macau, 2022a, p. 126-155.

LOPES, M. G. Procedimentos metodológicos na análise de dados sincrônicos. In: ROSÁRIO, Ivo da Costa (Org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação*. Niterói. EDUFF, 2022b, p. 201-232.

LOPES, M. G.; SILVA, S. J. Propriedades coesivas e semânticas da construção complexa [com isso] à luz da linguística funcional centrada no uso. *Revista Confluência*, n. 62, p. 240-269, jan.-jun., 2022. Disponível em: < <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/521/739> > Acesso em 01 mar. 2023.

OLIVEIRA, M. R. Arbitrariedade e iconicidade. (Inter)subjetividade. Metáfora e metonímia. In: ROSÁRIO, Ivo da Costa (Org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação*. Niterói. EDUFF, 2022, p. 69-94.

OLIVEIRA, M. R.; SAMBRANA, V. R. M. A complementaridade da gramaticalização e da construcionalização para a pesquisa da formação de marcadores discursivos em português. *Matraga*, v. 29, n. 56, p. 318-333, mai./ago. 2022.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>.

SILVA, S. J. *Relações coesivas e valores semânticos da construção conectora [com isso] à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso*. 2022. 133 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói/RJ.

SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics. Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Peking: Peking University, 1990.

TRAUGOTT, E. C. A Constructional Perspective on The Rise of Metatextual Discourse Markes. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. 1-25, 2021.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

ABSTRACT

In the present work, we investigate the connector “com isso” in order to describe its uses as started by Silva (2022) and propose a route to change its use as a clause term (adverbial adjunct) to its use in the connecting function. To this end, the investigation is based on a panchronic, qualitative and quantitative approach (LACERDA, 2016), grounded on the theoretical assumptions of Use-Centered Functional Linguistics, henceforth LFCU (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; ROSÁRIO and OLIVEIRA, 2016; TRAUGOTT and TROUSDALE, 2021 [2013]; LOPES, 2022b among others). For the proposition of the course of change, the research is based on the postulate of Diewald (2006). The database consists of occurrences extracted from the diachronic corpora Tycho Brahe and Vercial (both accessed through the Linguateca.pt website) and from the synchronic corpus Now, from the Corpus do Português website. Preliminary analyzes indicate that the syntactic rearrangement of “com isso” in the adverbial function favored its new use as a connector. Firstly, “com isso” is placed before the verbal phrase, then, in addition to the preposition, there is an adjunction to the connecting element and, due to contextual pressures arising from the frequency of this use, “com isso” assumes the connecting function. Based on the investigated data, the first occurrence as an autonomous connector dates from the 16th century.

Keywords: Connector “com isso”; LFCU; panchrony.

**USOS SEMÂNTICO-PRAGMÁTICOS DE ALIÁS:
UMA ANÁLISE CENTRADA NO USO
SEMANTIC-PRAGMATIC USES OF “ALIÁS”:
A USAGE-BASED ANALYSIS**

Nice da Silva Ramos (UFF)

RESUMO

Investigamos a construção *aliás* com foco em seus aspectos semântico-pragmáticos, utilizando o aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, da Linguística Textual e da Argumentação. Grande parte das obras de caráter normativo classifica *aliás* como palavra denotadora de retificação e/ou advérbio. Nossa hipótese central é que esse elemento é marcado por expressiva multifuncionalidade em termos sintáticos e semântico-pragmáticos, indo além da visão tradicional. Considerando a natureza fortemente argumentativa de *aliás*, o *corpus* escolhido é constituído por um conjunto de teses de doutoramento e dissertações de mestrado, em Letras Vernáculas, defendidas na UFRJ, nos anos de 2014, 2015 e 2016, disponíveis em <http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br>. Analisamos um total de 60 trabalhos, a partir dos quais verificamos 226 usos de *aliás*. Os resultados apontaram que *aliás* desempenha o papel de operador argumentativo em 100% das instâncias, articulando sintagmas, orações, períodos e parágrafos. Além disso, essa construção é utilizada na língua portuguesa padrão em sete diferentes posições: *inicial absoluta entre períodos*, *inicial absoluta entre parágrafos*, *inicial não absoluta*, *intermediária intraclausal*, *intermediária interclausal*, *parentética* e *final*. Sobre os valores semântico-pragmáticos de *aliás*, atestamos os seguintes: *inclusão de argumentos*; *inclusão e propulsão*; *inclusão e realce*; *realce e propulsão*; *realce*; *retificação absoluta*; *retificação parcial*.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso; multifuncionalidade; *aliás*.

Introdução

Segundo a Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), a força do discurso, nas diversas situações interacionais, molda as estruturas linguísticas, por meio de novas construções, novos significados e retomando velhos usos, adaptando a língua às necessidades comunicativas em níveis sintáticos, semânticos e discursivo-pragmáticos. Segundo Furtado da Cunha (2013, p. 174), “se a função mais importante da língua é a contínua interação entre as pessoas, [...], essa função deve, de algum modo, condicionar a forma do código linguístico”. Nessa perspectiva, pesquisadores funcionalistas enfatizam a importância do uso de dados reais, visando a análises linguísticas mais completas e coerentes.

Portanto, o estudo empreendido acerca de *aliás* segue, precipuamente, os moldes do Funcionalismo Linguístico, mais precisamente os pressupostos da LFCU. Desde já, consideramos que *aliás* é uma construção, ou seja, um pareamento de forma e significado, como ficará mais explicitado na Fundamentação Teórica.

Os dados extraídos para a investigação das instanciações de *aliás* são de um conjunto de teses de doutoramento e de dissertações de mestrado, em Letras Vernáculas, defendidas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (doravante UFRJ). Com isso, objetivamos levantar os valores semântico-pragmáticos associados a *aliás*, quando usado no domínio acadêmico, em sequências argumentativas.

A gramática tradicional dá um enfoque compartimentalizado e, portanto, limitado, aos conceitos e classificações dos itens gramaticais. Em uma visão funcionalista, não há de se contemplar tal ideia, tendo em vista a multifuncionalidade que pode ser observada nos elementos linguísticos, identificada nas situações reais de interação. Por isso, nossa hipótese é que *aliás* é marcado por alta multifuncionalidade, a partir de contextos de uso em que é recrutado.

Grande parte das obras de caráter normativo, como Cunha e Cintra (1985, p. 540-541), classifica essa construção como *palavra denotadora de retificação*, enquadrando-a no rol das palavras que, a rigor, não estão incluídas entre os advérbios. Contudo, no dado (1), a seguir, podemos observar o equívoco a respeito dessa limitação categórica:

(1) Catalisando lirismo e imaginação, de forma sucinta, citamos a décima estância e a final de “Sumário lírico”, presentes em *Cenas vivas*, avivando essa memória imaginativa, que evoca, de modo oblíquo, aqueles poetas acima citados, pelas imagens tão singulares do poema; eles, nos albores da poesia moderna, retornam liricamente, outra vez, ao coração, através do poema de Fiama, guiados pelos golfinhos, que emanam um lirismo marinado, temperado como o sangue romântico, sem a doçura do cânone sentimental, com a luz da razão dos novos tempos, aliás. (SARAIVA, Tese/UFRJ, 2015, p. 108)

Em (1), observamos que *aliás* não retifica o discurso ou parte dele. Nesse caso, sua classificação como operador argumentativo é mais assertiva, pois, nessa instância de uso, *aliás* realça o argumento que ratifica os argumentos anteriores, reforçando, inclusive, o argumento de contraexpectativa (“sem a doçura do cânone sentimental”). Logo, esse

uso de *aliás* não *retifica*, mas *ratifica* informações já dadas. Em outras palavras, *aliás* cumpre um papel diametralmente oposto ao que é normalmente preconizado pelas gramáticas tradicionais. Essa constatação, deve-se frisar, é uma das motivações para este trabalho.

1. Pressupostos teórico-metodológicos

Nesta seção, abordamos o aporte teórico que sustenta o estudo da multifuncionalidade de *aliás*, além dos procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa.

A Linguística Funcional Centrada no Uso

Adotamos a LFCU como uma das teorias linguísticas que fundamentam o trabalho, uma vez que a construção *aliás* é tratada de forma empírica, calcada nos usos efetivos da língua. Nosso objetivo é analisar o recrutamento de *aliás* em dados reais, conforme os contextos linguísticos e extralinguísticos, empregando um tratamento holístico à análise.

A LFCU concebe a linguagem como meio de interação social, entre interlocutores reais, e não ideais, conforme postulam as abordagens formalistas. Além disso, como assevera Sousa (2015, p. 86), é premissa, em qualquer teoria linguística funcionalista, a motivação advinda de fatores externos aos sistemas linguísticos, nas estruturas gramaticais, pelo menos em parte. Isto é, as mudanças linguísticas não são totalmente livres, coexistindo entre si aspectos dinâmicos e aspectos estáticos.

Os aspectos dinâmicos referem-se às estratégias utilizadas pelos interlocutores na produção linguística, ou seja, à individualidade com que cada membro da comunidade se expressa verbalmente. Os estáticos, por sua vez, referem-se ao “conjunto de regularidades linguísticas, como o modo ritualizado ou comunitário do uso” (OLIVEIRA; VOTRE, 2009, p. 99). Tais aspectos constituem as noções de discurso e gramática, tão caras à pesquisa funcionalista na vertente da LFCU, que associa ao discurso a liberdade e a autonomia na expressão linguística, e à gramática a sistematização das formas de expressão.

Assumindo a existência dos aspectos dinâmicos e estáticos, Bybee (2016) assevera que há nas línguas regularidade de padrões e, ao mesmo tempo, variações que decorrem em todos os níveis. A afirmação da autora coaduna com a ideia de que “uma teoria

da linguagem poderia estar focada nos processos dinâmicos que criam as línguas e que conferem a elas sua estrutura e sua variância” (BYBEE, 2016, p. 18).

A LFCU defende, dessa maneira, a ideia de que a sintaxe de uma língua não é autônoma, tão pouco independente de fatores socioculturais. Segundo Furtado da Cunha e Bispo (2013), as categorizações conceituais e linguísticas são análogas (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013, p. 56), tanto o conhecimento de mundo quanto o conhecimento linguístico seguem basicamente os mesmos padrões. Para esta pesquisa, assumimos *aliás* como uma construção motivada pelos seus contextos de uso, nos termos da LFCU. Nesse viés, entendemos a construção conforme postulado por Goldberg (2006), que afirma que “qualquer padrão linguístico pode ser reconhecido como uma construção” (GOLDBERG, 2006, p. 5).

Segundo a autora, as construções podem variar de níveis mais atômicos, como os morfemas simples, até níveis mais complexos, como os da organização textual ou padrões textuais, desde que haja um conteúdo semântico-pragmático associado a uma determinada forma. Assim, assumimos esse amplo conceito de construção, que abarca um grande número de unidades linguísticas, dispostas de forma gradiente, não havendo entre elas a discreto defendida pelas gramáticas tradicionais.

Diante do exposto, reiteramos que *aliás* é, de fato, uma construção. Trata-se, sem dúvida, de uma visão inovadora, uma vez que o foco dos autores construcionistas tem sido as construções complexas, a exemplo das argumentais. A construção *aliás*, apesar de ter uma estrutura simples, é imbuída de conteúdo significativo. Além de aferir retificação, segundo as gramáticas tradicionais, também possibilita o encadeamento discursivo, incluindo e dando relevo aos argumentos presentes nos textuais. Logo, detém forma e função específicas.

Trousdale (2008, p. 42, tradução nossa) considera uma definição mais geral de construção, postulada por Croft (2005, p. 274): “*Grosso modo*, uma construção é uma rotina entrincheirada, enraizada (‘unidade’), que é geralmente usada na comunidade de fala (‘convencional’), e envolve um par de forma e significado (‘simbólico’)”⁵.

5 “Roughly, a construction is an entrenched routine (‘unit’), that is generally used in the speech community (‘conventional’), and involves a pairing of form and meaning (‘symbolic’)”. (CROFT, 2005: 274)

Dessa forma, concluímos pela natureza convencional de *aliás*, uma vez que essa construção é recrutada na comunidade de fala, de forma mais frequente ou menos frequente, em determinados contextos de uso, e por seu *status* de unidade simbólica, pois se trata de uma estrutura enraizada, envolvendo um par de forma e significado, que se justifica mediante uma análise centrada no uso.

Ao lado da sintaxe e da semântica, as circunstâncias pragmáticas são consideradas bastante relevantes pela abordagem funcionalista. É nesse nível de investigação que se buscam os contextos e os propósitos comunicativos dos interlocutores, no uso concreto da língua, caracterizado pela interação e pelas questões sociais, bem como pelos processos cognitivos inerentes à situação de comunicação.

Na Seção 3.2, abordamos a Linguística Textual (LT) também eleita como aporte teórico imprescindível à realização desta pesquisa, uma vez que essa teoria se coaduna com a LFCU, investigando os elementos linguísticos inseridos nos contextos que viabilizam a interação entre os interlocutores.

A Linguística Textual

Consideramos que essa teoria se coaduna com a LFCU, investigando os elementos linguísticos inseridos nos contextos que viabilizam a interação entre os interlocutores. Inicialmente, a LT, segundo Koch (1997, p. 68), buscou encontrar as regras para o encaideamento de sentenças, englobando sequências maiores de frases, a partir da ampliação dos métodos utilizados na análise sentencial. Com isso, a análise passou do nível da frase ao nível transfrástico. Ainda segundo a autora,

O texto, nesse momento, é definido como "sequência pronominal ininterrupta" (Harweg, 1968) ou "sequência coerente de enunciados" (Isenberg, 1970; Bellert, 1970). Tanto estudiosos da linha estruturalista, como da linha gerativista dedicaram-se a pesquisar tais questões. (KOCH, 1997, p. 68)

Observamos, assim, que o texto era definido como uma sequência de enunciados ("frases complexas"), a despeito de elementos (contextuais) que, até então, eram desconsiderados na proposta de análise da LT.

Na segunda metade da década de 1960, época do surgimento da LT, os pesquisadores, em sua maioria, voltavam-se às análises transfrásticas, assim como à construção de gramáticas do texto. Dessa forma, priorizava-se o estudo da coesão que, por vezes, era equiparada à coerência, uma vez que tais conceitos eram considerados propriedades do texto.

É importante salientar que os trabalhos desenvolvidos por esses pesquisadores se davam em função do conceito de texto predominante à época. Em sua fase inicial, o conceito de texto predominante era de base gramatical, isto é, o “texto como frase complexa ou signo linguístico mais alto na hierarquia do sistema linguístico” (KOCH, 2017, p. 12). Esse fato suscitou algumas críticas sobre o tipo de análise empreendida em função do conceito de texto que, até então, vigorava. Dessa forma, Bakhtin (1978) assevera que

A sintaxe das grandes massas verbais [...] espera ainda ser fundada; até o presente, a linguística não avançou cientificamente além da frase complexa: é o fenômeno linguístico mais longo cientificamente explorado. Dir-se-ia que a linguagem metodicamente pura da linguística para aí [...] E, no entanto, pode-se desenvolver ainda mais a análise linguística pura, por mais difícil que isso possa parecer e por mais tentador que seja introduzir aqui pontos de vista estranhos à linguística. (BAKHTIN, 1978, p. 58 *apud* ADAM, 2011, p. 22)

Bakhtin (1978) manifesta-se contrário à proposta de análise em voga naquele momento, a qual considera limítrofe e incompleta, desconsiderando as “grandes massas verbais” que, até então, não eram abordadas cientificamente pela Linguística. Para ele, a Linguística, como ciência, não havia avançado para além das análises de frases isoladas. Além disso, segundo o autor, a “análise linguística pura” pode ser desenvolvida a partir de elementos considerados, até então, “estranhos” à perspectiva linguística. Logo, podemos concluir que o autor defendia a inclusão de elementos extralinguísticos nas análises linguísticas.

Assim como no entendimento hodierno da LT, partimos da premissa de que à construção linguística não basta uma análise isolada, tão pouco limitada à frase. Consideramos, dessa forma, uma análise para além dos itens linguísticos, das frases e do próprio texto, salientando a intervenção dos contextos que viabilizam o ato comunicativo na fala e na escrita.

A noção de contexto que adotamos neste trabalho é a incorporada, atualmente, pela pesquisa funcionalista na vertente da LFCU, que destaca a relevância de um “tratamento mais holístico” (OLIVEIRA, 2015, p. 22) na análise linguística. Trata-se de uma análise que considera, pelo menos, três fatores maiores e motivadores dos usos linguísticos: os estruturais, os cognitivos e os sócio-históricos.

Com o propósito de demonstrar os valores semântico-pragmáticos de *aliás*, para além do que determinam as gramáticas tradicionais (*palavra denotadora de retificação*), consideramos alguns aspectos que acreditamos serem motivadores do recrutamento dessa construção linguística.

Para tanto, observamos as situações de escolha do *aliás*, que envolvem os gêneros textuais (teses de doutoramento e dissertações de mestrado), de sequências argumentativas, os objetivos por trás dos argumentos que orientam o discurso, assim como o maior ou menor recrutamento de *aliás* nos textos analisados. Além disso, observamos os aspectos socioculturais dos usuários da língua, ao considerarmos trabalhos de cunho acadêmico, que demandam maior nível de monitoramento e maior rigor formal, produzidos, às suas épocas, por doutorandos e mestrandos.

Destacamos, para esta pesquisa, a preocupação da LT em extrapolar os limites textuais (centrados no texto), admitindo a exploração de traços de ordem situacional, sociocognitiva e cultural (centrados nos interlocutores). Portanto, os trabalhos dessa linha teórica mostram-se afins à nossa pesquisa, no que diz respeito a uma análise mais completa e consistente da construção *aliás* no plano discursivo.

Ademais, no âmbito da LT, o estudo dos articuladores discursivo-argumentativos, denominados por Koch (2017, p. 127) marcadores de articulação na progressão textual, muito contribui para o desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que essas marcas linguísticas são frequentes em textos argumentativos, mais especificamente, neste trabalho, nas teses de doutoramento e nas dissertações de mestrado.

Esses marcadores, responsáveis pela coesão, articulando partes do texto, podem operar em diferentes níveis. Segundo Koch (2017), na

organização global do texto, em que explicitam as articulações das sequências ou partes maiores do texto; no nível intermediário, em que assinalam os encadeamentos entre parágrafos ou períodos; e no nível microestrutural, em que articulam orações ou mesmo membros oracionais. (KOCH, 2017, p. 127)

Ainda segundo a autora, o *aliás* se enquadra entre os chamados “articuladores discursivo-argumentativos” que introduzem relações discursivo-argumentativas. Koch e Elias (2017, p. 123) destacam as funções dos articuladores textuais, dentre as quais a de “sinalizar relações discursivo-argumentativas”, determinando relações entre dois ou mais enunciados distintos. Esses articuladores são também denominados *encadeadores do discurso* e ocorrem entre orações de um mesmo período, entre dois ou mais períodos e entre parágrafos (KOCH; ELIAS, 2017, p. 132). São elementos que encadeiam o discurso, determinando-lhe a orientação argumentativa e, por isso, são também denominados operadores argumentativos.

Em (2), podemos verificar a função discursivo-argumentativa desempenhada por *aliás*, como operador argumentativo:

(2) [...] A primeira é louira, “com os curtos cabelos a escorrer, numa esmeranhão azevichada de molhadura, feita pela remota ausência de pente”; a outra, com “seu cabelo negro e penteado, suspenso atrás, destacava-se sempre, como de uma tela escura, umas contínuas brancas e cintilantes sobre a curvatura dourada de um pentezinho elegante e moderno”. Ambas terminam infelizes: Papagaio, pela morte; Marta, pelo casamento indesejado com um homem rico. *Aliás*, quase todos os personagens de Virgílio se desiludem pela carência de amor: afetivo-conjugal (“Tsar”, “Nera”, “Marta”) ou social (“Coração de Bronze” e “A Papagaio”). (VASCONCELOS, Tese/UFRJ, 2014, p. 122)

Em (2), *aliás* introduz um enunciado que exprime uma generalização (KOCH, 1993, 2017; KOCH e ELIAS, 2017) do fato contido no primeiro, encadeando dois atos de fala distintos, apresentados sob a forma de dois períodos. Segundo Koch (1993, 2017) e Koch e Elias (2017), os enunciados encadeados por *aliás*, em (2), são atos de fala distintos, pois são apresentados sob a forma de dois períodos e, ainda, podem ser proferidos por locutores diferentes.

Nesse caso, o *aliás* é responsável pela estruturação entre dois períodos: o primeiro, o tema, refere-se às personagens das quais se fala no texto: “Papagaio” e “Marta”. O segundo é o argumento decisivo, introduzido por *aliás*, a fim de comprovar o primeiro ato de fala, por meio de uma generalização, que confirma não só a “carência de amor”

dos personagens referenciados no primeiro enunciado, mas também de quase todos os personagens de Virgílio. Assim, a construção *aliás*, no dado (2), tem a função de generalizar o primeiro ato de fala, promovendo a orientação discursiva.

Em seqüências de atos de fala, conforme argumenta Van Dijk (1981), podemos flagrar o ato principal e os atos que são complementares (Van Dijk, 1981, *apud* KOCH, 2015a, p. 22-23). Em (2), por exemplo, podemos distinguir como ato de fala principal o excerto “Ambas terminam infelizes: Papagaio, pela morte; Marta, pelo casamento indesejado com um homem rico”. O ato de fala complementar é “Aliás, quase todos os personagens de Virgílio se desiludem pela carência de amor: afetivo-conjugal (... ‘Marta’) ou social (... ‘A Papagaio’)”.

A Semântica Argumentativa: a Teoria dos Blocos Semânticos

Nesta seção, abordamos alguns estudos sobre a argumentação. Consideramos esse tema bastante pertinente à pesquisa, uma vez que, conforme postulado por Ducrot e Anscombe (1983, *apud* LOPES; PEREIRA; SILVA, 2017, p. 2) e Ducrot (1989, p. 16), a língua é essencialmente argumentativa, e o sentido é construído no encadeamento discursivo.

Segundo os autores citados, podemos inferir que, independentemente do gênero textual e da seqüência discursiva em que se inserem as construções linguísticas, a argumentação é inerente à língua, sendo as próprias palavras argumentativas. Além disso, os sentidos das construções encadeadoras são evocados nos encadeamentos entre os enunciados inter-relacionados no discurso. Segundo Koch (2011),

[...] a argumentação é uma atividade estruturante do discurso, pois é ela que marca as possibilidades de sua construção e lhe assegura a continuidade. É ela a responsável pelos encadeamentos discursivos, articulando entre si enunciados ou parágrafos, de modo a transformá-los em texto: a progressão do discurso se faz, exatamente, através das articulações da argumentação. (KOCH, 2011, p. 154)

A argumentação é responsável pela coesão ao longo do discurso, através das articulações entre os enunciados, conferindo-lhe seqüência, progressão e, por seu turno, ga-

rantindo-lhe a coerência necessária. Ambos, coerência e coesão, são fatores indispensáveis aos discursos. Por isso, valemo-nos da Semântica Argumentativa, de Oswald Ducrot, uma vez que *aliás* está fortemente relacionado às questões discursivas dos textos, importando-nos, pois, as relações que essa construção viabiliza, a partir das relações entre os enunciados, de modo a orientar o discurso.

No que tange à Semântica Argumentativa, em sua fase atual, o modelo teórico abordado nessa seção é o da Teoria dos Blocos Semânticos, postulada por Carel e Ducrot (2005). Nesse modelo, o sentido intralinguístico ganha relevo, demonstrando que as entidades linguísticas, por si sós, são imbuídas de argumentação. Segundo os autores, o sentido da construção linguística é revelado pelos encadeamentos argumentativos por ela evocados. Dessa forma, postula-se a interdependência entre os segmentos (argumento e conclusão) encadeados entre si, de forma que a argumentação se constitui na inter-relação estabelecida entre eles, e o sentido de cada um dos enunciados é dependente um do outro.

Ao se considerar a relação de interdependência entre os segmentos encadeados, admite-se que “uma mesma relação de sentido pode ser atualizada por meio de diferentes encadeamentos” (CAMPOS, 2007, p. 156). A exemplo, vejamos abaixo o dado (3), em que *aliás* tem uma relação de sentido de retificação, decorrente da inter-relação entre os enunciados por ele encadeados:

(3) Portugal e Brasil alteram suas relações, este último assumindo centralidade nas decisões políticas do Império. A transferência de todo o aparato administrativo para além-mar doou um novo contorno às relações entre metrópole e colônia; aliás, não mais colônia, e sim integrante de um Reino Unido. (MORETH, Dissertação/UFRJ, 2014, p. 25)

O sentido evocado pelos enunciados em torno da construção *aliás* (“colônia” / “não mais colônia, e sim integrante de um Reino Unido”), nesse excerto, é o de retificação. Esse mesmo sentido, conforme postulado na Teoria dos Blocos Semânticos, pode ser viabilizado por diferentes encadeamentos como “ou melhor” e “isto é”. Vejamos os exemplos (3’) e (3’’):

(3') A transferência de todo o aparato administrativo para além-mar doou um novo contorno às relações entre metrópole e colônia; ou melhor, não mais colônia, e sim integrante de um Reino Unido.

(3'') A transferência de todo o aparato administrativo para além-mar doou um novo contorno às relações entre metrópole e colônia; isto é, não mais colônia, e sim integrante de um Reino Unido.

Observamos que, tanto no exemplo (3') quanto no (3''), o valor de retificação entre os enunciados permanece, ainda que as expressões encadeadoras sejam alteradas. É bem verdade que a escolha de *aliás* (ou de qualquer outra expressão encadeadora) não é aleatória, pois se trata de uma escolha do autor do texto que, por seu turno, é imbuída de intenções. Por isso, não podemos afirmar que (3), (3') e (3'') têm exatamente a mesma força argumentativa. Contudo, a retificação é possível de ser veiculada por meio dessas diferentes opções variantes.

Ressaltamos que a importância do estudo sobre a argumentação reside não só no fato de a argumentação estar inscrita na língua, conforme postula Ducrot (1989, p. 16), mas também pelo fato de o nosso objeto de estudo ser analisado em textos de cunho argumentativo. Assim, no que tange à Teoria dos Blocos Semânticos, consideramos os encadeamentos viabilizados por *aliás*, nos textos analisados, e os valores semântico-pragmáticos veiculados por essa construção.

Procedimentos metodológicos

Nossa investigação é pautada em metodologia quali-quantitativa, uma vez que buscamos os possíveis valores semântico-pragmáticos da construção *aliás*, em textos do gênero acadêmico, de sequências argumentativas, assim como procedemos ao levantamento da frequência *token* dessa construção no *corpus*, elencando os resultados numéricos em tabelas, aferindo, inclusive, as porcentagens referentes a esses resultados.

Organizamos as análises do *corpus* considerando cada instanciação de *aliás*, conforme a posição em que é recrutado nos textos. Após o levantamento das posições em que se instancia, procedemos às análises dos valores que são atribuídos a *aliás*. Para cada

posição, elaboramos uma tabela em que constam a frequência *token* total dessa construção, os valores semântico-pragmáticos aferidos e a respectiva frequência de cada valor.

Optamos por utilizar as Teses de Doutorado e as Dissertações de Mestrado em Letras Vernáculas da UFRJ, defendidas durante os anos de 2014, 2015 e 2016, disponíveis em <http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br/>, propondo-nos a um estudo sincrônico da construção *aliás*. Constatamos que sua frequência, nessas sequências discursivas de cunho argumentativo, ocorre em todos os textos examinados, em maior ou menor escala. Portanto, fixamo-nos em 60 textos, no total, dos quais 30 correspondem às teses e outros 30 às dissertações.

A escolha do *corpus* de domínio acadêmico tem por objetivo proporcionar uma reflexão sobre as ocorrências de *aliás* em contextos de uso cujos discursos são mais monitorados, e sobre a assunção dos possíveis e variados valores semântico-pragmáticos dessa construção. Essa é a razão para a escolha desse *corpus*.

2. Resultados

Na análise de dados empreendida, totalizando 60 textos, flagramos o total de 226 instâncias de *aliás*. Nas Subseções, a seguir, ilustramos, brevemente, os resultados das análises.

As posições da construção *aliás*

Apresentamos, abaixo, a **Tabela 1** com a frequência *token* dessa construção nas posições em que foi instanciada: inicial absoluta (entre períodos e entre parágrafos), inicial não absoluta; intermediária (intraclausal e interclausal), parentética e final.

TESES E DISSERTAÇÕES					
POSIÇÕES		FREQUÊNCIA TOKEN	%	TOTAL	%
INICIAL	ABSOLUTA (entre períodos)	70	30,97	103	45,57
	ABSOLUTA (entre parágrafos)	9	4,00		
	NÃO ABSOLUTA	24	10,61		
INTERMEDIÁRIA	INTRACLASAL	73	32,30	87	38,50
	INTERCLASAL	14	6,19		
PARENTÉTICA		29	12,83	29	12,83

FINAL	7	3,10	7	3,10
TOTAL			226	100%

Tabela 1 – Frequência *token* da construção *aliás* conforme posições de instanciação. Fonte: Elaboração própria.

Destacamos as múltiplas posições de *aliás* no discurso, com diferentes taxas de frequência *token*. Isso revela sua versatilidade em termos discursivos. Certamente, as posições dessa construção não são aleatoriamente associadas aos seus significados. Ao contrário, há motivações para cada posição (inicial, intermediária, parentética e final).

Ressaltamos a alta incidência da construção *aliás* em posição inicial, com destaque para a posição inicial absoluta entre períodos (com 30,97% dos dados). Isso revela uma informação importante acerca do papel conector não prototípico de *aliás*, visto que essa construção instancia uma ligação entre períodos, e não entre orações como é comum entre as conjunções. Destacamos que as gramáticas tradicionais raramente se ocupam desse tipo de elemento de conexão, o que reforça a pertinência desta pesquisa.

A título de ilustração das posições em que a construção *aliás* é recrutada no *corpus*, elencamos abaixo os dados (4), (5), (6), (7), (8), (9) e (10), que representam, respectivamente, as seguintes posições: a) Inicial absoluta entre períodos, b) Inicial absoluta entre parágrafos, c) Inicial não absoluta; d) Intermediária intraclausal, e) Intermediária interclausal, f) Parentética e g) Final.

a) Posição inicial absoluta (entre períodos)

(4) [...] traçando paralelo com a situação amorosa do enunciador insatisfeito com a companheira. Aliás, a pulsão acumulada em si explica o título do poema “Cinerário”, indicativa da combustão interna do personagem, replicada na vinheta de contornos ígneos. (VASCONCELOS, Tese/UFRJ, 2014, p. 276)

b) Posição inicial absoluta (entre parágrafos)

(5) E para isso, um dos recursos estéticos mais recorrentes na obra do autor é o que convencionei chamar de memória binocular. A expressão partiu da leitura de um fragmento de texto, logo no início de *Memórias do cárcere*: (...).

Aliás, não muito diferente do que Paulo Honório diz no início de *São Bernardo*: “Talvez deixe de mencionar particularidades úteis, que me pareçam acessórias e dispensáveis. (LESSA, Tese/UFRJ, 2016, p. 26)

c) Posição inicial não absoluta

(6) Se Joca Ramiro o distinguiu, foi por reconhecer nele um certo carisma, como aliás vem comprovado pelo fato de seus jagunços lhe obedecerem com toda a vontade. (ASSUMPÇÃO, Tese/UFRJ, 2014, p. 73)

d) Posição intermediária intraclausal

(7) [...] a recuperação dos dados biográficos, é relatada por meio do binóculo, aumentando ou diminuindo insignificâncias de acordo com o efeito pretendido pelo escritor. Recurso, aliás, como já fora dito, também declarado pelo narrador Graciliano Ramos em *Memórias do Cárcere*. (LESSA, Tese/UFRJ, 2016, p. 135)

e) Posição intermediária interclausal

(8) O restante segue derivado de um raciocínio lógico, aliás, raciocínio já comentado no primeiro capítulo da Tese, onde é lembrado no paradoxo de Epicuro. (ASSUMPÇÃO, Tese/UFRJ, 2014, p. 87)

f) Posição parentética

(9) Para conseguir alguma expressão no meio racista, o escritor deveria embranquecer sua expressão (do quê, aliás, Cruz e Sousa foi muito acusado): “O temperamento entortava muito para o lado da África: – era necessário fazê-lo endireitar inteiramente para o lado da Regra [...]” (VASCONCELOS, Tese/UFRJ, 2014, p. 253)

g) Posição final

(10) Não propriamente o contrário, aliás. Mas, sim, o trabalho poético de dar vida nova a corpo e espírito unidos, agora, na interlocução entre os seus e os olhos atentos e dedicados de um leitor igualmente “peregrino” (...). (SARAIVA, Tese/UFRJ, 2015, p. 172)

Valores semântico-pragmáticos de *aliás*

Nesta Subseção, apresentamos a **Tabela 2** com os valores semântico-pragmáticos da construção *aliás*, de acordo com as posições em que esse elemento gramatical foi instanciado nos textos, cotejando a sua multifuncionalidade com seus contextos de uso.

Valores semântico-pragmáticos	Posições						
	Inicial absoluta, entre períodos (70)	Inicial absoluta, entre parágrafos (9)	Inicial não absoluta (24)	Intermediária intraclausal (73)	Intermediária interclausal (14)	Parentética (29)	Final (7)
Inclusão de argumentos	50	7	20	26	8	-	-
Inclusão e Propulsão	18	2	4	45	6	-	-
Inclusão e Realce	-	-	-	-	-	28	-
Realce e Propulsão	-	-	-	-	-	-	4
Realce	-	-	-	-	-	-	3
Retificação Absoluta	1	-	-	1	-	-	-
Retificação Parcial	1	-	-	1	-	1	-

Tabela 2 – Frequência geral dos valores semântico-pragmáticos de *aliás* em cada posição. Fonte: Elaboração própria.

A tabela ilustra bem a complexidade dos usos de *aliás*. Afinal, não há uma correspondência estrita e simples entre usos semânticos e traços sintáticos. Desse modo, por exemplo, *inclusão de argumentos* e *inclusão e propulsão* são usos que estão associados a cinco diferentes posições de *aliás*, com frequências *tokens* também distintas. Já *realce e propulsão*, como também *realce* só estão associados à posição final, atestando uma ligação mais forte entre essa posição e esses citados usos. Por outro ângulo, cada posição permite de dois a quatro diferentes usos semânticos.

Essas observações comprovam, portanto, a multifuncionalidade da construção *aliás*, com suas sete diferentes posições sintáticas, bem como atestam a sua múltipla variabilidade semântica, tendo em vista a totalização de também sete usos distintos. Isso tudo comprova como a descrição gramatical é limitada, ao restringir-se ao rótulo *palavra denotadora de retificação* para fazer referência à construção *aliás*. Abaixo, ilustramos os valores semântico-pragmáticos de *aliás* na seguinte ordem: (a) inclusão de argumentos; (b) inclusão e propulsão; (c) inclusão e realce; (d) realce e propulsão; (e) realce; (f) retificação absoluta e (g) retificação parcial.

(a) ... Dessa forma, sem termos comprovação da presença cênica de Gonçalves de Magalhães anterior ao famoso 13 de março de 1838, sua estreia oficial continua sendo a mesma. Aliás, é de se prever que a tendência do poeta fosse reivindicar a data correta, não sendo necessários muitos esforços para defini-la. No entanto, há uma curiosidade acerca da estreia de O poeta e a Inquisição. (ALMEIDA, Tese/UFRJ, 2016, p. 105)

(b) ... Não existe sinceridade nessa confissão, apenas sentimentos contraditórios que mesclam desejo e culpa, o dever de amar os pais e obedecer aos mandamentos. Em suma, um indivíduo que vivencia as primeiras experiências de uma sexualidade e erotismo prementes no contato e brincadeiras infantis com outras crianças e adolescentes: “Confesso. Diante da cara mascarada/ por treliça e sombra./ De carne, pecador. Passivo, ativo/ meia, bronha, pegação:/ pera, uva, maçã no rosto, na boca”(p.21). Aliás, esse percurso, que vai da infância à maturidade, revela a formação de uma consciência culpada que culmina em versos de clara reprovação do corpo... (CONCEIÇÃO, Tese/UFRJ, 2015, p. 183)

(c) A certa altura, o crítico se refere, muito genericamente, a um “passado meio acadêmico, meio simbolista” (2003, p. 211). Disto se pode concluir que tudo que possuísse alguma vaga interferência ou mais direta influência de qualquer vertente literária já estabelecida seria considerado antiquado – proposta típica de um movimento de ruptura estética, aliás. Dante jamais seria modernista porque jamais romperia com a tradição – fator que, reiteramos, não o aparta da modernidade. (MENDES, Dissertação/UFRJ, 2015, p. 66)

(d) Por fim, no sentido inverso à relação reverencial do homem com o passado – pois sempre há dois sentidos em constante ambivalência –, todo novo poeta, para ser de fato

“novo”, precisa repelir a tradição – alguma tradição, mesmo a mais recente que houver; precisa destoar de alguma das inúmeras estantes que o Tempo vem continuamente preenchendo em sua eterna biblioteca. Contudo, não há mal em estabelecer pontos de contato com alguma daquelas infinitas prateleiras, sequer as mais antigas. É desejável, aliás; é sempre um encontro potencialmente enriquecedor. “Nelmezzodelcammindinostravita”, se pararmos de súbito na estrada, tem sempre uma mais nova pedra à espera – qualquer sonho de agora, mas eterno –, nesse mundo de antigos pedra e sonho. (MENDES, Dissertação/UFRJ, 2015, p. 143)

(e) O Grande Prêmio fora concedido a uma coletânea do Padre Vasco Reis, sob o título de Romaria; livro de péssimo gosto, aliás. Mensagem não só estrutural como pedagogicamente não se enquadrava nas orientações propagadas pelo Estado Novo. (TOLEDO, Dissertação/UFRJ, 2015, p. 28)

(f) A transferência de todo o aparato administrativo para além-mar doou um novo contorno às relações entre metrópole e colônia; aliás, não mais colônia, e sim integrante de um Reino Unido. A máquina burocrática e administrativa fixou-se no Rio de Janeiro, da onde as decisões políticas saíam. (MORETH, Dissertação/UFRJ, 2014, p. 25)

(g) Do outro lado do monte, como num simples desenho feito por uma criança, surge o horizonte, aliás, os horizontes, que podem funcionar como metáfora para a ideia de possibilidade, de vida. (VAZ, Dissertação/UFRJ, 2015, p. 47)

Referências bibliográficas

ADAM, J. -M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. 2ª. ed., São Paulo: Cortez, 2011.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. FURTADO DA CUNHA, M. A. (trad.); GONÇALVES, S. C. L. (revisão técnica). São Paulo: Cortez, 2016.

CAMPOS, C. M. O percurso de Ducrot na teoria da argumentação na língua. In: *Revista da ABRALIN*, v. 6, nº. 2, p. 139-169, jul/dez, 2007.

CAREL, M.; DUCROT, O. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos*. Buenos Aires: Colihue, 2005.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUCROT, O. Argumentação e ‘*topoi*’ argumentativos. In: GUIMARÃES, E. (Org.). *História e sentido na linguagem*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989.

FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. In: *Manual de linguística*. MARTELOTTA, M. E. (Org.). 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. In: *Revista do GELNE*, Natal/RN, Vol. 15 Número Especial: 53-78. 2013.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

KOCH, I. G. V. *A coesão textual*. 6ª. ed., São Paulo: Contexto, 1993.

KOCH, I. G. V. Linguística textual: retropecto e perspectivas. *Alfa*, São Paulo, 41: 67-78, 1997.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 13º ed., São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2015a.

KOCH, I. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2ª. ed., 1ª. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. Maria. *Escrever e argumentar*. 1ª. ed., São Paulo: Contexto, 2017.

LOPES, M. de O.; PEREIRA, M. H. de M.; SILVA, A. V. A construção de sentidos pela argumentação na língua: blocos semânticos em um debate sobre o estatuto da família. In: *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 42, nº. 73, jan/2017. ISSN 1982-2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17058/signo.v42i73.7878>. Acesso: Set/2018.

OLIVEIRA, M. R. de. Contexto: definição e fatores de análise. In: *Linguística centrada no uso: teoria e método*. OLIVEIRA, M. R. e ROSÁRIO, I. C. (orgs.). 1ª. ed., Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

OLIVEIRA, M. R. de; VOTRE, S. A trajetória das concepções de discurso e de gramática na perspectiva funcionalista. In: *matraga*, v.16, nº 24, Rio de Janeiro, jan./jun. 2009.

SOUSA, G. C. de. Motivações pragmático-discursivas: definição e fatores de análise. In: *Linguística centrada no uso – teoria e método*. OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (orgs.). 1ª. ed., Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

TROUSDALE, G. Constructions in grammaticalization and lexicalization: Evidence from the history of a composite predicate construction in English. In: Trousdale and Gisborne, eds., *Constructional Approaches to English Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008. p. 33-67.

UFRJ (Pós-graduação em Letras Vernáculas): disponível em: <http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br>. Acesso: março/2017.

ABSTRACT

We investigated the construction “aliás”, focusing on its semantic-pragmatic aspects, using the theoretical contribution from Usage-Based Functional Linguistics, Textual Linguistics and Argumentation. Most of the works of normative character classify the “alias” as a word denoting rectification or as an adverb. Our central hypothesis is that this grammatical element is marked by expressive multifunctionality, both in syntactic and semantic-pragmatic aspects, beyond the traditional view. Taking into account the strongly argumentative aspect of “alias”, the corpus chosen for this study is constituted by a set of Doctoral and Master thesis, in Vernacular Languages, defended at UFRJ, in the years 2014, 2015 and 2016, available in <http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br>. The results pointed out that “aliás” plays the role of argumentative operator in 100% of occurrences, articulating phrases, sentences, periods and paragraphs. In addition, the construction “alias” is used in Portuguese language standard in seven different positions: absolute initial between periods, absolute initial between paragraphs, initial not absolute, intraclausal intermediate, interclausal intermediate, parenthetical and, finally, final position. Regarding the semantic-pragmatic values of “alias”, we attest the following: Inclusion of arguments; Inclusion and Propulsion; Inclusion and Emphasis; Emphasis and Propulsion; Emphasis; Absolute Rectification; Partial Rectification.

Keywords: Usage-Based Functional Linguistics; multifunctionality; “aliás”.

**CONSTRUCIONALIZAÇÃO DE MARCADORES DISCURSIVOS
FORMADOS POR *OLHAR* E *VER* NO PORTUGUÊS**
CONSTRUCTIONALIZATION OF DISCOURSE MARKERS FORMED BY
OLHAR AND *VER* IN PORTUGUESE

Vania Rosana Mattos Sambrana (SEEDUC/RJ)

RESUMO

Este trabalho apresenta a tese de que, na língua portuguesa, há um esquema construcional que gera pareamentos no âmbito da marcação discursiva a partir da reconfiguração do sentido visual expresso por *olhar* e *ver*. Nesse direcionamento, essas formas constituem *marcadores discursivos de visualização virtual*, como, por exemplo, *olha* em contextos como o de (a) “*eu fiquei... olha... eu pensei que fosse morrer sabe...*”, e *olhe lá* em situações comunicativas como em (b) “*- Olhe lá... Tome cuidado!*”, entre outros. Nos termos de Traugott e Trousdale (2013), tal processo é tomado como Construcionalização Gramatical. Nesse estudo, constatamos que o processo de Construcionalização Gramatical se deve à reconfiguração do sentido visual concreto em sentidos mais procedurais ligados ao monitoramento da interação através da manipulação da requisição de atenção. Partimos dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, e, uma vez que essa empreitada requer um estudo pancrônico, nossa abordagem compreende uma parte sincrônica, representada pelo século XX, e uma parte diacrônica, que abrange o período do século XV ao XX. Como resultado, constatamos que os *marcadores discursivos de visualização virtual* formam o esquema [V_{visual} (X_{afixoide})]_{MDVV}, que pode ser desmembrado em subesquemas e microconstruções.

Palavras-chave: Neoanálise; Construcionalização Gramatical; Marcadores Discursivos de Visualização Virtual.

Introdução

Tendo como foco o uso da língua e as motivações impostas para a regularização de seus padrões de uso, demonstramos a convencionalização dos *marcadores discursivos de visualização virtual* a partir dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso e da tese⁶ defendida por Sambrana (2021):

6 Esta investigação está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense e, no âmbito do Grupo de Pesquisa Discurso e Gramática (D&G/UFF), trata-se de ramificação de pesquisa maior intitulada “*Afixoide de base espacial em construções gramaticais do português: neoanálise e analogização*”.

Na língua portuguesa, há um esquema construcional convencionalizado a partir de verbos visuais metaforizados, acompanhados ou não de afixoides de orientação espacial, que, por vinculação sintático-semântica e reconfiguração de forma e sentido, ganha *status* de nova construção, articulando funções no âmbito da marcação discursiva. (SAMBRANA, 2021, p. 12)

A título de ilustração, vejamos duas ocorrências de uso desses marcadores discursivos:

(1) Sua mão preta, de unhas brancas, desafivelava, fazia o troco, afivelava - independente do seu olhar, que vagava ao longe, e apenas baixava uma ou outra vez, para conferir. Maria Maruca quis provar aquela comida de pretos. **Olhe lá...** Tome cuidado... - dizia Dentinho de Arroz. Essa gente sabe muita coisa... Podem botar dentro alguma porcaria. Maria Maruca desdenhava: - Eu lá tenho medo de feitiços - Sua cara vermelha brilhava ao sol. Amontoaram-lhe no prato o pirão de milho, e viraram-lhe, ao lado, umas colheradas do ensopado de bofe e coração. (*Corpus do Português*, C. Meireles, *Olhinhos de gato*, séc. XX)

(2) O certo é que não dormi toda a noite, nervosa, imaginando frases, o começo do artigo. Pela madrugada julgava impossível escrevê-lo, tudo parecia banal ou extravagante. Mas depois do almoço, antes de sair, o pai lembrou-me como se lembra a um escritor: - **Vê lá**, Júlia, o artigo é para hoje. Tenho que o levar à noite. Havia um jornal que exigia o meu trabalho. (*Corpus do Português*, João do Rio, *O Momento Literário*, séc. XX)

Norteados pela hipótese de que o sentido visual concreto expresso pelas formas nucleares *olhar* e *ver* das construções transitivas é reconfigurado em sentido mais procedural, principalmente, aquele que visa ao monitoramento da interação (SAMBRANA, 2021), descrevemos *olhe lá*, em (1), e *vê lá*, em (2), como marcadores discursivos (MDs). Nos contextos de uso apresentados, *olhe lá* e *vê lá* compartilham a macrofunção de Chamamento de Atenção (cf. MARCHUSCHI, 1986; 1989). Entretanto, cada MD, tomado como um constructo, atua, em contexto específico, para cumprir funções requeridas pelos objetivos sociocomunicativos dos falantes. Sendo assim, *olhe lá*, em (1), marca uma advertência, enquanto *vê lá*, em (2), marca um aconselhamento. Nesse sentido, sustentamos que a construção dos significados mais procedurais se dá

através de procedimentos pragmaticamente direcionados. Dessa forma, o recrutamento dos *marcadores discursivos de visualização virtual* funciona como apoio discursivo, ou seja, os “*bracket discourse*” (TRAUGOTT, 1995, p. 5)⁷.

Uma vez que essa empreitada requer um estudo pancrônico que demonstre a gradiência da língua, a gradualidade como comprovação da mudança linguística e aponte generalizações sobre processos e mecanismos atuantes nessa mudança linguística, seguimos análises quali-quantitativas dos dados. Dessa forma, a coleta de dados compreende uma parte sincrônica, representada pelo século XX, e uma parte diacrônica, que abrange do século XV ao XX.

Sendo assim, no levantamento sincrônico, levantamos 24 *types* específicos, como, por exemplo, [olha], [olha aqui], [vê lá] e [veja bem], tomados como exemplares de uma classe de base visual dentro da categoria mais ampla dos MDs formados por base verbal. Por sua vez, no levantamento diacrônico, com base em Diewald (2002; 2006), Diewald e Smirnova (2012), Traugott e Trousdale (2013) e Oliveira (2015), apontamos o *cline* atípico < crítico < isolado como micropassos contextuais de mudança.

Seguindo a base teórica e metodológica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), averiguamos que os MDs formados por bases visuais *olhar* e *ver*, acrescidos ou não de afixoides locativos (*lá, aqui, aí*) ou focalizadores (*só, bem*), podem ser hierarquizados em uma construção mais geral, denominada *construção marcadora discursiva de visualização virtual* (SAMBRANA, 2017; 2021), representada pelo esquema $[V_{\text{visual}}(X_{\text{afixoide}})]_{\text{MDVV}}$. Nesses estudos, Sambrana (2017; 2021) pontua que $[V_{\text{visual}}(X_{\text{afixoide}})]_{\text{MDVV}}$ constitui um esquema altamente produtivo da língua portuguesa, gerando formas que desempenham funções textual-interativas, discursivas e pragmáticas.

Além da Introdução, este trabalho se organiza na seguinte ordem: 1. Pressupostos teóricos e metodológicos; 2. A construção marcadora discursiva de visualização virtual; 3. Análise diacrônica dos dados; 4. Construcionalização de marcadores discursivos formados por *olhar* e *ver* no português; 5. Considerações finais; e, por fim, Referências bibliográficas seguidas do *Abstract*.

7 Segundo Traugott (1995), *bracket discourse* refere-se à função de “marcar relações entre unidades do discurso sequencialmente dependentes” (TRAUGOTT, 1997, p. 5).

1. Pressupostos teóricos e metodológicos

Conforme mencionado, seguimos os pressupostos teóricos da LFCU, que, no Brasil, está representada nos trabalhos de Martelotta (2011), Cezario e Furtado da Cunha (2013), Oliveira e Rosário (2015), Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2015), Rosário e Oliveira (2016) e Rosário (2022), entre outros.

Como norteamento teórico, a LFCU é uma imbricação entre a Linguística Funcional e a Linguística Cognitiva de base construcionista. Esse posicionamento se justifica uma vez que as duas vertentes teóricas seguem a “concepção de que os usos linguísticos resultam de modelos convencionalizados com base na interface linguagem, cognição e ambiente sócio-histórico” (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013, p. 54).

A partir dos teóricos *supra*, Sambrana (2022) organiza um quadro demonstrativo com conceitos-chave balizadores das pesquisas desenvolvidas no âmbito da LFCU, o que é apresentado como Quadro 1. As definições apresentadas no Quadro 1 partem do conceito de discurso como realização *on line* do uso linguístico, demonstrando, assim, que as situações de uso da língua determinam sua estrutura gramatical. Dessa asserção enraizada no Funcionalismo, a LFCU defende que a representação fiel da descrição da língua e de suas motivações para a formatação de seus padrões de uso devem partir dos estudos dos contextos discursivos.

A seguir, vejamos o Quadro 1:

Conceito-chave	Descrição do conceito-chave
Cognição	Processo neurorracional de construção do conhecimento humano a partir da interação bio-sócio-cultural dos usuários da língua. Ao processar o discurso, o falante ativa mecanismos de natureza cognitiva. Tais mecanismos se configuram em operações mentais que atuam em conjunto com outras tarefas das rotinas comunicativas.
Constructo	Como um ato concreto na modalidade falada ou escrita, o constructo é a efetiva realização do uso linguístico. O constructo é o nível não virtual da língua.
Construção	

	É a unidade básica da língua, que se constitui em um pareamento indissociável de forma-sentido.
Discurso	Refere-se a manifestações do uso da língua em uma determinada situação de interação, tomadas como materialidade das trocas de sentidos nas interações.
Gramática	Conjunto de padrões de uso que se impõe como um sistema hipotético de conhecimento linguístico, norteando restrições e licenciamentos desses usos durante as produções do discurso, ou seja, a gramática emerge do discurso.
Língua	“Sistema adaptativo complexo, uma estrutura fluida, constituída, ao mesmo tempo, de padrões mais ou menos regulares e outros que estão em permanente emergência” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 20).
Linguagem	Associada diretamente ao uso linguístico, a linguagem é tomada como um processo cognitivo e sócio-cultural que inclui tanto habilidade como desempenho das rotinas comunicativas.
Mudança Linguística	A mudança linguística é um fator inerente da natureza dinâmica das línguas. Ao propor que o discurso modela a gramática, assume-se que rotinas cognitivas somadas aos objetivos sociocomunicativos dos falantes provocam o surgimento de camadas gradientes de padrões de uso que, com o tempo, se convencionalizam em novas construções.
Padrão Discursivo	Tomado como contexto comunicativo que se ritualiza e, conseqüentemente, se convencionaliza em forma e função. De modo ampliado, este recobre conceitos tipológicos de sequência textual, tipo textual e/ou gênero discursivo.
Texto	Texto é o lugar dinâmico, no qual ocorre a organização e a manifestação do discurso.

Quadro 1: Conceitos-chave balizadores das pesquisas em LFCU. Fonte: Sambrana (2022)

Nesse direcionamento, gramática emerge do discurso na medida em que pressões de ordem cognitiva, estrutural e sociocomunicativa atuam em conjunto moldando a língua. “Nesse sentido, gramática e discurso estão intrinsecamente entrelaçados e coatuam em mútua dependência, sendo um (re)modelado pelo outro.” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 20). No emprego da vertente do Cognitivismo de abordagem construcional, nos moldes de Goldberg (1995; 2006, 2013), Croft (2001), Bybee (2010; 2015), Traugott (2008), Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2014),

Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016), entre outros, a LFCU pratica a Gramática de Construções (GC).

Nessa orientação, Goldberg (1995, p. 4; 2006, p. 5), Croft (2001, p. 16) e Traugott e Trousdale (2013, p. 5), entre outros, defendem que construção é um pareamento de forma-sentido, unido por elo de correspondência simbólica e convencionalizado por um grupo de falantes. A partir de Croft (2001), os autores representam a construção como:

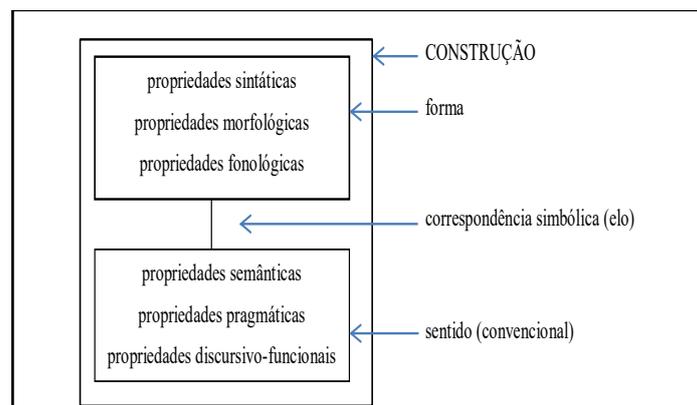


Figura 1: Representação da construção segundo Croft (2001). Fonte: Croft (2001, p. 18)

Na Figura 1, o polo da forma é composto por propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, e o polo do sentido é composto por componentes semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais.

Em modelo mais sintetizado, Traugott e Trousdale (2013) representam como:

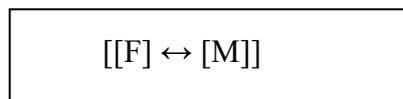


Figura 2: Representação da construção segundo Traugott e Trousdale (2013). Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 8)

Na Figura 2, F (*Form*) contém as propriedades específicas da sintaxe; e M (*Meaning*) contém as propriedades do sentido. As construções ainda podem ser descritas em termos de esquematicidade, produtividade e composicionalidade (cf. TRAGOTT; TROUSDALE, 2013).

No nosso caso, no que diz respeito à *construção marcadora discursiva de visualização virtual*, representada esquematicamente como $[V_{\text{visual}}(X_{\text{afixoide}})]_{\text{MDVV}}$, tanto

esta construção mais geral quanto as construções individuais, exemplificadas em (1) e (2), *olhe lá* e *vê lá*, respectivamente, são pareamentos simbolicamente convencionalizados de forma-função.

Para compreendermos essa diferenciação de escalaridade do nível esquemático, vejamos Sambrana (2017), em que a autora trata primeiramente o pareamento do MD *olha aqui* no nível de ocorrência de uso para em seguida formalizar o pareamento no nível microconstrucional. Aqui reproduzimos o exemplo utilizado pela autora, o qual também consta em nosso banco de dados:

(3) Foi preciso que Delfino, com medo e também com raiva, quisesse seriamente desfazer o negócio para Adriano recuperar suas boas cores e seu jeitão animado de sempre. Delfino tinha dito: - **Olha aqui**, Adriano, isto foi um aviso. Você guarde o seu dinheiro e eu guardo a minha boa consciência. - Veja lá, Fininho - disse o outro, sentindo que aquilo era uma crise séria -, você já não está com a consciência tão pura assim, não. (*Corpus* do Português, séc. XX)

Para Sambrana (2017), em (3), no uso de *olha aqui*, não há mais uma “expressão interpretável pela ação do verbo *olhar* e uma localização espacial dêitica. Há um encadeamento que une as partes, e cada parte não é mais interpretável separadamente no contexto” (SAMBRANA, 2017, p. 35). Dessa forma, assumimos que *olha* e *aqui* formam uma estrutura única, um *chunk*. Por sua vez, o constructo MD *olha aqui*, tomado como microconstrução, é simbolicamente representado como [[*olha*_{basevisual}*aqui*_{afixoide}locativo]] ↔ [marca o espaço de atenção, aproximando interlocutores para apoiar impositividade do falante que garanta efeitos de veracidade]].

Quando o MD *olha aqui* é tomado como um tipo individual da construção mais virtual [*V*_{visual}(*X*_{afixoide})]_{MDVV}, observa-se que esse MD ganha *status* pertencente à subclasse dos MDs de base visual que, por sua vez, pertence à classe dos MDs de base verbal que, como categoria, é embutida no paradigma dos MDs (DIEWALD, 2020).

Quanto à metodologia aplicada, nosso aparato teórico visa dar suporte às análises partindo de observações dos contextos de uso para, em seguida, formalizar generalizações. Nesse enquadramento, a LFCU segue tendência holística no que diz respeito ao tratamento dos dados. Como objetivamos levantar um número exaustivo de

dados, recorreremos a seis *corpora* de língua portuguesa. As fontes pesquisadas foram: *Corpus* Discurso & Gramática⁸; Projeto Norma Linguística Urbana Culta⁹; *Corpus* do Português¹⁰; *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe¹¹; *Corpus* Vercial/Linguateca¹²; e Programa de Estudos do Uso da Língua¹³.

No levantamento geral, captamos um total de 9.183 dados para a análise. Como procedimento de análise, até essa parte da pesquisa, não distinguimos entre PT e PB.

Quanto ao tratamento desses 9.183 dados, os submetemos à taxionomia contextual de Diewald (2002; 2006), Diewald e Smirnova (2012) e Traugott e Trousdale (2013). Com a observação da produção crescente de formas ao longo da diacronia e, conseqüentemente, com o estabelecimento de um padrão construcional, propomos o estágio de paradigmaticização, conforme elaborado por Diewald (2020). Para esses procedimentos de análise, lançamos mão do método misto (cf. MARTELOTTA, 2009; LACERDA, 2016). Já os resultados obtidos são demonstrados por meio de Figuras, Tabelas e Quadros, seguidos por comentários e conclusões que consideramos relevantes ao estudo dos MDs em língua portuguesa.

2. A construção marcadora discursiva de visualização virtual

Esta seção se dedica à descrição do nosso objeto de pesquisa - a *construção marcadora discursiva de visualização virtual*(MDVV). Sincronicamente, descrevemos aspectos estruturais e funcionais dos marcadores discursivos de visualização virtual. Nos dados do século XX, constatamos que as construções marcadoras discursivas de visualização virtual são formadas por base visual *olhar* ou *ver* e acompanhadas ou não de afixoide de orientação espaço-virtual¹⁴ (*aqui, lá, aí, só e bem*).

8 Disponível em: <http://www.discursioegramatica.lettras.ufrj.br/corpus.html>

9 Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/nurc.rj/corpora/mapa.html>

10 Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>

11 Disponível em: <https://www.www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>

12 Disponível em: <https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=VERCIAL>

13 Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/peul/amostras%201.html>

14 Nomeamos de ‘afixoide de orientação espaço-virtual’ os pronomes locativos *lá, aqui e aí* e os advérbios *bem e só* recrutados para veicular sentidos mais procedurais, em que o sentido de espaço físico serve de base para articular sentidos de espaço idealizado na interação.

De acordo com essa configuração, como já apontado na introdução, destacamos 24 microconstruções na base do esquema. Por decisão metodológica, fixamos a organização formal das microconstruções pela variabilidade semântico-estrutural:

- i) de base visual *olhar* com uma parte, como: [olha], [olhe] e [olhem];
- ii) de base visual *olhar* com duas subpartes, em que uma é acrescida de afixoide com valor locativo, como: [olha aqui], [olhe aqui], [olha lá], [olhe lá] e [olha aí];
- iii) de base visual *olhar* com duas subpartes, em que uma é acrescida de um afixoide com valor focalizador, como: [olha bem], [olhe bem] e [olha só];
- iv) de base visual *ver*, como: [vê], [veja], [vejam], [vejamos] e [viu];
- v) de base visual *ver* com duas subpartes, em que uma é acrescida de um afixoide com valor locativo, como: [vê lá] e [veja lá];
- vi) de base visual *ver* com duas subpartes, em que uma é acrescida de um afixoide com valor focalizador, como: [vê só], [veja só], [vejam só], [vê bem], [veja bem] e [vejam bem].

Embora tratemos os MDs como exemplares de microconstruções, nosso foco recai sobre suas instanciações de uso. Bybee (2010, p. 14) argumenta que “uma posição central para se basear no uso é a hipótese de que as instâncias de uso impactam a representação cognitiva da linguagem”¹⁵. Sendo assim, vejamos dois contextos de uso a seguir:

(4)... vamos no banco normalmente... pra... pra depositar o dinheiro... tem que depositar com antecedência... se não não recebe desconto... vamos no banco... eh... fazemos de tudo... e a partir daí... no dia... a gente marca o local... certo... espera o pessoal chegar... e vai colocando pra dentro... do ônibus... né? **olha lá**... vai botando... pra dentro do ônibus ... e no caminho a gente vai comentando tudo... os cuidados... vai comentando... vai... fazendo brincadeiras... (*Corpus Discurso e Gramática*, Niterói, XX)

(5) aí tem a questão política que eu te expliquei ... mas se de todo jeito ... se o sistema é esse de que cinco ou sete são as melhores notas do ensino público ... é como é que chama?

15 No original: “Central to the usage-based position is the hypothesis that instances of use impact the cognitive representation of language”.

e de oito a dez são as melhores médias do ensino particular ... acho que deve se dar chance a essas pessoas ... mas só que ... **veja só** ... o ensino público é muito mais escolas ... então há uma cultura e tudo ... então ... você tem que formar primeiro a base para melhorar estado ... município ... e instituto federal ... escolas federais ... (*Corpus* Discurso e Gramática, Natal, XX)

Conforme observamos em (4) e (5), os usos de *olha lá* e *veja só* expressam a macrofunção de Chamamento de Atenção. Essa estratégia pragmático-interacional ganha implicâncias contextuais ao perseguir os objetivos comunicativos dos falantes.

Em (4), *lá* está totalmente integrado à sua contraparte *olha*. Dessa forma, a vinculação das subpartes forma um *chunk*, e a instanciação do MD *olha lá* abre espaço de atenção virtual entre os falantes. Nos termos de Sambrana (2021), entende-se que:

Esse espaço não é o lugar físico da interação nem aquele resgatado na situacionalidade, mas é o espaço idealizado virtualmente e compartilhado por falante e ouvinte, em que sentidos mais procedurais podem ser negociados. [...] Assim, o afixoide *lá* indexa um sentido de imprecisão que beira o polo da negatividade, com sentido de ‘não pense isso de mim’. E qual é o espaço discursivo que contém essa pressuposição “nem pense isso de mim”? Assumimos que essa configuração contextual é possível no espaço idealizado virtualmente pelos interlocutores. (SAMBRANA, 2021, p. 60)

Da mesma forma, em (5), os elementos *veja* e *só* estão mais integrados e, assim, passam a se configurar como uma construção de duas subpartes -, a base visual preenchida por *veja* acrescida de um afixoide focalizador *só*. Dentro desse espaço atencional aberto, em (5), os sentidos negociados pelo recrutamento do MD *veja só* convergem para um ponto fixo da organização informacional “*o ensino público é muito mais escolas*”.

Nos termos de Ilari (2002), o uso do afixoide de focalização denota localização exata. Em se tratando da manipulação da atenção do ouvinte, assumimos que o MD *veja lá* reforça a atenção, já dispensada, e funciona como estratégia de focalizar parte da informação. Sendo assim, a informação que se segue é o ponto exato para onde a atenção está sendo direcionada. A partir desse movimento, há uma inferência sugerindo que essa parte da informação é central para o restante da interpretação da mensagem.

No que diz respeito aos sentidos mais procedurais, esses sentidos, tomados como um contínuo de funções, seguem o eixo textual-interativo > < discursivo-pragmático.

Dessa forma, em (5), o MD *veja só* atua no eixo textual-iterativo, ao passo que, em (4), o MD *olha lá* atua em funções no eixo discursivo-pragmático.

Voltando a questão da descrição construcional, apresentamos a produtividade através do levantamento da frequência *token* e da frequência *type* (cf. BYBEE, 2003):

Microconstrução		Quantitativo <i>token</i>	Quantitativo <i>token por type</i>	<i>Type</i> virtual
Base visual <i>olhar</i>	[olha]	1.548	1.883	[(olhar)]
	[olhe]	328		
	[olhem]	7		
	[olha aqui]	38	124	[(olhar)(AfiX _{Low})]
	[olhe aqui]	19		
	[olha ai]	18		
	[olha lá]	32		
	[olhe lá]	17		
	[olha só]	64	68	[(olhar)(AfiX _{Foc})]
	[olha bem]	2		
	[olhe bem]	2		
Base visual <i>ver</i>	[vê]	11	373	[(ver)]
	[veja]	32		
	[vejam]	5		
	[vejamos]	5		
	[viu]	320		
	[vê lá]	19	44	[(ver)(AfiX _{Loc})]
	[veja lá]	25		
	[vê só]	3	100	[(ver)(AfiX _{Foc})]
	[veja só]	25		
	[vejam só]	8		
	[vê bem]	5		

	[veja bem]	49		
	[vejam bem]	10		
Total de <i>Type</i> Virtual				6 <i>types</i>

Quadro 2: Frequência *token* e frequência *type* de $[V_{\text{visual}}(X_{\text{afixoide}})]_{\text{MDVV}}$, XX. Fonte: Sambrana (2021)

De acordo com o Quadro 2, o levantamento da produtividade da construção $[V_{\text{visual}}(X_{\text{afixoide}})]_{\text{MDVV}}$ aponta que os subesquemas formados pela base visual *olhar*, em termos de frequência *token*, são mais produtivos do que os compostos pela base visual *ver*. Já em termos de frequência *type*, cada tipo de construção ou exemplar, a base visual *ver* é mais produtiva, gerando o número de treze exemplares. No século XX, destaca-se também a tendência pela instanciação de construções atômicas, que apresentam cognitivamente menos complexidade estrutural e semântica, uma vez que observamos um número *token* de 2.256 instanciações de construções atômicas em comparação com 336 instanciações de construções mais complexas.

Com o entendimento de que $[V_{\text{visual}}(X_{\text{afixoide}})]_{\text{MDVV}}$ constitui um ponto de aglomeração de construções marcadoras discursivas de visualização virtual, tratamos o pareamento da *construção marcadora discursiva de visualização virtual* no nível mais esquemático como:

$[[V_{\text{visual}}(X_{\text{afixoide}})] \leftrightarrow [\text{marca o discurso, regulando a interação através da manipulação do espaço atencional idealizado virtualmente para cumprir objetivos sociocomunicativos}]]$

Quadro 3: Pareamento forma-função do esquema $[V_{\text{visual}}(X_{\text{afixoide}})]_{\text{MDVV}}$. Fonte: Sambrana (2021)

Embora as propriedades da construção representem usos sincrônicos, esse entendimento mais abstrato da construção é resultado, de certo modo, da análise diacrônica, em que, ao longo do tempo, o esquema se expande. Como relata a autora, “averiguamos que, para a negociação dos sentidos mais procedurais, é necessário uma alta abstratização da noção do espaço, o que ocorre ao longo das sincronias” (SAMBRANA, 2021, p. 146).

3. Análise diacrônica dos dados

Esta seção trata da análise diacrônica dos dados. Ao aplicar a caracterização dos estágios de mudança, ou seja, as taxionomias contextuais de Diewald (2002; 2006), Diewald e Smirnova (2012) e Traugott e Trousdale (2013), traçamos a rota de convencionalização dos elementos que formam o esquema $[V_{\text{visual}}(X_{\text{afixóide}})]_{\text{MDVV}}$. Dessa forma, ao identificarmos os *contextos atípico* e *crítico*, chegamos ao *contexto isolado*, em que apontamos como a atuação da construcionalização gramatical, uma vez que, neste trabalho, unificamos Diewald e Smirnova (2012) e Traugott e Trousdale (2013).

Para a LFCU, a efetivação da mudança linguística se dá com o surgimento da nova construção. Para tanto, a mudança é gradual, demonstrada aqui como micropassos de mudança ou, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), mudanças construcionais. Nesse sentido, o contexto anterior é ponto de partida para o próximo estágio mais avançado da mudança.

3.1 Contextos atípico, crítico e isolado na mudança linguística

Tomamos os estágios atípico e crítico, apontados por Diewald (2002; 2006) e Diewald e Smirnova (2012), por mudanças construcionais. Segundo as autoras, enquanto o estágio atípico é marcado por uma distribuição de sentidos polissêmicos, muitas vezes, decorrentes de implicaturas conversacionais e de certa conservação do sentido composicional, o estágio crítico desenvolve um tipo de opacidade múltipla, ou seja, ambiguidades semânticas, estruturais e pragmáticas. A seguir, passamos a demonstrar o tratamento dispensado aos dados sob os rótulos de contexto atípico, em (6), e contexto crítico, em (7):

(6) O Manuelzinho sorriu, olhando para o professor. Fidêncio agarrara a ocasião, pelos cabelos: - Olhe, olhe, dissera, apontando ao coletor o padre, **veja lá se aquele é capaz de deixar apelintragem**, com que pretende enganar atodos, para meter-se no mato a converter tapuios bravos; se é homem para deixar a sua casinha cômoda da Rua da Matriz, o seu vinhito do Porto ao amanhecer, o gordo tambaqui macio, (*Corpus* do português, séc. XIX).

Em (6), o sentido polissêmico de ‘perceber isso’ ou ‘conferir isso’ carregado por *veja lá* é perceptível com o entendimento do contexto. Como uma implicatura conversacional, o apontamento para a pessoa e, em seguida, o compartilhamento de uma avaliação sobre aquele de quem se fala, traz sentido de requisição de aumento de atenção ao contexto situacional. Conforme as autoras e nossas análises, *veja* e *lá* ainda mantêm traços, na medida do possível, de sua composicionalidade original.

(7) ... não quero mais afligi-lo com semelhante negócio, que a dizer-lhe a verdade bem me repugna. Aceito a proposta. - Obrigado; é um importante serviço que vai me prestar. - Mas que volta darei eu ao negócio para sair-me bem dele? - **Veja lá**; sua imaginação é fácil em recursos, e há de inspirar-lhe algum meio de safar-se de dificuldades com a maior limpeza. Martinho ficou por alguns momentos a roer as unhas, pensativo e com os olhos pregados no chão. (*Corpus do Português*, séc. XIX)

Em (7), o contexto muda para um estágio mais avançado na mudança. A distribuição da polissemia observada no contexto atípico, em (6), ganha modelagem com sentido mais restrito de ‘esteja atento’. Embora o sentido da base visual se especialize, ambiguidades semânticas, estruturais e pragmática ocorrem, o que gera, na maioria dos contextos críticos, uma dupla possibilidade de interpretação por parte do ouvinte. Dessa forma, em (7), o ouvinte pode interpretar o recrutamento de *veja lá* ligado a sentidos mais lexicais, em que a requisição de atenção esteja sendo direcionada para a situação no futuro. Nesse sentido, a subparte *lá* atua como um dêitico espacial de remissão exofórica (situacional). Por outro lado, o ouvinte também pode interpretar sentidos mais gramaticais, em que *veja lá*, uma vez interpretado como uma expressão mais integrada, significa que o falante intenciona se afastar da situação futura. Nessa interpretação mais gramatical, o sentido de distanciamento/afastamento de *lá* projeta uma inferência de descomprometimento do falante com o trato que está sendo feito.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), falantes e ouvintes, ao negociarem sentidos, provocam essa incompatibilidade de sentidos, fenômeno chamado pelos autores de *mismatch*, para, gradualmente, modelarem novos usos para formas mais antigas. Essa modelagem se dá por meio de pressões de ordem cognitiva, estrutural e pragmático-

discursiva (cf. BYBEE, 2010; FURTADO DA CUNHA, BISPO, SILVA, 2013; OLIVEIRA, SAMBRANA, 2018).

Logo após o estágio da criticidade, no caso dos marcadores discursivos de visualização virtual, o desempenho de funções mais procedurais se instaura, e o contexto isolado surge:

(8) - só estive casada catorze anos ... a mais velha ainda não tinha... Ainda não tinha quase a escola... Ah! ... A mais novinha, que é esta, tinha dois anos e meio! **Veja lá**, tudo pequeno. A gente viu-se mal. O que me valeu tinha uma irmã - que também já faleceu, coitada -, e essa ajudava-me muito. (*Corpus do Português, séc. XX*)

Em (8), detectamos o uso neoanalisado de *veja lá*, como uma nova construção, em que o pareamento forma-função encontra-se reconfigurado. Nesse direcionamento, constata-se o uso de *veja lá* como MD, uma vez que apresenta autonomia sintática, relevo fonológico e orientação da interação, características prototípicas dos MDs (cf. SAMBRANA, 2017). Em (8), observamos que o MD *veja lá* marca requisição de posicionamento do ouvinte diante da constatação “*tudo pequeno*” veiculada. Assim, o Chamamento de Atenção corrobora para a orientar a interação, interligando discursivamente a informação veiculada sobre os filhos da informante à constatação “*tudo pequeno*”, o que provoca a implicatura pragmática de admiração por parte do ouvinte. A esse arranjo procedural de construção do discurso atribuímos um caráter menos textual-discursivo e mais discursivo-pragmático.

3.1.2 O Contexto *Gap* de mudança linguística

Nos exemplos (6), (7) e (8), observamos, nos moldes de Diewald (2002; 2006) e Diewald e Smirnova (2012), que a forma *veja lá*, assim como os outros 23 exemplares testados, percorrem os contextos atípico, crítico e isolado na rota de convencionalização de predicado transitivo a marcador discursivo. Entretanto, em virtude de nossos dados, detectamos, além dos contextos atípico, crítico e isolado, um outro contexto de mudança que difere dos teorizados pelas autoras. Apresentando características muito próprias, este se localiza na reta final do contexto crítico. O fragmento (9) ilustra nosso posicionamento:

(9) Leonarda: - ... que tanto recomendei à francesa que o queria bem à moda. Passo-lhe uma descalçadeira a primeira vez que lá for. Não achas este penteado muito baixo?
Inacinha: - Não, está bom. Leonarda:- Endireita-me as fitas deste chapéu. (Felisberta endireita) - **Veja lá se me vai para a janela**, assim que eu sair. Diga a seu amo, quando ele vier, que tome conta da casa. Ó menina? (*Corpus* do Português, séc. XIX)

Conforme Diewald e Smirnova (2012) destacam, e Oliveira (2015) ratifica, no contexto crítico, as opacidades contextuais geram ambiguidades. Dentre os dados levantados do contexto crítico, observamos que alguns desses dados não apresentam ambiguidades. Nesses casos verificamos que a ambiguidade é desfeita e se veicula um sentido mais gramatical, sem que ainda se conclua a Construcionalização. A esse tipo de contexto, não previsto nem por Diewald (2002; 2006) nem por Diewald e Smirnova (2012) e nem por Traugott e Trousdale (2013), estamos nomeando *Gap* final do contexto *crítico* ou, simplesmente, Contexto *Gap*.

Nesse posicionamento, em (9), o recrutamento de *veja lá* em “*Veja lá se me vai para janela*” exprime um sentido mais gramatical de ‘preste atenção’ do que o equivalente ao ‘estar atento’ e, ainda, sustenta uma reprimenda, mas não constitui MD ainda. Defendemos que esse tipo de contexto não sugere ambiguidades ao ouvinte. Outra característica marcante é que o complemento torna-se opaco quanto ao aspecto da transitividade. A proforma *lá* perde seu *status* de complemento e, dessa forma, “*se me vai para a janela*” é expressamente um aviso.

A seguir, vejamos outro Contexto *Gap* de mudança:

(10) - Ora, dize uma coisa, ó pequerrucho, tu me queres bem mesmo ou isso é uma esquisitice, uma pândega? E risonha, sentando-se: - Mas olha, dize a verdade! **Vê lá se me vens com história...** Ele então disse que estimava-a do fundo do coração e tornou a jurar que havia de morrer junto dela, na mesma cama - juntinho, lado a lado... - E se morreres a bordo, no mar? - Paciência, murmurou o grumete num tom de tristeza. Mas, arrependida, ela o cobriu de beijos: - Não, ele não morreria no mar. Brincadeira, brincadeira... (*Corpus* do Português, séc. XIX)

No exemplo (10), caracterizado como um contexto de uso do tipo dialogal, só temos a possibilidade da leitura mais gramatical. Nos termos de Brinton (2008) e Traugott (2018), ocorre apagamento do complemento pela perda de suas características prototípicas funcionais.

Em (7), observamos as características de ambiguidades múltiplas que levam ora para uma leitura mais lexical ora para uma mais gramatical.

Entretanto, em (9) e (10), observamos que somente há a possibilidade de leitura mais gramatical, a ambiguidade está desfeita pelo contexto de uso. Daí vem nossa caracterização como Contexto *Gap* final da mudança.

Diewald e Smirnova (2012) afirmam que o contexto crítico, muitas vezes, não apresenta produtividade suficiente para se manter no repertório linguístico e, conseqüentemente, não pode ser rastreado. Com a metodologia empregada pela LFCU, esse posicionamento teórico vem sendo revisto por algumas pesquisas bem robustas como Rosa (2019), Paula (2021), Sambrana (2021) e Borges (no prelo), entre outras.

A partir do entendimento de que podemos captar mais um estágio avançado na mudança, sugerimos uma rota de convencionalização dos marcadores discursivos de visualização virtual:

Atípico → Crítico → Gap → Isolado

Quadro 4: Rota dos contextos de mudança dos marcadores discursivos de base visual. Fonte: Autoria nossa.

Com base nas considerações, postulamos que o Contexto *Gap* é melhor rastreado através da perspectiva diacrônica. Sambrana (2021) defende que:

Dentre as propostas surgidas no decorrer desta tese, a que mais se destaca em nossa análise diacrônica é o que pontuamos como *Gap* final do contexto crítico, que pode ser abordado sob dois procedimentos: o primeiro visto como o final do contexto crítico, e o segundo como um outro contexto crítico. O contexto *Gap* constitui o estágio mais avançado em um *cline* de mudança, em que a ambiguidade é desfeita e apenas o sentido mais gramatical é instaurado sem que ainda se efetive a nova construção. Visto como padrão de experiências rotinizadas, o contexto *Gap* favorece o sentido não comumente negociado, que passa a ser linguisticamente expresso. O contexto *Gap* é caracterizado, principalmente, pela perda categorial dos traços do contexto fonte em que a construção original ainda se mantém. Assim, ocorre um contexto

Gap entre a categoria fonte e a categoria alvo, entre a construção original e a nova construção. Sendo assim, o critério para se identificar o contexto *Gap* consiste na dificuldade de caracterizar a construção em formação pelos traços categoriais da construção de origem. (SAMBRANA, 2021, p. 157)

3.2 A visão da gradualidade da mudança linguística

Na investigação do surgimento dos MDs de base visual, comprovamos a atuação do processo de Construcionalização Gramatical (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), como trajetória gradual do desenvolvimento de formas em usos específicos. Essa trajetória é iniciada por uma distribuição de sentidos gerados por implicaturas conversacionais e situacionais (cf, MARTELOTTA, 2011). Consequentemente, isso produz polissemia e, em seguida, desenvolve opacidades múltiplas. Logo após, os sentidos se especializam para cumprir funções cada vez mais abstratas, não pautadas na expressão da transitividade, mas baseadas no monitoramento da atenção. Por sua vez, chega-se ao estágio final do contexto crítico, em vias de isolamento, que denominamos como Contexto *Gap*, que tem como principal característica a restrição pelo sentido mais abstrato. Sendo assim, podemos sugerir a direcionalidade da mudança:

Contexto fonte → aumento de sentido polissêmico → metaforização do sentido de processamento mental → aumento de informatividade → inferência de “apontar para” → especialização do sentido de ‘estar atento’ → semanticização da subjetividade → desbotamento dos argumentos → metonimização → extensão metafórica de “apontar para um espaço idealizado virtualmente” → cristalização do verbo → especialização do sentido mais gramatical (*Gap*) → perda categorial → Contexto isolado.

Quadro 5: Gradualidade do processo de construcionalização de [V_{visual} (X_{Afixoide})]MDVV. Fonte: Sambrana, 2021

Dessa forma, os micropassos de mudança se constituem em generalizações que demonstram a gradualidade da mudança de construção de predicado transitivo para construção marcadora discursiva de visualização virtual. Acrescentamos que essas generalizações são constituídas ao longo da diacronia, em menor ou maior grau de atuação do sistema cognitivo da atenção e dos processos de domínio geral.

4. Construcionalização de marcadores discursivos formados por *olhar* e *ver* no português

Na trajetória de formação do esquema $[V_{\text{visual}} (X_{\text{Afixoide}})]_{\text{MDVV}}$, atestamos o desenvolvimento de três subesquemas distintos que, nos termos de Barðdal (2008), tornam-se coesos pela macrofunção de Chamamento de Atenção.

O subesquema $[V_{\text{visual}}]_{\text{CA}}$ opera com formas compostas apenas pela base visual, negociando sentidos asseverativos no espaço idealizado virtualmente. A este subesquema se agregam as formas *olha*, *olhem*, *vê*, *vejamos*, entre outras.

O subesquema $[V_{\text{visual}} (A_{\text{fixoide}}^{\text{Locativo}})]_{\text{CA}}$ produz formas compostas pela base visual acrescidas de um afixoide com valor locativo, que exemplificamos com *olha lá*, *olha aí*, *vê lá* e *veja lá*, entre outras. Como função derivada da macrofunção de Chamamento de Atenção, os membros desse subesquema marcam a orientação de localização de sentidos procedurais no espaço idealizado virtualmente.

Por sua vez, o subesquema $[V_{\text{visual}} (A_{\text{fixoide}}^{\text{Focalizador}})]_{\text{CA}}$ sofre, conforme apontado por Oliveira e Sambrana (2018), neoanálise mais complexa. Nesse subesquema se aglomeram as formas *olhe bem*, *olha só* e *vejam bem*, entre outras, com função de marcar a orientação de focalização de sentidos procedurais no espaço idealizado virtualmente.

A Tabela 1 que se oferece a seguir apresenta detalhadamente a frequência *type* e a frequência *token* de cada subesquema, agrupados por século:

SUBESQUEMAS	MICROS	DIACRONIA				
		XVI	XVII	XVII I	XIX	XX
[V _{visual}] _{CA}	olha	5	3	7	96	1.548
	olhe		3	9	101	328
	olhem				14	7
	vê			2	6	11
	veja				18	32
	vejam				7	5
	vejamos				16	5

	viu					320
[V _{visual} (Afix _{Locativo})] _{CA}	olha aqui				2	38
	olhe aqui					19
	olha lá				31	32
	olhe lá				20	17
	olha aí					18
	vê lá			1	15	19
	veja lá		1		18	25
[V _{visual} (Afix _{Focalizador})] _{CA}	olha só					34
	olha bem				1	2
	olhe bem					2
	vê só					3
	veja só				5	25
	vejam só				10	8
	vê bem				6	5
	veja bem				10	49
	vejam bem				1	10
Total por século		5	7	19	377	2.562
Total geral de dados		2.970				

Tabela 1: Frequências *token* e *type* na formação de [V_{visual}(X_{afixoide})_{MDVV}. Fonte: Autoral

Embora os subesquemas [V_{visual}]_{CA}, [V_{visual}(Afixoide_{Locativo})]_{CA} e [V_{visual}(Afixoide_{Focalizador})]_{CA} estejam ligados pela macrofunção de CA, os MDs são elementos altamente polifuncionais.

5. Considerações finais

Os sentidos negociados a partir do recrutamento dos elementos que compõem o esquema [V_{visual}(X_{afixoide})]_{MDVV} marcam o discurso nos mais variados níveis de

apresentação, seja textual, discursivo ou pragmático. Sendo assim, em nosso ponto de vista, na integração entre co-texto e contexto, os *marcadores discursivos de visualização virtual* são recrutados para veicularem sentidos em que a orientação do espaço virtual serve de apoio para que falantes incrementem sentidos mais procedurais em suas trocas interativas.

Com esse estudo, averiguamos que a evolução das formas depende tanto das mudanças semântico-pragmáticas como também das mudanças no nível estrutural. Outro aspecto que pontuamos consiste na pressão exercida pela semanticização¹⁶ das inferências sugeridas, negociadas através dos sentidos metaforizados da atenção e do espaço, e pela semanticização da subjetividade, que provoca negociações de significados no contínuo de (inter)subjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2005).

Outro aspecto relevante diz respeito à pós-construcionalização, que é o período em que a nova construção se estabelece na rede. Um dos efeitos da convivência em rede é quando a nova construção sofre paradigmática, ou seja, é embutida em sua categoria paradigmática (DIEWALD, 2020). Sendo assim, a categoria dos marcadores discursivos é tomada como uma hiperconstrução, uma vez que aglomera várias classes e subclasses de marcadores do discurso.

Referências bibliográficas

BARÖDAL, J. *Productivity: evidence from case and argument structure in Icelandic*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.

BRINTON, L. J. *The comment clause in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (org.). *A handbook of historical linguistics*. Blackweel, 2003.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

¹⁶ Entendemos por semanticização o ganho funcional de sentidos.

CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2013.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISHER, I.; DIEWALD, G. (eds). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 103-120.

DIEWALD, G. Contexts types in grammaticalization as constructions. In: Special Volume 1: *Constructions all over – case studies and theoretical implications*. 2006. Disponível em: www.constructions-online.de:009-4-6860. Acesso em: 10 de mar. 2019.

DIEWALD, G. Paradigms lost – paradigms regained: paradigms as hyper-constructions. In: SOMMERER, Lotte; SMIRNOVA, ELENA. *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 277-314.

DIEWALD, G.; SMIRNOVA, E. “Paradigmatic integration”: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, K; *et al* (ed). *Grammaticalization and language change – new reflections*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012. p. 111-131.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista do GELNE*, Natal/RN, v. 15. N. especial, p. 53-78, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (org). *Linguística funcional: teoria e prática*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística*. Rio de Janeiro, v. especial, dez. 2016, p. 55-66, 2016.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. Constructionist Approches. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. *The oxford handbook of construction grammar*. New York: OUP. 2013. p. 10-21.

HILPERT, M. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

ILARI, R. Sobre os advérbios focalizadores. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*. 4. ed. v. II. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2002, p. 181-198.

LACERDA, P. F. A. da C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, v. especial, p. 83-101, dez. 2016.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1989. p. 281-321.

MARTELOTTA, M. E. Funcionalismo e metodologia quantitativa. In: OLIVEIRA, M.; ROSÁRIO, I. (orgs). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009. p. 1-20.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, M. R. de. Contexto: definição e fatores de análise. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do (org). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015. p. 22-35.

OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do (org). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015.

OLIVEIRA, M. R. de; SAMBRANA, V. R. M. Marcadores discursivos de base perceptivo-visual: uma abordagem construcional. *Revista Confluência*, Rio de Janeiro, nº 55, 2º semestre de 2018. p. 327-349.

OLIVEIRA, M. R. de; SAMBRANA, V. R. M. Neoanálise e analogização na formação de marcadores discursivos do português. *Estudos da Lingua(gem)* (online), Vitória da Conquista, jan-abr. de 2020, v. 18, n. 1, p. 25-44. 2020. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6126/4944>. Acesso em: 13 fev. 2020.

OLIVEIRA, M. R. de; SAMBRANA, V. R. M. A complementaridade da gramaticalização e da construcionalização para a pesquisa da formação de marcadores discursivos em português. *Matraga*, v. 29, n. 56, p. 318-333, maio/ago. 2022.

PAULA, V. B. *A construcionalização de grau intensivo[[p(a)ara lá de] [X]] no português*. 2021. Tese (Doutorado em estudos da Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

ROSA, F. S. da L. *A mesoconstrução marcadora discursivo refrecedor-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional*. 2019. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

ROSÁRIO, I. da C. do (org). *Introdução à linguística funcional centrada no uso: teoria, método e aplicação*. Niterói: Eduff, 2022.

ROSÁRIO, I. da C. do; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo. v. 60. n. 2 p. 233-259, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1608-1>. Acesso em: 4 abr. 2018.

SAMBRANA, V. R. M. *Marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais olhar e ver: uma abordagem construcional*. 2017. 155f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem - Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

SAMBRANA, V. R. M. *Construcionalização de marcadores discursivos formados por olhar e ver no português*. 2021. 172f. Tese (Doutorado Estudos de Linguagem - Linguística) - Universidade Federal Fluminense, Niterói. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/22848>.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: CKARDT, R. et al. 154 (org). *Variations, Selection, Development: probing the evolutionary model of language change*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

ABSTRACT

This paper brings the thesis argues that, in portuguese, there is a productivity schema of discourse marker pairings formed by visual sense reconfiguration, expressed on *olhar* and *ver*. These constructions are discourse markers of virtual visualization, as *olha*, in the case of (a) “*eu fiquei... olha... eu pensei que fosse morrer sabe...*”; or *olhe lá*, in the case of (b) “*Olhe lá... Tome cuidado!*”. In accordance with Traugott and Trousdale (2013), this process involves grammatical constructionalization. In this thesis, as far as we know this grammatical constructionalization process implies that the original meaning of visual verb changes to more procedural one related with interaction management through the required attention. Following the theory of Usage-Based Linguistics, our proposed research is in a panchronic perspective. Accordingly we organized into two parts, a synchronic part accounts the 20th century, and a diachronic part representative of 15th century through the 20th century. As one of the results, we verified that the discourse markers of virtual visualization form the schema [V_{visual} (X_{afixoide})]_{MDVV}, and it sanctions subschemas and micro-constructions.

Keywords: Neoanalysis; Discourse markers of v

**A CONSTRUÇÃO DE ESTRUTURA ARGUMENTAL COM
VERBOS DE PERCEPÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**
THE CONSTRUCTION OF ARGUMENT STRUCTURE WITH PERCEPTION
VERBS IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Mizilene Kelly de Souza Bezerra (UFRN)

Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN)

RESUMO

Este trabalho investiga a construção de estrutura argumental transitiva com verbos de percepção no português brasileiro. O aporte teórico adotado é a Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013), de viés construcionista (GOLDBERG, 1995; BYBEE, 2016; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021). A pesquisa é de natureza básica, reveste-se da abordagem de cunho quali-quantitativo (CUNHA LACERDA, 2016) e é orientada pelo método dedutivo e indutivo. Além disso, classifica-se como descritivo-explicativa e é de base bibliográfica. Utilizamos um *corpus* sincrônico com trezentas mil palavras, na modalidade escrita, a partir de textos disponíveis na *internet*, do ano de 2014, os quais foram retirados de *blogs*. Por ora, consideramos que o complemento objeto direto dos verbos de percepção apresenta diferentes configurações morfossintáticas, pois assume a forma de oração, de SN ou não é morfologicamente explicitado. A construção mais esquemática é [SUJEITO_{EXPERIENCIADOR} VERBO_{PERCEPÇÃO} OBJETO DIRETO_{FENÔMENO}]. Aspectos discursivos-pragmáticos e cognitivos motivam a escolha do padrão de estrutura argumental em que esses verbos são usados.

Palavras-chave: verbos de percepção; estrutura argumental; Linguística Funcional Centrada no Uso.

Introdução

Este artigo é parte de uma tese de doutorado (em andamento) e está fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013) e alinhado à Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; BYBEE, 2016; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021). Focaliza, de modo específico, a construção de estrutura argumental transitiva e assume como objeto de estudo os verbos que desempenham os sentidos de percepção visual (*olhar, avistar, visualizar, ver, perceber, observar, notar*); percepção auditiva (*escutar, ouvir, ver, perceber, observar, notar*); percepção olfativa (*cheirar, perceber, sentir, experimentar*); percepção gustativa (*experimentar, degustar, provar, saborear, sentir, perceber*); e

percepção tátil (*tocar, apalpar, palpar, sentir, tatear, perceber*) (HENGEVELD *et al.*, 2019).

Examinamos as relações estabelecidas entre esses verbos de percepção e seus argumentos, compreendendo que essas relações não são determinadas exclusivamente pelo verbo, mas são configuradas pela construção de estrutura argumental da qual tais verbos fazem parte. Nessa linha, a construção é entendida como um pareamento de forma-significado e as construções de estrutura argumental são uma subclasse especial de construções que fornecem os meios básicos de expressão oracional em uma língua (GOLDBERG, 1995).

No que diz respeito à metodologia utilizada, esclarecemos que o trabalho é descritivo-explicativo, sendo realizado por meio de procedimentos bibliográficos e ancorado no método dedutivo e indutivo. Além disso, a análise se realiza a partir do equacionamento entre a metodologia qualitativa e a metodologia quantitativa (CUNHA LACERDA, 2016). Utilizamos, para tanto, um *corpus* sincrônico com 300 mil palavras, na modalidade escrita, constituído a partir de textos disponíveis na *internet*, do ano de 2014, os quais foram retirados de *blogs*. Trata-se de um *corpus* aberto e disponível no site do projeto do qual é oriundo, a saber: o Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional e Tradução (NUPCT/UFJF)¹⁷. Destacamos, também, que para constituí-lo não foram incluídos os *blogs* de colunistas de renome, de jornalistas e de instituições que fazem uso desse ambiente virtual para divulgar ideias, artigos, notícias, reportagens e produtos. Foram considerados, apenas, os *blogs* que tenham cunho pessoal e que tratam das experiências de quem os escreve, seja por meio de narrativas ou de emissão de um ponto de vista. Vale esclarecer que a motivação para tal escolha deu-se mediante sua representação como um *corpus* médio, pois classifica-se no intervalo entre 250.000 a 1.000.000 de palavras¹⁸, além de retratar um “ambiente virtual [que] possibilita uma linguagem menos policiada e menos padronizada de acordo com critérios formais da escrita” (FÉLIX DE OLIVEIRA, 2012, p. 64).

17 Esse projeto é coordenado pela Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, a quem agradecemos a gentileza de socializar os *corpora*. Disponível em: <https://www.ufjf.br/nupact/corpora/corpora-online/corpora-do-portugues/>.

18 Abaixo dessa classificação, têm-se o *corpus* pequeno-médio (80.000 a 250.000 palavras) e o pequeno (menor que 80.000 palavras); e, acima desse valor, o *corpus* médio-grande (1.000.000 a 10.000.000 de palavras), seguido do *corpus* grande (10.000.000 de palavras ou mais).

Por meio do *software AntConc*¹⁹, localizamos, no *corpus blogs*, os verbos estudados. Feito isso, realizamos, com o arquivo do *corpus* no formato Portable Document Format (PDF), a busca por cada uma das ocorrências. Assim, procedemos com a coleta dessas ocorrências que, posteriormente, foram organizadas com a ajuda do *Microsoft Word*. Em decorrência de ainda estarmos na fase de análise dos dados, para este trabalho, em específico, não houve quantificação dos dados, e as amostras aqui utilizadas foram escolhidas de modo que apresentassem os resultados por ora obtidos.

Este texto está organizado da seguinte maneira: na seção 2, explicitamos as bases teórico-metodológicas que dão suporte à investigação; na seção seguinte, os resultados preliminares obtidos a partir da análise realizada; e, na última seção, apresentamos as considerações finais retomando, brevemente, a discussão empreendida ao longo do texto.

1. Pressupostos teórico-metodológicos

1.1 Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)

Desde a década de 1980, a Linguística Funcional (LF) vem passando por um processo de consolidação. No cenário brasileiro, os estudos de viés funcionalista ganham repercussão devido, principalmente, à formação de grupos de pesquisadores, entre eles o Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G). Criado por Sebastião Votre e sediado, atualmente, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Universidade Federal Fluminense (UFF) e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), os trabalhos dos pesquisadores desse grupo se fundamentam na Linguística Funcional norte-americana (LF) e, mais recentemente, têm incorporado pressupostos e categorias da Gramática de Construções (GC), principalmente os de inspiração em Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001), resultando no modelo denominado Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Cabe destacar que essa tendência corresponde ao que se denomina na literatura americana de *Usage-Based Linguistics*²⁰ e se fundamenta em pressupostos dos

19 Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>.

20 Para Bybee (2016), a *Usage-Based Linguistics* deriva do Funcionalismo norte-americano, sendo apenas um novo rótulo para ele.

quais destacamos: i) a emergência, a regularização e a aquisição da língua ocorrem a partir da experiência dos indivíduos no mundo biofísico e social; ii) a autonomia e a centralidade da sintaxe são descartadas; iii) a distinção rígida entre léxico e gramática é abolida; e iv) a semântica e a pragmática são integradas à análise linguística.

No Brasil, essa corrente de estudos foi primeiro rotulada de Linguística Centrada no Uso, um tipo de abordagem que “considera haver uma relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação” (MARTELOTTA, 2011, p. 55-56). Ou seja, é uma abordagem que não analisa apenas os aspectos formais; as dimensões semânticas, pragmáticas e discursivas são também contempladas em suas investigações. Posteriormente, o rótulo foi ampliado para Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

Dito isso, destacamos, a seguir, alguns dos princípios e das categorias analíticas utilizadas pela LFCU.

1.1.1 Iconicidade

Um princípio importante é o da iconicidade, entendida como o oposto da arbitrariedade. Nesse sentido, representa a correlação entre forma (código linguístico) e função (conteúdo). Na LFCU acolhe-se a ideia de que existem, na língua, padrões que mantêm uma aproximação com os sentidos que eles designam, de modo que os laços entre forma e função são perceptíveis. Diferente disso, há casos em que tal relação não é nítida, o que revela a arbitrariedade e a impossibilidade de se estabelecer conexão motivada, transparente entre expressão e conteúdo (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). Conforme explicam Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 23),

na língua que usamos diariamente, especialmente na língua escrita, existem por certo muitos casos em que não há uma relação clara, transparente, entre forma e conteúdo. Há contextos comunicativos em que a codificação morfossintática é opaca em sua função. Tomadas sincronicamente, determinadas estruturas exibem acentuado grau de opacidade em relação aos papéis que desempenham. Assim, encontramos correlação entre uma forma e várias funções, ou entre uma função e várias formas.

Isso quer dizer que existem casos em que a relação entre forma e função não é evidente, revelando aparente arbitrariedade. É o caso, por exemplo, dos marcadores conversacionais, como *bom*, *ai*, *tá?*, que se originam de lexemas (adjetivo, advérbio e verbo, respectivamente) que passaram a ter funcionamento discursivo, e não mais referencial.

Givón (1995, 2001) estabelece três subprincípios da iconicidade, os quais descrevemos a seguir. De acordo com o subprincípio da quantidade, quanto maior for a quantidade de informação, maior será a quantidade de forma. A partir disso, Croft (1990) compartilha a ideia de Clark e Clark (1977) quanto ao fato de a complexidade de pensamento refletir a complexidade de expressão. Além disso, quanto mais previsível for a informação, menos complexa será a estrutura que a codifica. As ocorrências (1) e (2), com o verbo *ver*, exemplificam isso²¹.

(1) Ai **vi essas fotos** aqui da Blair, do Atlantic Pacific, que eu amo, e foi o bastante: laços!
(*Corpus blogs* 2014)

(2) **vi essa foto** aí de cima no instagram oficial da marca e enlouqueci! (*Corpus blogs* 2014)

Como podemos observar, em (1), o SN *essas fotos* tem a marcação de plural codificada com um morfema a mais (-s), em comparação com (2), *essa foto*, o que torna a segunda ocorrência menos complexa cognitiva e estruturalmente se comparada à anterior.

Segundo o subprincípio da proximidade, “os conceitos mais integrados no plano cognitivo também se apresentam com maior grau de aderência morfossintática” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 23). Quer dizer, aquilo que está mentalmente junto tende a vir sintaticamente junto na cláusula. Eis uma amostra:

(3) O esmalte é um tom de rosa/magenta *lindíssimo* e possui acabamento glitter. (*Corpus blogs* 2014)

21 Nas ocorrências de estrutura argumental transitiva apresentadas aqui, o verbo de percepção está em negrito, o sujeito está em itálico (quando for expresso) e o complemento, em negrito e sublinhado. As demais ocorrências apresentadas têm o destaque dado, apenas, em itálico.

Nessa ocorrência, temos uma demonstração do subprincípio da proximidade, uma vez que intensificadores, nesse caso o morfema de superlativo (*-íssimo*), sempre vem anexado à palavra que modifica (*lindo*), gerando *lindíssimo*.

O subprincípio da ordenação linear diz respeito à tendência de a informação mais importante ou mais acessível ocupar o primeiro lugar na cadeia sintática, de forma que a ordem de importância para o falante é revelada pela ordem em que este situa os elementos no enunciado. Caracteriza-se, também, pelo fato de que a ordem das orações no discurso tende a seguir a sequência temporal dos acontecimentos que codificam. Esse último subprincípio icônico encontra-se exemplificado a seguir.

- (4) Passei o dia inteiro no salão – obviamente já imaginava isso e fui preparada! *Levei meu computador e carregador, adiantei trabalho, vi série, fiz tudo* hahaha – mas valeu cada minuto sentado na cadeira. (*Corpus blogs* 2014)

No dado (4), o subprincípio da ordenação linear fica evidente devido à apresentação das informações em itálico estarem de acordo com a ordem lógica dos acontecimentos que perfilam. A mulher diz que foi preparada para o salão de beleza no qual passaria o dia inteiro, para tanto, revela os itens levados e narra, na sequência temporal em que os eventos aconteceram, o que fez enquanto estava lá. Entendemos que só foi possível *adiantar trabalho* e *ver série* porque antes existiu a ação de levar o computador e o carregador. Além disso, a oração *fiz tudo* encerra os acontecimentos, o que não poderia ser dito antes das ações anteriormente realizadas.

1.1.2 Marcação

Outro princípio caro ao funcionalismo é o de *marcação*. Em linhas gerais, “corresponde a um refinamento da noção saussureana de valor linguístico nas distinções binárias entre um par contrastivo” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 24). As formas marcadas são aquelas que exigem dos interlocutores um esforço cognitivo maior; em contrapartida, as formas não marcadas são mais simples e, portanto, mais usuais.

Givón (1990) aponta três critérios para a distinção entre categorias marcadas e não marcadas. São eles: (i) complexidade cognitiva: a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa em comparação com a categoria não marcada, pois demanda maior esforço mental, atenção e tempo de processamento para sua interpretação; (ii) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser maior ou mais complexa do que a estrutura não marcada correspondente; (iii) distribuição de frequência: a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a não marcada.

Na oposição entre singular e plural, por exemplo, a forma plural é considerada mais complexa estrutural (por ter um morfema a mais) e cognitivamente (ideia de maior quantidade), sendo, também, menos frequente nos textos.

Contudo, é importante fazer algumas considerações sobre a análise da marcação, dado o caráter dinâmico da língua. Croft (1990) e Furtado da Cunha (1999) exploram a inadequação da binariedade e advogam a ideia de tratar a marcação numa perspectiva escalar, visto que alguns fenômenos não podem ser observados de forma dicotômica. Givón (1995), por sua vez, alerta para o fato de uma mesma estrutura poder ser marcada num contexto e não marcada em outro; sendo assim, a marcação é dependente do contexto e deve ser explicada com base em fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos e/ou biológicos. Acrescenta, também, que a marcação pode estender-se a outros fenômenos, não só às categorias linguísticas, como a distinção entre o discurso formal, mais marcado, e a conversação espontânea, menos marcada.

1.1.3 Informatividade

Informatividade refere-se ao conteúdo informacional veiculado no contexto comunicativo. Durante a comunicação, o interlocutor busca informar alguma coisa, assim como espera provocar alguma reação no outro. Para isso, ele orienta o seu parceiro quanto ao conteúdo informacional veiculado, valendo-se do aparato linguístico e de recursos extralinguísticos.

O princípio da informatividade está ligado ao estatuto informacional dos referentes nominais, que podem ser classificados em dado, novo, disponível ou inferível. Essas categorias têm a ver com a avaliação que o interlocutor faz quanto à pressuposição

do que o outro conhece ou não sobre os elementos referenciados no discurso. O fragmento (5) ilustra esse princípio.

- (5) A moda é cíclica e estamos cansadas de *escutar isso*, porém, vale ressaltar que uma tendência volta sempre de maneira diferente, inovada! (*Corpus blogs* 2014)

Em (5), o objeto direto de *escutar* é o pronome *isso*. Seu emprego mostra que o locutor faz uso de uma quantidade menor de informação porque entende que aquilo a que ele se refere (*a moda é cíclica*) já foi levado ao conhecimento do interlocutor no discurso precedente, tratando-se, então, de uma informação dada.

1.2 Gramática de construções e construção de estrutura argumental

Conforme já mencionado, o viés teórico aqui adotado incorpora contribuições da Gramática de Construções, na linha de Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), Bybee (2016) e Traugott e Trousdale (2021), entre outros. Inicialmente formulado por Lakoff (1987) e por Fillmore, Kay e O'Connor (1988), o conceito de construção não se aplicava ao léxico, isso porque “se restringia à junção convencionalizada de dois ou mais elementos linguísticos que formam uma sequência gramatical” (FURTADO DA CUNHA; SILVA; BISPO, 2016, p. 59). Contudo, Goldberg, em seus trabalhos, expande esse conceito para dar conta de morfemas, palavras, sintagmas e orações. Assumimos, então, à luz dessa autora, que uma construção compreende desde morfemas (como o -s de plural) até estruturas maiores, como orações complexas. Uma construção se define como um pareamento de forma-significado e constitui parte do nosso conhecimento sobre a língua. Desse modo,

quando falamos, selecionamos itens lexicais e construções armazenadas no léxico. Cada um desses elementos contribui com um componente de significado, os quais são fundidos de forma: (a) inteiramente inovadora, ou não especificada, dando origem a construções abertas, como as formadas por sujeito e predicado; (b) lexicalizada em alguma medida, produzindo as construções parcialmente especificadas, do tipo *quanto mais X, mais Y*; e (c) totalmente idiomática, gerando as construções inteiramente especificadas, como *vai com Deus!*” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 21).

Voltando-nos para o estudo das construções de estrutura argumental, Goldberg (1995) entende que o verbo sozinho não determina seus argumentos, pois um mesmo verbo pode fazer parte de diferentes construções. Por conseguinte, a autora considera a construção como responsável por definir as funções dos argumentos que, combinados com o verbo, compõem o significado da oração.

A estrutura argumental diz respeito à relação entre um verbo e seus argumentos. Já o argumento é qualquer elemento relacionado ao verbo, como defende Furtado da Cunha (2006). Ainda sobre argumentos, Castilho (2014, p. 263) define-os como sendo todos “os constituintes sentenciais dependentes de um predicador”, assim, sujeito e objeto direto são reconhecidos como argumentos do verbo. Enquanto o primeiro é considerado um argumento externo, por estar fora do sintagma verbal, o segundo é argumento interno, pois integra o sintagma verbal.

A relação entre um verbo e seus argumentos pode manifestar-se no nível sintático, quando focalizamos as relações gramaticais dos argumentos (sujeito, objeto direto, etc.); no nível semântico, com base nos papéis atribuídos aos argumentos (agente, paciente, experienciador, etc.); e no nível pragmático, que trata dos diferentes modos em que uma mesma informação pode ser estruturada. Vejamos a ocorrência.

- (6) Meu queixo cai no chão toda vez que *eu vejo **essas imagens da Caverna de Cristais de Nazca...*** como pode, gente? (*Corpus blogs* 2014)

Nesse excerto, temos a estrutura argumental composta pelo argumento sujeito (*eu*), um predicador representado pelo verbo com sentido de percepção visual (*ver*), além do sintagma nominal objeto direto (*essas imagens da Caverna de Cristais de Nazca*). Quanto aos papéis atribuídos aos argumentos, o sujeito é experienciador, por ser o elemento que experimenta um fenômeno interno (PERINI, 2010). Já o objeto direto é o causador de experiência, o fenômeno que desencadeia tal experiência.

Segundo Goldberg (1995), as construções de estrutura argumental correspondem a orações simples, as quais são constituídas por um verbo e seus argumentos, cuja análise considera os papéis argumentais, associados à construção, e os papéis participantes, ligados, então, ao verbo. Com isso, o sentido global da construção resulta da associação do seu significado com o significado dos itens lexicais que a compõem.

Bybee também utiliza uma abordagem construcional, esclarecendo que “construções são unidades particularmente apropriadas para a formulação de uma explicação de domínio geral da natureza da gramática” (BYBEE, 2016, p. 130). Além disso, ela defende que as construções são, em sua maioria, parcialmente esquemáticas, ou seja, com posições vazias que podem ser preenchidas por uma categoria de itens semanticamente definidos. Ressalta, ainda, que as construções, geralmente, apresentam algumas partes fixas que são importantes para estabelecer o exemplar prototípico.

Tratando das construções, Traugott e Trousdale (2021) apresentam as propriedades que as caracterizam: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A esquematicidade está relacionada ao fato de que as construções são representadas por esquemas, abstrações gerais de um conjunto de construções percebidas como estreitamente relacionadas na rede construcional. Os esquemas podem apresentar *slots* que podem ser preenchidos por uma variedade de itens. Assim, há construções totalmente esquemáticas ou não especificadas, como a construção de estrutura argumental transitiva *S V OD*, que apresenta todos os *slots* abertos. Já a construção *ir X (ir catar coquinho, ir desta para melhor, ir para o espaço)* é parcialmente esquemática, com um elemento fixo (*ir*) e outro *slot* em aberto (*X*). Uma construção pode, ainda, ser totalmente especificada, por não apresentar *slots* vazios, como *enfiar o pé na jaca*.

A produtividade, por sua vez, refere-se ao grau em que o esquema sanciona outras construções relacionadas, daí termos construções mais produtivas e construções menos produtivas. As construções com alto grau de produtividade são mais abertas, com tendência a serem mais esquemáticas e a licenciarem um maior número de itens em seus *slots*. Em contrapartida, construções menos produtivas são mais especificadas ou apresentam restrições sobre os itens que podem preencher seus *slots*, logo não licenciam um número alto de construtos. Convém destacar que essa propriedade se relaciona à esquematicidade, pois quanto mais esquemática for uma construção, mais produtiva ela será. Isso pode ser ilustrado com a construção adjetival [*X-vel*], cuja base lexical prototípica é derivada de verbo transitivo, como em *reciclar* > *reciclável*; *remover* > *removível*. Sua produtividade se estendeu e a construção passou a sancionar adjetivos com base em verbos não transitivos, como em *durar* > *durável*; *falir* > *falível*, e até mesmo substantivos, a exemplo de *pote* > *potável*; *via* > *viável*. (JOVEM; SILVA, 2017). Desse

modo, a construção passou a ser mais produtiva, visto que o *slot X* pode ser preenchido tanto por verbos de diferentes graus de transitividade como por substantivos.

A composicionalidade é uma propriedade que trata do grau de transparência/opacidade na relação entre forma e significado de uma construção, isto é, “o grau de composicionalidade de uma construção é aferido levando-se em conta se o significado do todo é dedutível do significado de suas partes, tal como evidenciado na codificação formal” (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2019, p. 107). Um alto grau de composicionalidade indica que a correspondência entre a forma e o significado é mais transparente. Por outro lado, graus mais baixos indicam que aspectos do significado não estão diretamente relacionados a aspectos da forma, ou seja, a relação entre forma e significado acaba sendo mais opaca, como acontece com boa parte dos idiomatismos, a exemplo de *água mole em pedra dura tanto bate até que fura*.

Depreende-se, do que foi discutido, que as construções podem ser mais ou menos esquemáticas, mais ou menos produtivas e mais ou menos composicionais, o que indica que essas propriedades da construção são gradientes (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021).

Feita essa apresentação geral, empreendemos uma análise preliminar da construção de estrutura argumental transitiva com verbos de percepção com base em dados da sincronia atual do português brasileiro.

2. Resultados preliminares

Nesta seção, explicitamos os achados preliminares da pesquisa. Para tanto, conforme mencionamos na introdução, consideramos os verbos de percepção que indicam processos mentais relacionados à percepção visual, percepção auditiva, percepção olfativa, percepção gustativa e percepção tátil (HENGEVELD *et al.*, 2019), expressos por 29 verbos, como é possível ver no quadro 1.

Tipos de percepção	Verbos	Total de verbos por tipo de percepção
Percepção visual	<i>olhar, avistar, visualizar, ver, perceber, observar, notar.</i>	7

Percepção auditiva	<i>escutar, ouvir, ver, perceber, observar, notar.</i>	6
Percepção olfativa	<i>cheirar, perceber, sentir, experimentar.</i>	4
Percepção gustativa	<i>experimentar, degustar, provar, saborear, sentir, perceber.</i>	6
Percepção tátil	<i>tocar, apalpar, palpar, sentir, tatear, perceber.</i>	6
Total de verbos		29

Quadro 1: Verbos de percepção analisados. Fonte: Elaboração própria.

Observando os verbos em questão, percebemos que alguns deles podem designar tipos de percepção diferentes, como é o caso dos verbos *ver* (visual e auditiva), *observar* (visual e auditiva), *notar* (visual e auditiva), *sentir* (olfativa, gustativa e tátil), *experimentar* (olfativa e gustativa) e *perceber*, que figura em todos os tipos de percepção, provavelmente, por causa da sua raiz lexical. Para ilustrar o último caso, temos:

- (7) O acabamento é Frost, achei SUPER hidratante, e na bala *eu* consigo **perceber uma leve cintilância** que fica quase inexistente quando aplicado nos lábios. (*Corpus blogs* 2014)
- (8) Outro dia estava na loja de cosméticos, e uma moça que estava ao meu lado chamou a atendente. **Percebi que ela falava baixo com a atendente** sobre a tinta que ela queria, até reparar que ela apontou sutilmente para minha cabeça. (*Corpus blogs* 2014)

Nos exemplos (7) e (8), um mesmo verbo (*perceber*) designa percepções distintas. Enquanto em (7) a percepção é visual, em (8) a percepção é auditiva.

Vejamos, agora, as ocorrências (9) e (10).

- (9) Charlie veio pra gente com apenas 3 meses. Os “ex-donos” ficaram grávidos e decidiram doá-lo, quando **vi a foto**, foi amor a primeira vista e assim começou a nossa jornada juntos. (*Corpus blogs* 2014)
- (10) Nintendo 3DS SB – Rosa Pérola – Nas férias comprei um desses pro meu irmão e acabei nem tendo tempo de testar. Depois durante a viagem **vi uma garota** com um rosinha e fiquei morrendo de inveja. (*Corpus blogs* 2014)

Em (9) e (10), o sujeito de *ver*, verbo do tipo de percepção visual, não está explicitamente inserido na oração, todavia, é facilmente recuperado: trata-se da primeira pessoa do discurso, *eu*. Castilho (2014) reconhece que as posições argumentais no português também podem ser preenchidas por uma categoria vazia, pois o português é uma língua de preenchimento não obrigatório dos constituintes. Do ponto de vista semântico, esse sujeito é experienciador. O objeto direto (OD), tradicionalmente apresentado como argumento interno do verbo transitivo, tem, nos dados (9) e (10), a forma de um sintagma nominal lexical (SNL), *a foto e uma garota*, respectivamente. Nos dois casos, o OD é causador de experiência, e o sujeito é experienciador, papéis temáticos vinculados a verbos de percepção, o que nos leva a concluir que o sujeito e o OD nas ocorrências com esse tipo de verbo sempre receberão essas classificações.

Além de o OD poder ser expresso por um SN, ele pode também ser omitido, como se comprova em (11).

- (11) aqui separei algumas músicas que eu ouço muito, mas tem muuuita coisa legal em ambos: para **ouvir** mais, confere os canais deles no youtube, só clicar nos hiperlinks! (*Corpus blogs* 2014)

Aqui, fica evidente a atuação de aspectos discursivo-pragmáticos na ausência de material morfológico para codificar o complemento de *ouvir*. Nesse caso, o OD caracteriza-se como uma anáfora zero, visto que pode ser recuperado do contexto, remetendo a algo (*músicas*) que já foi mencionado anteriormente, ou seja, não é uma informação nova e nem o foco do enunciado. Essa omissão do complemento pode ser explicada por um dos subprincípios da iconicidade, o da quantidade: o enunciador utiliza menor quantidade de material linguístico porque a informação não explicitada está disponível no contexto anterior, o que possibilita a sua recuperação e, conseqüentemente, a sua omissão. Assim, o escrevente exclui do enunciado a informação que ele considera já compartilhada.

Ainda com base no dado (11), embora o sujeito do verbo *ouvir* não esteja expresso, conseguimos recuperá-lo e identificá-lo como sendo a segunda pessoa do discurso, *tu* ou *você*. Semanticamente, esse sujeito desempenha o papel de

experienciador, e o OD, o de fenômeno causador de experiência. Vejamos agora esta amostra:

- (12) Uma pena que pelo vídeo *vocês* não podem **sentir o cheiro**, porque é uma delícia!!!
(*Corpus blogs* 2014)

Diferentemente de (11), no dado (12), o sujeito de *sentir*, verbo do tipo de percepção olfativa, está expresso: *vocês*. Quanto ao OD, *o cheiro*, é um SNL. Igualmente aos argumentos da oração em (11), o sujeito e o OD de (12) desempenham o papel de experienciador e de fenômeno, respectivamente.

- (13) E sabe o que mais dá para encontrar por aqui? Lanches e petiscos sensacionais em bares, padarias e barracas de rua. Se *você* tá afim de **experimentar** nos melhores lugares, separei algumas dicas para quem vai passar pela cidade e quer conhecer um pouco mais dos nossos sabores. (*Corpus blogs* 2014)

Na ocorrência disposta em (13), o verbo *experimentar*, do tipo de percepção gustativa, não tem um objeto direto explícito; trata-se de uma anáfora zero, cujo referente é recuperado do contexto anterior; no caso, o interlocutor entende que o que pode ser experimentado são lanches e petiscos. Mesmo assim, entendemos que seu papel semântico na oração é de causador de experiência. Quanto ao sujeito do verbo *experimentar*, este é anafórico e se refere a à segunda pessoa do discurso (*você*), expresso anteriormente, com o papel de experienciador. Essa ocorrência pode ser considerada cognitivamente complexa, se comparada com a próxima, não só devido à presença da condicional (*se*) que marca o modo *irrealis*, como também e, principalmente, pela omissão do OD, ao contrário do que ocorre em (14).

- (14) Como eu já tinha comido esse prato no almoço, resolvi **experimentar o salmão**, que estava no ponto certo, bem saboroso! (*Corpus blogs* 2014)

Em (14), o OD do verbo é um SNL (*o salmão*), e o sujeito, embora não expresso, é o pronome de primeira pessoa, *eu*. Em resumo, nas ocorrências (13) e (14) temos o

mesmo verbo *experimentar*, porém, em dois arranjos estruturais distintos: [\emptyset V \emptyset] e [\emptyset V OD]. Em termos semânticos, sujeito e OD recebem a mesma análise: são, respectivamente, experienciador e causador de experiência.

Apresentamos, em (15), o uso de *sentir*.

(15) os fios ficaram muito macios, sedosos e recuperados.

o shampoo é perolado e já na aplicação dá para **sentir que ele amacia o cabelo**.

o cheirinho também é ótimo!

mas é fundamental retirar bem todos os produtos para que os fios não fiquem oleosos. a máscara com o elixir eu passei só na metade dos fios em direção às pontas, nada de raiz para evitar um efeito pesado... (*Corpus blogs* 2014)

O OD do verbo de percepção é a oração *que ele amacia o cabelo*, cujo verbo está no presente do modo indicativo (*amacia*). Algumas vezes, a linha que distingue a percepção da cognição é muito tênue, contudo, nesse caso, o substantivo *aplicação* veicula a ideia do uso das mãos no manuseio do shampoo, além do fato de que, para perceber que o cabelo está macio, é necessário tocá-lo. Por fim, em termos de classificação, o sujeito de *sentir* não pode ser recuperado com exatidão, já que poderia referir-se tanto à segunda pessoa (*você*) como à primeira (*a gente*). Em ambas as possibilidades, seu papel semântico é de experienciador, caso prototípico do sujeito dos verbos de percepção.

Por ora, identificamos, em nossos dados, um padrão de estrutura argumental transitiva para os verbos de percepção que comporta algumas variações dependendo da explicitude morfossintática do sujeito e do objeto direto:

SUJEITOEXPERIENCIADOR – VERBO DE PERCEPÇÃO – OBJETO DIRETOFENÔMENO [SEXP VPERC ODFEN].

É possível verificar que entre esse padrão e o da construção transitiva prototípica [SAG VAÇÃO-PROCESSO ODAFET] existe correspondência sintática, em razão de apresentarem um verbo e dois argumentos (sujeito e objeto direto). Os exemplos a seguir elucidam essa semelhança.

(16) Precisamos que alguém responda a respeito de uma morte no Sea World. *Uma baleia comeu **um dos adestradores***. (*Corpus blogs* 2014)

(17) Este macacão da Empório Anna foi paixão à primeira vista. Durante o último Midia Date da F Hits (dois meses atrás) *eu **vi uma menina linda*** usando ele e fiquei louca, apaixonada, maravilhada. (*Corpus blogs* 2014)

Em (16) temos uma instanciamento da construção transitiva prototípica, na qual o verbo de ação-processo *comer* tem um sujeito agente (*uma baleia*) e um objeto direto afetado (*um dos adestradores*). Já em (17), temos um construto da construção [SEXP VPERC ODFEN] com o verbo *ver*: o sujeito experienciador é representado pelo pronome de primeira pessoa (*eu*) e o objeto direto/fenômeno é o SN *uma menina linda*. Assim, a construção de estrutura argumental com os verbos de percepção pode ser considerada um subesquema do esquema transitivo prototípico, pois compartilham o mesmo tipo de padrão sintático, muito embora se diferenciem semanticamente. Enquanto o verbo da construção transitiva prototípica é do tipo semântico de ação-processo, o verbo da construção [SEXP VPERC ODFEN] expressa uma atividade mental, uma percepção. Nesse sentido, seu sujeito tem o papel semântico de experienciador, e não de agente, e o objeto direto é um fenômeno causador da experiência, e não afetado. A semelhança sintática e a diferença semântica indicam que a construção de estrutura argumental com verbo de percepção é uma extensão da construção transitiva prototípica, ilustrando um *link* de polissemia entre as duas construções (GOLDBERG, 1995; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021). Vale salientar, por fim, que a construção com os verbos de percepção, assim como a construção transitiva prototípica, são totalmente esquemáticas, dado que todos os *slots* são abertos, identificados, apenas, pelas categorias morfossintáticas e semânticas com as quais devem ser preenchidos.

Com isso, concluímos esta seção e passamos ao encerramento deste texto.

3. Considerações finais

A análise empreendida neste trabalho teve como objetivo central investigar a construção de estrutura argumental transitiva com verbos de percepção no português brasileiro. Sobre as características semânticas e morfossintáticas dos complementos desses verbos, as amostras revelam, até agora, um tipo de complemento: o OD, que pode apresentar diferentes configurações morfossintáticas ao assumir a forma de oração, de um SN ou ser zero, quando não é explicitado. Por ora, consideramos, também, que a construção mais esquemática para os verbos de percepção no português brasileiro é [SEXP VPERC ODFEN], em que há, impreterivelmente, um sujeito humano experienciador [SEXP], um verbo que expressa atividade mental de percepção [VPERC] e um objeto direto correspondente ao fenômeno experienciado pelo sujeito [ODFEN]. Além disso, a escolha do padrão de estrutura argumental é motivada por aspectos discursivos-pragmáticos e cognitivos, como foi possível observar neste trabalho.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, M. A. S. Aspectos semântico-discursivos das construções *vai que e vá lá*. In: SILVA, José Romerito; GOMES, Dionei Moreira (org.). *Análise linguística em perspectiva funcional*. Natal: EDUFRRN, 2019. p. 134-162.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CLARK, E. V.; CLARK, H. H. *Psychology and Language: an introduction to psycholinguistics*. New York: Harcourt, Brace Jovanovich, 1977.
- CORDEIRO, F. S. *Nomes em –ente sob o viés diacrônico: uma abordagem funcional centrada no uso*. 2021. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, W. *Typology and universals*. Cambridge, United Kingdom: CUP, 1990.
- CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro. Volume Especial, p. 83-101, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5440>. Acesso em: 14 fev. 2023.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, C. M. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *In: Language*, v. 64, p. 501-538, 1988.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (org.). Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. *In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 21-47.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramaticalização e os processos de variação e mudança linguística. *In: MOURA, D. (org.). Os múltiplos usos da língua*. Maceió, AL: Edufal, 1999. p. 164-168.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística*, v. Espec., p. 55-67, 2016.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Estrutura argumental e valência: a relação gramatical objeto direto. *In: Gragoatá*, Niterói, n. 21, p. 115-131, 2. sem. 2006.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; [BISPO, E. B.](#) Pra quem é, bacalhau basta: da opacidade e produtividade das construções idiomáticas. *Revista Solettras*, n. 37, p. 103-116, 2019.

GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 2. Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HENGEVELD, K. *et al.* Perception verbs in brazilian portuguese: A Functional Approach. *Open Linguistics*. Warsaw: Sciendo, v. 5, n. 1, p. 268-310, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/194860>. Acesso em: 14 fev. 2023.

JOVEM, M.; SILVA, J. R. Rede construcional dos adjetivos formados por -vel no português. *Revista Odisséia*, v. 2, p. 3-18, 2017.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: UCP, 1987.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

ABSTRACT

This work investigates the transitive argument structure construction and takes perception verbs in Brazilian Portuguese as its object of study. The theoretical framework adopted is the Usage-Centered Functional Linguistics (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013), with a constructionist bias (GOLDBERG, 1995; BYBEE, 2016; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021). The research is of a basic nature, with a qualitative and quantitative approach (CUNHA LACERDA, 2016), and it is oriented in the deductive and in the inductive method. In addition, it is classified as a descriptive and explanatory research, and it has a bibliographic basis. We used a synchronic *corpus* with three hundred thousand written words, from texts available on the internet from the year of 2014 collected from blogs. For now, we consider that the direct object complement of the perception verbs presents different morphosyntactic configurations, since it assumes the form of sentence of SN or it is not morphologically specified. The most schematic construction is [SUBJECT_{EXPERIENCER} VERB_{PERCEPTION} DIRECT OBJECT_{PHENOMENON}]. Discursive-pragmatic and cognitive aspects motivate the choice of the pattern of the argument structure in which these verbs are used.

Keywords: verbs of perception; argument structure; Usage-Based Model.

**DO SOLO AO CÉREBRO: UMA ANÁLISE EM TRECHO DO
CONTO “A CARTOMANTE” POR MEIO DA TEORIA DA
INTEGRAÇÃO CONCEPTUAL E DA METÁFORA CRIATIVA**
FROM THE GROUND TO THE BRAIN: AN ANALYSIS OF AN EXCERPT
FROM THE STORY “A CARTOMANTE” THROUGH THE CREATIVE
METAPHOR THEORY

Paulo Ricardo Pimentel Queyroi D’Anna (UFF)

RESUMO

A metáfora é lembrada e estudada somente na linguagem literária, mas a metáfora tem, também, base experiencial para se projetar nesse domínio. A Teoria da Metáfora Conceptual (doravante TMC) (LAKOFF e JOHNSON, 1980 [2002]) foi responsável por transferir o estatuto desse tropo da linguagem para o pensamento e considerá-la presente nas áreas triviais da vida humana, promovendo, assim, uma virada teórica na década de 70 do século XX. Analisando o excerto retirado do conto “A cartomante” (1884 [s\d]) de Machado de Assis (1839-1908), é possível notar a metáfora conceptual MENTE É SOLO, CRENÇAS SÃO SEMENTES, por meio da concepção de cultivo. É possível também aplicar a Teoria da Metáfora Criativa, conceito elaborado por Marco Caracciolo (*in* SEMINO; DEMJÉN, 2017). Essa teoria será utilizada para provocar uma hipótese acerca da escolha metafórica de Machado de Assis, se o autor criou as projeções do vegetal que brota do mesmo ponto onde outrora fora arrancado para referir-se ao retorno de uma crença.

Palavras-chaves: Machado de Assis; A Cartomante. Metáfora Criativa; Teoria da Metáfora Conceptual; Linguística Cognitiva.

Introdução

Neste trabalho, exploraremos a metáfora da semente no conto “A cartomante”, escrito em 1884, por Joaquim Maria Machado de Assis (1839 - 1908), um dos mais importantes autores da literatura brasileira, estipulando a hipótese de que esse escritor emprega a metáfora da semente neste conto em específico deliberada e criativamente para efeitos estéticos, literários e retóricos.

Essa metáfora está marcada pela característica cultural, visto que essa prática é milenar e cultural em diversos territórios, encontrando respaldo na linguagem, de acordo com a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), promovida por Lakoff e Turner na década de 1980.

A entrada “metáfora” no Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa (MICHAELIS, 1998) define-a como “*Sf. Ret.* Emprego de uma palavra em sentido diferente do próprio e que se fundamenta numa relação de semelhança subentendida entre o sentido próprio e o figurado: *Esta cantora é um rouxinol* (a analogia está na beleza do canto)” (MICHAELIS, 1998, p. 840).

Note-se que, no dicionário, a metáfora tem um efeito retórico. Além disso, o exemplo dado por esse gênero textual indica o lugar da metáfora apenas na linguagem e a caracteriza como transporte de sentido ao alocar “rouxinol” em substituição a (por inferência) “... canta lindamente”, cuja descrição, apesar de ir ao encontro de que “é consensual entre pesquisadores, estudiosos e professores de língua que a metáfora representaria, em sua essência, a transferência de sentido de um termo A para o termo B” (VEREZA, 2010, p. 200), restringe esse fenômeno cognitivo a um simples adorno, conforme a própria pesquisadora comenta:

“Como consequência, a metáfora passa a ser vista como um recurso supérfluo da linguagem, característico do discurso poético e retórico, ambos não considerados usos ‘sérios’ da linguagem, por não conterem sentidos ‘legítimos’” (VEREZA, 2010, p. 202).

É por esse motivo que podemos considerar a metáfora uma figura reduzida, ao ser lecionada comumente nas redes privadas e públicas de ensino no nosso país, adentrando no senso comum dos indivíduos de uma mesma comunidade sociocultural.

Ainda no âmbito dos tropos, como figura, a metáfora, descrita em algumas gramáticas, pode ser, certas vezes, definida com alguma referência à cognição; todavia, ela permanece presente na linguagem apenas. A exemplo de uma definição menos voltada à retórica e respeitando a existência de teorias cognitivas sobre esse processo, José Carlos de Azeredo (2018) diz

A metáfora resulta de uma operação substitutiva; a associação semântica se articula no eixo paradigmático. Trata-se de um processo que envolve termos de domínios *conceptuais* distintos, entre os quais promove uma assimilação mental.” (AZEREDO, 2018, p. 523. Grifo meu.)

No entanto, os exemplos dados para exprimir a metáfora são normalmente retirados de textos literários: “A Noite é uma enorme *Esfinge de granito negro*/ Lá fora.”; “O sol vinha *esgarçando* devagar o *véu* de bruma que cobria as serras tranquilas”; “Lua de São Jorge/ lua soberana/ *nobre porcelana*/ sobre a *seda azul*.”; “Muitas vezes julgamos ver a aurora/ e sua *rosa de fogo* à nossa frente”.

A metáfora terá sua posição elevada no momento em que surgem, na década de 70, críticas aos pressupostos gerativistas acerca da visão autônoma da sintaxe, que está relacionada com o princípio da modularidade da mente. O gerativismo postula que há módulos mentais, cognitivos, os quais trabalham separadamente um do outro e seus resultados finais se contactam no produto final deles (MARTELOTTA, 2008, p. 178). No módulo da linguagem, a sintaxe é um processo autônomo e essencial na língua e independente de outros níveis da gramática, como o morfológico e o semântico. Essa hipótese da autonomia da sintaxe também considera que “as expressões são construídas por um sistema de regras exclusivamente formais que são posteriormente investidas de significação” (MARTELOTTA, 2008, p. 179).

Essa maneira de considerar a modularidade da língua e, no interior desta, outros módulos de níveis gramaticais, cada qual com sua atuação separada uma da outra, ao abordar o comportamento do componente da semântica, a adoção gerativista dessa proposta gera o conceito de estudo semântico do léxico, conhecido como “conhecimento de dicionário” (FERRARI, 2011, p. 16). Um vocábulo tem seu significado específico, sem considerar o conhecimento de mundo. Por exemplo, a palavra *mochila*, conforme o dicionário Michaelis (1998) significa: “*sf.* 1 Espécie de saco em que os soldados transportam os artigos dos vestuários, em viagem. 2 Saco próprio para viagem. 3 Saco em que se dá ração aos animais.” (MICHAELIS, 1998, p.855).

As informações ofertadas pelo dicionário são consistentes com o entendimento formal do léxico, pois sua descrição é apenas significativa do ponto de vista estrito, usual, desconsiderando outras maneiras de referir-se a esse objeto do cotidiano, tais quais “saber como usar uma mochila, ou onde se pode comprá-la” (FERRARI, 2011, p. 16). Já esse último tipo de conhecimento é enciclopédico e apresenta consistência com a visão da Linguística Cognitiva, a qual leva em consideração uma perspectiva baseada no uso - seja por compartilhamento de uma informação conhecida pelos integrantes de uma mesma comunidade linguística, seja por um grau genérico do conhecimento sobre certo contexto,

seja por um caráter intrínseco de uma informação ou seja por uma característica suficiente para identificação de um objeto - cuja construção do significado é, pois, guiada pelo contexto (FERRARI, 2011, p. 18), dando ênfase a todos os conhecimentos adquiridos pelo homem. Além de que, nessa mesma vertente dos estudos de linguagem, o protagonismo do falante é valorizado na construção do significado (MARTELOTTA, 2008, p.181).

A Linguística Cognitiva aparece, por essa razão, priorizando a semântica, tendo-a como “construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais” (FERRARI, 2011, p. 15). Vale ressaltar neste ponto que tal descrição revela que o adjetivo “cognitiva” dessa nova análise da língua não é original, pois tem sua raiz na Gramática Gerativa de Chomsky, justamente por causa do teor cognitivo da análise gerativista sobre a língua, contrapondo-se à proposta estruturalista anterior ao gerativismo (FERRARI, 2011, p.13). No entanto, apesar do emprego anterior do vocábulo “cognitivo” por Noam Chomsky, a corrente apreciada neste capítulo, proposta por teóricos como Ronald Langacker, Leonard Talmy e Guilles Fauconnier, rejeitou a teoria da modularidade da mente e considerou que a cognição media o conhecimento linguístico e o mundo (FERRARI, 2011, p.13; MARTELOTTA, 2013, p. 179).

No ano de 1970, a publicação intitulada *Metaphor we live by*, de George Lakoff e Mark Johnson, expandiu os horizontes da linguagem, pois adotou a metáfora como parte do cotidiano. Dizem os autores que “Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é basicamente de natureza metafórica” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45). A partir dessa premissa, lançar-se-á a Teoria da Metáfora Conceptual (doravante TMC) e muitos estudiosos a terão como base nos estudos da metáfora.

Um dos estudos de muita importância na área da Linguística Cognitiva é o conceito de nicho metafórico (VEREZA [2007] 2010, p.209). A Professora Doutora Solange Coelho Vereza pontua o *locus* do nicho metafórico no discurso, não apenas na linguagem (VEREZA, 2010, p. 209). No entendimento desse olhar acerca do fenômeno da figuratividade, cria-se, cognitivamente, uma “rede de sentidos” (VEREZA, 2010, p. 209), indicando não se focar em uma metáfora cognitiva única.

A literatura é, em si mesma, campo fértil e propício para colhermos metáforas. Reforçado pela visão tradicional da metáfora, que foi fundamentada somente na poética e, conseqüentemente, na linguagem, a “arte com palavras” ainda permite explorarmos o seu terreno em busca de metáforas conceptuais tecidas pelas metáforas criativas dos autores. A análise de Marco Caracciolo (in: SEMINO *et al.* 2017), referente às “metáforas criativas na literatura”, descortina as chances de realçar a potência dessa figura, que sobreleva a caracterização comum da metáfora, como já relatado nos parágrafos antecedentes. Essa atitude de compreender a metáfora na literatura produz termos metafóricos que podem se ligar à visão de um leitor por meio da perspectiva de um personagem, fazendo com que o autor crie metáforas alusivas à experiência pessoal desse personagem (ou segundo a visão de mundo do enredo revelado pelo narrador) que se destoa da visão do autor de carne e osso.

À pergunta “o que é uma metáfora literária?” o autor se coloca entre 3 possíveis respostas:

“1- Alguns a definem como instrumento especificamente da literatura e da criatividade, sendo, portanto, distinta da metáfora não literária, um desvio (consoante o Formalismo prega) da linguagem do dia a dia (foregrounding= primeiro plano).

“2- A metáfora literária é apenas uma metáfora dentro de um contexto literário, como em um poema ou em um conto, sem diferencial que possa ser destacado.

“3- A metáfora literária requer uma atitude do leitor, sendo, assim, uma prática específica dele: a metáfora literária é abordada em determinadas formas que se diferem das que usamos para darmos sentido às metáforas em outros contextos.” (CARACCILO In: SEMINO *et. al.*, 2017, p. 211).

A descrição em (1), em que a metáfora literária é especial, Lakoff e Turner na obra *More than Cool Reason* (1989), veem a linguagem poética estruturada sobre metáforas conceptuais encontradas na fala cotidiana, mas que oferecem variações criativas em tais metáforas. Os autores argumentam que:

1. as metáforas literárias instanciam as metáforas ordinárias;
2. as metáforas literárias desenvolvem as ordinárias por vias diferentes do senso comum;
3. as metáforas literárias questionam essas demais metáforas comuns chamando atenção para sua inadequação;

4. e as metáforas literárias combinam metáforas pertencentes aos diferentes domínios.

Destaque para as expressões "instanciam", "desenvolvem", "questionam", "combinam" que são usadas para se referirem às metáforas literárias. Por isso, em um panorama literário, as metáforas são pensadas conceptual e linguisticamente. "Metáforas literárias" podem ser entendidas como restrições de "metáforas surgidas em um contexto literário", ainda que essas possam se diferir das metáforas cotidianas.

Em (2), tem a ver com gêneros literários. O termo Literatura abrange gêneros literários como "poemas", "contos", "romances", "drama" etc. Cada um desses subprodutos literários possuem um padrão característico e estilos próprios. Andrew Goatly (2011) escreve sobre "metáforas ativadas" (sofisticadas), pesquisadas através de vários gêneros literários.

Conforme mencionado anteriormente, o objeto deste artigo é o conto machadiano "A cartomante", lançado em 1884. A rotação da história está em volta de três personagens - Camilo, Rita e Vilela - que vivem um triângulo amoroso. No princípio da narração, o personagem Camilo descrê do relatório de Rita sobre o final feliz aos dois, prometido por uma cartomante. Logo no primeiro parágrafo, sabemos que Camilo deixou de acreditar no sobrenatural, e Machado elabora diversas metáforas relativas à semente para referenciar às crenças e superstições introduzidas no personagem pela sua mãe quando da sua infância e adolescência. No decorrer do conto até o desfecho, essas metáforas não estão mais explícitas; contudo, a nossa tendência é de elaborarmos uma hipótese para a ilustração metafórica da semente como crenças e a mente de Camilo como solo ser criada pelo Bruxo do Cosme Velho inconscientemente à medida em que Camilo passa por um episódio que lhe sobrevém as antigas crenças e superstições tal qual a vegetação que, uma vez arrancada do solo, após determinado período de tempo, germina novamente. Daí, inclusive, possibilita propor a Metáfora Conceptual CRENÇA É SEMENTE e MENTE É SOLO, instanciadas durante a leitura desse gênero literário.

Nas próximas seções, haverá a retomada das teorias supracitadas e mostraremos como elas se inserem na análise do *corpus* elencado para este trabalho. Salientamos que esta é uma pesquisa inicial; por isso, o resultado obtido será uma coleta de exemplos metafóricos retirados do conto em questão.

1. Pressupostos teórico-metodológicos

Andrew Goatly (*apud* SEMINO, 2017, p. 208) escreve sobre "metáforas ativadas" (isto é, metáforas sofisticadas), pesquisadas através de vários gêneros literários. O pesquisador notou, quase sem espanto, que há muita presença desse tipo de metáfora nos poemas (56% de metáforas); romances em segundo lugar (28%); publicidade encontradas em revistas (22%); em conversas, em reportagens e no senso comum demonstraram 18%, 10% e 4% de metáforas ativadas, respectivamente. A literatura nos permite ter estratégias de leituras distintas de outros tipos de discursos.

A fim de reforçar o fato de que a metáfora está além da mera figuratividade na linguagem, lançaremos mão do conto "A cartomante" (1884 [s\d]), escrito por Machado de Assis (1839 - 1908) para explorar determinados trechos em que a metáfora conceptual MENTE É SOLO e/ ou CRENÇAS SÃO SEMENTES são instanciadas no discurso, licenciadas por essas metáforas conceptuais, enfatizando os nichos metafóricos (VEREZA, [2007] 2010), e, a seguir, destrinçar alguns termos presentes na narrativa do conto a fim de explicitar que a metáfora criativa na literatura (CARACCILO *in* SEMINO; DEMJÉN, 2017) pode revelar a escolha de Machado por determinadas palavras para ressaltar o ponto de vista de um personagem e de um enredo, explorando esse mecanismo, especificamente neste conto, como orientador da evolução de crenças e credences do personagem Camilo, as quais, após sua extração por ele próprio, parecem retornar, motivadas por uma dúvida da personagem acerca da descoberta da sua relação amorosa com Rita, esposa do seu melhor amigo, o que se assemelha à germinação de semente.

O estudo vai prestigiar o conceito de Metáfora Conceptual, com base na Teoria da Metáfora Conceptual, proposto por George Lakoff e Mark Johnson (1987) os quais consideram que por trás do pensamento e da ação e da linguagem humanas existe uma metáfora conceptual, a qual viabiliza pensarmos, gesticularmos e falarmos (ou escrevermos) coisas cujo sentido interpretado tem base nas experiências pessoais e socioculturais metaforicamente compartilhadas. A partir dessa teoria, diversas situações do cotidiano podem ter uma conceituação metafórica. Por exemplo, o conceito de AFETO pode ser captado metaforicamente como temperatura ("o diretor é uma pessoa fria"); e distância espacial ("Eu acho o jeito dela distante"). Isso demonstra que, pela TMC, um

domínio da experiência se projeta em outro para valer o emprego de alguns termos cujos sentidos serão interpretados se forem compartilhados entre uma determinada comunidade linguística.

O mesmo trecho passará pelo exame da concepção de “nicho metafórico”, estipulado por Vereza ([2007] 2010), que observa, na composição de uma unidade discursiva, vocábulos ou expressões utilizados no desenvolvimento lógico como instrumento argumentativo. Da mesma forma que o TMC, o conhecimento enciclopédico do falante deve estar ativo quando ele for proferir ou redigir algo, para que a mensagem com conteúdo metafórico surta o efeito esperado (VEREZA, 2010).

Por fim, o objeto deste estudo será submetido ao olhar da metáfora criativa na literatura, elaborada por Marco Caracciolo (*in* SEMINO *et al.*, 2017), com fins a promover uma hipótese de que o autor brasileiro Machado de Assis (1839 - 1908), em seu conto “A cartomante” (ASSIS, [1884] 2008), provavelmente teceu expressões relativas à germinação de vegetal, metaforizada para ilustrar o processo de descrença e crença do personagem Camilo, cuja base pode ser considerada a metáfora conceptual SOLO É MENTE (ou também CRENÇAS SÃO SEMENTES).

Antes de expor o resultado da análise, deve-se contextualizar a narrativa do nosso *corpus*. O conto narra a relação adúltera entre Camilo e Rita, pois esta é casada com Vilela, o melhor amigo de Camilo na sua juventude. Em um determinado momento, Camilo e Rita desconfiam que o romance de ambos é sabido por Vilela e a moça decide, então, consultar uma cartomante para saber se ela e seu amante teriam um final agradável, apesar do amor adúltero. Rita, após a visita à vidente, relata a Camilo as adivinhações a favor deles, porém o namorado não demonstra crer no parecer da Cartomante sobre o destino dele com Rita; assim, inicia-se o conto, cujo trecho que será analisado vem a seguir:

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe inculcou e que aos vinte anos desapareceram.

No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. (ASSIS, 1884 [s\vd], pgs. 132 - 133)

Observando o excerto, destacam-se certos elementos indicativos da ideia de que a mente humana pode ser assemelhada ao solo onde se deposita uma semente (e esta pode ser relacionada às crenças). Essa associação provém, conforme Fauconnier (2005), pela Teoria dos Espaços Mentais, da questão por trás do que falamos ou pensamos. São construções mentais complexas. Pequenos conjuntos de memória de trabalho que funcionam concomitantemente ao pensamento e à fala. Atividades implícitas, pois estão por detrás dos atos de pensar e falar e que partem das Metáforas Conceptuais. Aqui, apoiado na Teoria da Integração Conceptual de Fauconnier, o diagrama abaixo demonstra a relação entre o espaço genérico e o espaço-mescla, além de realizar o mapeamento entre solo e mente:

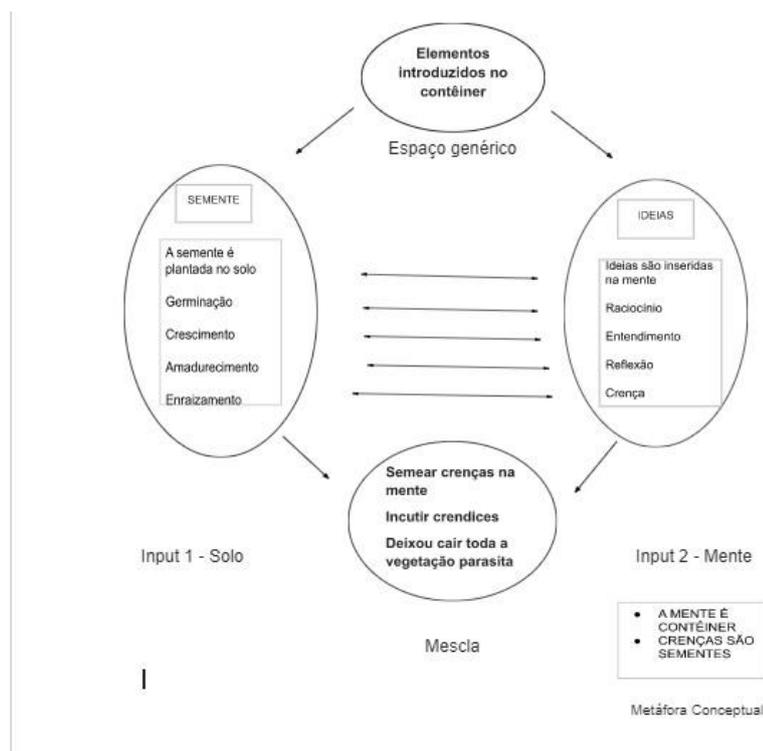


Diagrama da integração conceptual em trecho do conto “A Cartomante”. Fonte: Elaboração própria.

Ademais, a expressão “No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita e ficou só o tronco da religião (...) (ASSIS, 1884 [s/d] p. 133) é claramente um exemplo de nicho metafórico (VEREZA, 2007), referência às crenças e credences como vegetais; e o adjetivo “parasita” reforça a tendência de comparar a intensidade do que lhe fora incutido

pela sua mãe. Dessa maneira, o personagem Camilo foi um *contêiner* (LANGACKER *apud* FERRARI, 2011), possuidor e mantenedor de crendices que o próprio, mais tarde em sua vida, arrancaria de si. Vale destacar igualmente, para reiterar esse esquema imagético de *contêiner*, a expressão inicial do trecho que estamos analisando, a qual se segue: “Não queria arrancar-lhe as ilusões.” (ASSIS, 2008, p. 7) (grifo meu). O verbo *arrancar* e o objeto indireto *lhe* indicam um ato de retirar algo do interior de um material continente. Isso foi instanciado pela metáfora conceptual CORPO É CONTÊINER, no caso, Rita. Além disso, esse exemplo imagético encontra, mais uma vez, respaldo no conceito de nicho metafórico (VEREZA, 2007 [2010]). Os termos presentes neste trecho formam, cognitivamente, “redes de sentido” (VEREZA, 2010) que produzem argumentos relativos a uma ação que necessita ser compartilhada entre leitor e autor - ou falante e ouvinte - para tecer uma lógica coesiva de um texto escrito ou falado. Outro ponto essencial é pensar partindo do que se sabe sobre a sementeira, isto é, a nossa estrutura conceptual se desenvolve por “esquemas imagéticos” (FERRARI, 2011) compartilhados e compreendidos pelos indivíduos que participam de uma comunidade linguística e, assim, torna-se uma estratégia argumentativa.

Após as observações teóricas, partiremos, agora, à seguinte fase deste trabalho, em que nos atentaremos ao resultado.

3. Resultado

Diante dessas estratégias argumentativas mencionadas, a narração, com uma leitura cuidadosa dela, permite levar o leitor a suspeitar do emprego dos termos supracitados e analisados nos parágrafos acima, conferindo o porquê de as crenças e superstições da infância de Camilo serem metaforizadas como “sementes” e ele mesmo como “solo”. No decorrer do conto, após a explicação do narrador sobre a vida dos três personagens e sobre a relação imoral entre Camilo e Rita, em uma ocasião, Camilo recebe uma carta anônima em seu escritório, chamando-o à residência de Vilela. Apesar de sentir-se temeroso imaginando haver uma emboscada do amigo traído, ainda assim foi. Tomou um tálburi e, a caminho, ocorreu um incidente na via, bloqueando-a. O carro que transportava Camilo parou e, ao lado, na calçada, há a casa da cartomante consultada por Rita. Nesse momento, mesmo evitando olhar para a casa, o personagem passa por uma

sensação de ansiedade, responsável pelo seu desejo de “crer nas cartas” (ASSIS, s/d p. 136). Diz o narrador: A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas.” (ASSIS, 1884 [s\d],p. 136).

A metáfora empregada por Machado em tal excerto foi “fantasmas” para se referir às crenças que ressurgiram em Camilo e não mais implica na metáfora da semente. Desse modo, não é possível encontrar informações explícitas sobre as metáforas das sementes como credices igual expostas no início do conto, mas é possível identificarmos, dentro da leitura, as metáforas sobre as crenças segundo constam na relação a seguir:

DOMÍNIO-ALVO	DOMÍNIO-FONTE
CRENÇA	SEMENTE
ARSENAL DE CRENDICES	DIVERSOS ENSINOS MATERNOS
VEGETAÇÃO PARASITA	SUPERSTIÇÕES
TRONCO DA RELIGIÃO	RELIGIÃO
FANTASMAS	VELHAS CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

Tabela da relação entre domínio-fonte e domínio-alvo das metáforas sobre crenças no conto “A cartomante”. Fonte: Elaboração própria.

Ainda assim, é possível sugerir que, por parte do leitor, mesmo não conscientemente escrita e nem explícita, pode haver metáfora da germinação de sementes nos bastidores da leitura, alusiva ao processo mecânico de arrancar uma porção vegetativa do solo e, depois de um certo período, novamente eles brotarem da mesma terra donde foram uma vez arrancadas como retrocesso às credices, ideias, crenças e superstições na mente, inferidas pelas metáforas conceptuais (LAKOFF, JOHNSON, 2002) MENTE É SOLO, CRENÇAS SÃO SEMENTES e/ou CRENÇAS SÃO VEGETAIS.

Os estudos sobre a metáfora geraram uma maneira de explorá-la e rediscuti-la para além do mero sentido ornamental da linguagem mas também como um aspecto rotineiro da metáfora, em que esta se encontra na linguagem, no pensamento e até nas ações humanas. Além disso, sua presença se faz na cultura humana e se transfere para a

linguagem. A fim de ser compreendida pelos interlocutores, essa percepção precisa ser compartilhada entre os membros de uma comunidade linguística que possa reconhecer a fonte quando ela é metaforizada. Por isso, a ideia deste trabalho se finca na identificação da semente, pois esta ação é humana e, conseqüentemente, universal. Essa transferência de sentido cria uma rede de inferências entre as semelhanças de duas ou mais relações de domínios experienciais, servindo de organizador de discursos. Apesar de esta pesquisa estar em nível primário, conforme informado na introdução deste artigo, interessa-nos a aplicar a metáfora ao contexto literário, buscando contribuir com os estudos da metáfora cognitiva e a literatura.

Referências bibliográficas

ASSIS, M.D. A cartomante. In: ALVES, R. (org.). *Contos Escolhidos*. Coleção Clássicos da Literatura Machado de Assis. p. 132-139.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolhas Instituto Houaiss, 2018.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.p.199.

MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. Linguística Cognitiva. In: MARTELOTTA, M. E. (org). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 177-191.

MICHAELIS. *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. 1360 p.

RIBEIRO, M. P. *Nova Gramática Aplicada da Língua Portuguesa: a construção de sentidos*. Rio de Janeiro: Metáfora, 2013.p.542.

CARACCILOLO, M. The creative metaphor in literature. In: SEMINO, Elena; DEMJÉN, Zsófia (ed.). *The routledge Handbook of Metaphor and Language*. Oxon: Routledge, 2017. p. 206–218.

VEREZA, S. C. O locus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Caderno de Letras da UFF - Dossiê: Letras e Cognição*, nº 14, p. 199 - 212, 2010.

Uma conversa com Guilles Fauconnier.Rev. Brasileira de Lingüística Aplicada, v. 5, n.2, 2005.

ABSTRACT

Metaphor is remembered and studied only in literary language, but metaphor also has an experiential basis to project itself into this domain. The Theory of Conceptual Metaphor (hereinafter TMC) (LAKOFF and JOHNSON, 1980 [2002]) was responsible for transferring the status of this trope from language to thought and considering it present in the trivial areas of human life, thus promoting a turnaround theory in the 1970s. Analyzing the excerpt taken from the short story “A cartomante” (1884 [s\d]) by Machado de Assis (1839-1908), it is possible to notice the conceptual metaphor MIND IS SOIL, BELIEFS ARE SEEDS, through the conception of cultivation. It is also possible to apply the Theory of Creative Metaphor, a concept elaborated by Marco Caracciolo (in SEMINO; DEMJÉN, 2017). This theory will be used to provoke a hypothesis about the metaphorical choice of Machado de Assis, if the author created the projections of the plant that sprouts from the same point where it was once plucked to refer to the return of a belief.

Keywords: Machado de Assis. A Cartomante. Creative Metaphor. Conceptual Metaphor Theory. Cognitive Linguistics.

DIANTE DISSO EM CONTEXTOS DE CONEXÃO: UMA ANÁLISE CENTRADA NO USO

DIANTE DISSO IN CONTEXTS OF CONNECTION: A USE-CENTERED ANALYSIS

Carolina Reis Fonseca (UFF)

RESUMO

Este artigo visa a descrever o conector *diante disso* e investigar seu uso em contextos de conexão. Os dados foram extraídos do *Corpus do Português* (base *Now*) e analisados numa perspectiva sincrônica. A hipótese postulada neste trabalho é de que *diante disso* tem sido cada vez mais empregado na conexão (supra)oracional, e não somente como uma locução adverbial, seu uso funcional original. Fundamenta-se essa pesquisa à luz dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, para a qual o estudo da construção como pareamento de forma e função é cara, em diálogo com a Linguística Textual, com foco especial nos processos de coesão. O objetivo geral desta investigação é apresentar a função conectora de *diante disso*, buscando identificar, nos contextos de conexão, seu comportamento. Os resultados revelaram que o referido conector apresenta duas particularidades: i) promove uma coesão híbrida; e ii) atua na conexão interoracional, interperíodo e interparágrafo.

Palavras-chave: Conector complexo *diante disso*; Linguística Funcional Centrada no Uso; Linguística Textual.

Introdução

O estudo aqui apresentado faz um recorte da pesquisa de dissertação em andamento²² que analisa o uso de *diante disso* no âmbito do programa de pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). Está vinculado ao Grupo de Pesquisa Discurso & Gramática com sede na UFF. O interesse pelos estudos em conexão de orações tem aumentado nos últimos anos, conforme atestam os trabalhos de Rodrigues (2017), Lopes (2022), Rosário (2022) entre outros. Esses trabalhos demonstram a necessidade de investigações mais profundas que abordem a conexão de orações na perspectiva da língua em uso.

Esta pesquisa desenvolveu-se com o aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso – doravante LFCU-, conforme praticada no Brasil, no contexto do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, em consonância com a Linguística Textual (LT). A primeira é uma abordagem de investigação gramatical que alia pressupostos do Funcionalismo Clássico Norte-Americano com pressupostos da Linguística Cognitiva, como abordada por Goldberb (1995, 2006), Croft (2001), Oliveira e Rosário (2019) entre

22 Este artigo reúne os resultados iniciais de uma pesquisa de mestrado (em andamento) com vista à produção de dissertação de mestrado.

outros. Nessa perspectiva, a língua é vista como um inventário de pares indissociáveis de forma-função, isto é, construções, que contam igualmente para sua descrição propriedades fonológicas e morfossintáticas (forma) e propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais (função). A segunda é uma teoria a qual tem a preocupação de estudar os elementos gramaticais e suas atuações no âmbito textual.

Na investigação desse conector, verifica-se que é muito produtivo e convencional na conexão (supra)oracional em nível textual. Embora a linguística de texto (KOCH, 2006, 2011, 2015; FÁVERO, 2004) faça uma distinção bastante pontual entre os processos coesivos – de um lado, está a coesão sequencial; de outro, a referencial –, *diante disso* atua nos dois processos. A locução prepositiva “diante de” promove sequenciação entre unidades informacionais, veiculando relações lógico-semânticas ou discursivo-argumentativas; e o pronome demonstrativo “isso” atua como um encapsulador do que já foi citado anteriormente no texto. Como ilustram os dados a seguir:

(01) A Câmara Municipal de Paracatu, no Noroeste do estado, aprovou um Projeto de Lei (PL) que obriga a Copasa a realizar reparos em vias públicas em até 72 horas, sob pena de multa diária. O projeto seguirá para sanção do prefeito na próxima semana.

A Copasa informou ao **G1** que desconhece o teor do PL. Por isso, no momento, não irá se manifestar. A vereadora Marli Ribeiro (PSC), autora do projeto, afirma que os buracos provocados pela própria Copasa nas vias públicas do município é um problema antigo.

Diante disso, o projeto visa a obrigatoriedade das concessionárias de serviços de saneamento de água e esgoto de providenciarem a restauração de localidades públicas danificadas.

(Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2019/06/22/projeto-de-lei-obriga-copasa-a-reparar-danos-provocados-em-vias-publicas-de-paracatu-em-ate-72-horas.ghtml> Acesso em: 20/05/2022)

(02) O País chegou nesta sexta-feira, 31, ao último dia da Campanha Nacional de Vacinação contra Gripe sem bater a meta de 90% de imunização do público-alvo (crianças, idosos, grávidas, entre outros). No total, 47,5 milhões receberam a proteção - o que equivale a 79,9% desse grupo prioritário.

O Estado de São Paulo teve 73,2% de cobertura vacinal e está entre os três Estados com o pior índice, atrás apenas do Acre (73%) e do Rio de Janeiro (63,7%). *Diante disso*, o Ministério da Saúde decidiu estender a oferta de imunizantes a toda a população a partir de segunda-feira, 3, enquanto durarem os estoques.

(Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/sp-vacina-73-do-publico-alvo-contragripe-e-fica-abaixo-da-media-do-pais,feb6c68d4060d1c706237e525e65dd55v6s3luzz.html> Acesso em: 25/04/2022)

Nos dados acima, a locução prepositiva “diante de” atua na sequenciação (estabelece relações semântico-pragmáticas com o período anterior dando sequência ao texto) e o pronome demonstrativo “isso” atua na referenciação (estabelecendo papel de encapsulador). É exatamente essa dupla função que possibilita o estatuto de conector para *diante disso*. Sob o viés da Linguística Textual, Koch e Elias (2018) afirmam que a articulação entre orações, períodos, parágrafos e sequências maiores é encadeada por articuladores textuais, ou seja, os responsáveis pelo estabelecimento dessa articulação são os conectivos.

Sob esse ponto de vista, tanto no dado (01) quanto no dado (02), *diante disso* atua na articulação de partes do texto, sendo no primeiro exemplo, uma articulação entre parágrafos e no segundo, uma articulação entre períodos, em que ambos atuam para a compreensão do texto como uma unidade de sentido. Em (01), o conector faz referência ao parágrafo anterior em uma sequência expositiva em que o enunciador explica a necessidade do projeto de obrigatoriedade dos serviços de saneamento básico e o *diante disso* encapsula todo o parágrafo anterior ao mesmo tempo que estabelece a sequência do texto numa relação lógica inferencial.

Já em (02), trata-se de um texto jornalístico de 2019 que anuncia a ampliação da campanha de vacinação da gripe. Nesse dado, o conector atua na conexão entre períodos, estabelecendo a sequência lógica entre o período anterior ao *diante disso*, que informa os dados sobre a cobertura vacinal, e, após o conector, a conclusão sobre a decisão do Ministério da Saúde - “o Ministério da Saúde decidiu estender a oferta de imunizantes a toda a população a partir de segunda-feira, 3, enquanto durarem os estoques.”.

Sabe-se que o gênero jornalístico tem a função essencial de informar ao leitor um acontecimento/fato ancorado na veracidade. Nesse contexto, é considerado uma referência de texto que abrange uma variante linguística apontada como ideal. Na base

Now, do *Corpus* do Português, há 4.836 ocorrências da construção *diante disso*, dentre as quais 2.510 ocorrem em contexto de conexão, o que equivale a 51,9% dos dados. Esses números demonstram como o conector é produtivo e seu uso muito convencional nesse gênero. Com isso, este estudo referente ao conector supracitado se justifica, pois a gramática tradicional, no que se refere a conexões de orações, não reconhece a existência da coesão híbrida (sequenciação e referenciação simultaneamente). Além disso, não se observa a descrição de *diante disso* como uma unidade de sentido entre os compêndios gramaticais.

A hipótese central deste trabalho é que o conector, *diante disso*, formado pela locução prepositiva “diante de” e pelo pronome demonstrativo “isso” é muito convencional em textos formais da esfera jornalística, exercendo a coesão híbrida, como defendido por Lopes (2022), e atua na conexão com diferentes porções textuais. Além disso, a depender do contexto, pode inclusive atuar na conexão de diferentes valores semântico-pragmáticos.

O presente artigo está organizado em quatro seções. Além desta introdução, é composto de uma seção de pressupostos teórico-metodológicos, na qual apresentam-se os preceitos norteadores do conector em questão e a metodologia utilizada; uma seção com os resultados, em que se focaliza a análise dos dados encontrados; e, por último, as considerações finais.

1. Pressupostos teóricos-metodológicos

Nesta seção, apresentam-se os principais pressupostos utilizados para conduzir esta investigação e a metodologia. Descrevem-se brevemente a Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU) e a Linguística Textual (LT), que são as teorias base desta investigação.

A LFCU (cf. BYBEE, 2010; CROFT, 2001; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; HILPERT, 2014; OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2016; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; entre outros) constitui uma nova fase das pesquisas funcionalistas, uma vez que passa a dialogar com a Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; entre outros). O foco primordial da LFCU é descrever a língua por meio de uma abordagem holística que considera, além dos aspectos funcionais, como fatores semânticos,

pragmáticos e discursivos, aspectos formais, como características morfossintáticas e fonológicas.

Essa abordagem busca descrever as línguas naturais a partir do uso, entendendo a gramática das línguas como uma estrutura maleável. A partir dos dados, pois a frequência é primordial para este estudo, analisa a língua como um sistema moldado por motivações internas, de caráter linguístico, e motivações externas, de acordo com o discurso, o que possibilita descrever a polissemia e a polifuncionalidade dos usos linguísticos do objeto desta pesquisa.

Paralelamente, também compõem este trabalho a Linguística Textual, que segundo Marcuschi (2012, p. 33), “é o estudo de operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais”. Para esta pesquisa, priorizam-se as operações linguísticas e cognitivas que correspondem à progressão e ao encadeamento textual.

Entende-se por progressão e encadeamento os processos coesivos promovidos pelo conector estudado - coesão sequencial e referencial. A coesão, nas palavras de Koch (2018, p. 45), refere-se “à forma como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos também linguísticos de modo a formar o *tecido*”. Nesse contexto, a coesão sequencial ou sequenciação refere-se ao procedimento linguístico responsável pela progressão textual, que pode ser desempenhado por operadores ou encadeadores do discurso. Já a coesão referencial, ou referenciação, é quando um componente faz remissão a outro elemento do texto.

Esses dois processos são tratados na literatura como ações individuais, no entanto, ao investigar os dados de uso do conector *diante disso*, tendo como base as pesquisas de Silva (2022) e Lopes e Silva (2022), observa-se que ocorrem os dois processos, simultaneamente, pois esse conector é formado por locução prepositiva “diante de”, que estabelece a sequenciação, e por pronome demonstrativo “isso”, que encapsula porções anteriores do texto, conforme a afirmação abaixo:

(...) a coesão híbrida pode ser pensada externamente como um processo de sequenciação, já que faz o texto progredir por meio da articulação de unidades discursivas mais amplas – como orações, períodos e parágrafos-, mas com traços internos de referenciação devido à presença de um elemento encapsulador, que sumariza informações precedentes no texto. (LOPES, 2022, p. 153)

Identifica-se também que esse conector desempenha papéis semânticos diferentes de acordo com a porção do texto encapsulada. Para tal classificação, adotam-se, além da LFCU e da LT, os pressupostos da Pragmática de Sweetser (1990) e da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (2004), uma vez que acredita-se serem a base teórica mais adequada para classificação semântica de acordo com os resultados obtidos até o momento.

Sweetser (1990), em seus estudos sobre pragmática, defende que a escolha das classificações dos conectores é de natureza essencialmente pragmática. A autora postula três domínios para as relações de causalidade: domínio do conteúdo, domínio epistêmico e domínio do ato de fala, os quais podem ser associados aos sentidos sinalizados pelo conector *diante disso*. O domínio do conteúdo apresenta natureza consecutiva lógica, é de natureza factual e independe do ponto de vista do enunciador. Tal domínio diz respeito à causalidade do mundo real. Desse modo, associa-se à relação de consequência estabelecida pelo conector aqui investigado. O domínio epistêmico relaciona-se à conclusão por ser de natureza inferencial/dedutiva; o enunciador emite inferências a partir de seu conhecimento de mundo, atua no campo não-factual. Por último, o domínio de ato de fala apresenta a causalidade na declaração, a qual consiste em um esclarecimento ou uma justificativa sobre a afirmação feita. Assim, está em conformidade com o sentido de elaboração articulado pelo conector *diante disso*.

Na Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (2004), a *elaboração* é um tipo de expansão que pertence às relações lógico-semânticas e abrange a noção de igualdade entre duas informações. Como adotado por Silva (2022a), em sua pesquisa sobre o conector *com isso*, também opta-se neste trabalho pela adoção do termo *elaboração* para as relações que expressam igualdade entre as unidades do discurso. Ademais, a elaboração é uma macrocategoria semântica que engloba outras três como a exposição, a exemplificação e o esclarecimento. Por isso, julga-se ser mais adequado optar por essa classificação em contextos de ato de fala.

Para análise de dados, adota-se o método *quali-quantitativo*, conforme Lacerda (2016, p. 85), a fim de construir uma metodologia adequada à pesquisa linguística. Iniciou-se a investigação com os primeiros 100 dados que apareceram no *corpus* da base *Now do Corpus do Português*, que contém aproximadamente 1 bilhão de palavras, constituído de textos da esfera jornalística, entre o período de 2012 a 2019 com

predomínio dos tipos narrativos, expositivos e argumentativos. Nessa base, há 4.836 ocorrências da construção *diante disso*, dentre as quais 51,9% ocorrem em contextos de conexão. Esses números demonstram como esse conector é produtivo e seu uso muito convencional nesse gênero. Desses 100 dados, dois foram descartados, pois o *diante disso* estava atuando como um adjunto adverbial e não como um conector, que é o foco desta investigação.

Sabendo-se que nas investigações associadas à LFCU, a frequência de uso é um fator primordial e relevante para análise de dados, priorizou-se a análise *quali-quantitativa*, em que os resultados quantitativos são importantes para análise individual e interpretação dos dados.

2. Resultados

Nesta seção, realiza-se a análise do uso do conector *diante disso* como elemento que contribui para a progressão textual e que encadeia diferentes porções textuais e os valores semânticos determinados pelos contextos em que esse conector é empregado.

2.1 A coesão híbrida

Como já dito anteriormente, o conector *diante disso* é uma microconstrução conectora complexa formada pela locução prepositiva “diante de” e pelo pronome demonstrativo “isso”, que é um elemento remissivo. Juntas, essas subpartes promovem coesão sequencial e referencial simultaneamente, denominada coesão híbrida (Lopes, 2002 a). É o que se demonstra nos dados a seguir:

(03) As ações discutem os limites de gastos com pagamento de pessoal impostos pela LRF a órgãos como o Tribunal de Contas, o Ministério Público e outros. Também está em análise a possibilidade de incluir a despesa com pensionistas no limite de gastos com pessoal e o dispositivo da Lei de Responsabilidade Fiscal suspenso por medida liminar que faculta aos estados-membros a redução de jornada de trabalho com redução salarial no serviço público. O julgamento teve início na sessão de 27 de fevereiro, quando foi lido o relatório do ministro Alexandre de Moraes e apresentadas as sustentações orais de três autores e três partes interessadas (*amici curiae*) e as manifestações da Advocacia-Geral da União e da Procuradoria Geral da República.

O procurador-geral da República afirma que “a apreensão – e por ordem do [Supremo Tribunal Federal](#) – se revela ainda necessária porque pende reclamação (com liminar deferida) sobre os fatos” e que “caso julgada procedente, a consequência poderia ser a devolução do que foi apreendido”. *Diante disso*, sustenta que “demonstrada a necessidade de retenção cautelar dos referidos equipamentos (que podem ratificar as práticas criminosas já enunciadas), é de mister apreender os documentos e equipamentos também por ordem do STF, até porque, ao menos em juízo perfunctório e provisório próprio das medidas liminares, o caso se encontra em seu âmbito de competência”.

Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/justica/direto-do-plenario-depois-de-lula-e-moro-lei-fiscal-na-pauta-do-stf> Acesso em: 14/03/2022

No exemplo acima, *diante disso* inicia o período, estabelecendo a coesão com o período anterior, garantindo a progressão textual. O conector retoma o conteúdo abordado ao longo do texto e atua na conexão entre períodos, em que o “diante de” retoma a sequência expositiva anterior e em seguida estabelece a continuidade sequencial do texto com a informação “*sustenta que “demonstrada a necessidade de retenção cautelar dos referidos equipamentos (que podem ratificar as práticas criminosas já enunciadas), é de mister apreender os documentos e equipamentos também por ordem do STF, até porque, ao menos em juízo perfunctório e provisório próprio das medidas liminares, o caso se encontra em seu âmbito de competência”*”. Por sua vez, o pronome demonstrativo “isso” atua como um encapsulador anafórico recuperando o seguinte trecho: “*O procurador-geral da República afirma que “a apreensão – e por ordem do [Supremo Tribunal Federal](#) – se revela ainda necessária porque pende reclamação (com liminar deferida) sobre os fatos” e que “caso julgada procedente, a consequência poderia ser a devolução do que foi apreendido”*”.

(04) Até 1999, os aposentados faziam parte da folha de pagamento dos funcionários do governo. A partir daquele ano, o Estado criou um sistema previdenciário próprio, que herdou milhares de aposentados do mecanismo anterior.

“O problema é que esse novo sistema não tinha dinheiro para lidar com todos esses beneficiários. *Diante disso*, o Estado do Rio decidiu fazer os pagamentos dos aposentados e pensionistas com os royalties do petróleo”, explicou Serafini.

Disponível em: <https://g1.globo.com/tj/rio-de-janeiro/noticia/2019/06/27/ex-secretario-de-fazenda-do-rio-presta-depoimento-na-cpi-do-rio-previdencia.ghtml> Acesso em: 14/03/2022

No exemplo (04), observa-se que o *diante disso* inicia período e também atua como um elemento coesivo híbrido, atuando na articulação global do texto. O conector articula todo o trecho anterior o qual explica sobre a situação do novo sistema previdenciário, estabelecendo a referenciação: “*Até 1999, os aposentados faziam parte da folha de pagamento dos funcionários do governo. A partir daquele ano, o Estado criou um sistema previdenciário próprio, que herdou milhares de aposentados do mecanismo anterior. “O problema é que esse novo sistema não tinha dinheiro para lidar com todos esses beneficiários.”* Em seguida, após a construção, estabelece a sequenciação com a decisão do governo do estado do RJ: “*o Estado do Rio decidiu fazer os pagamentos dos aposentados e pensionistas com os royalties do petróleo*”, explicou Serafini.” É válido ressaltar que essa relação de lógica entre premissas discursivas e altamente inferenciais são próprias do valor semântico de conclusão expresso pelo *diante disso* nesses dois dados.

(05) A prefeitura argumenta que a estimativa era de que o modal transportasse 260 mil passageiros/dia, mas está transportando apenas 80 mil usuários. Assim, a diferença dos 180 mil passageiros/dia precisa ser coberta pelo município, representando “um rombo diário aos cofres públicos de R\$ 540 mil, quase R\$ 195 milhões por ano.” ***Diante disso***, segundo a prefeitura, o contrato de concessão está sendo revisto.

Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/impasse-entre-prefeitura-consorcio-impede-circulacao-de-vlt-em-trecho-pronto-ha-seis-meses-23760597.html> Acesso em: 15/03/2022

No dado (05), o conector inicia o último período do texto, estabelecendo a coesão híbrida entre um ato de fala e a justificativa dele. O trecho anterior ao conector apresenta o encapsulamento: “*A prefeitura argumenta que a estimativa era de que o modal transportasse 260 mil passageiros/dia, mas está transportando apenas 80 mil usuários. Assim, a diferença dos 180 mil passageiros/dia precisa ser coberta pelo município, representando “um rombo diário aos cofres públicos de R\$ 540 mil, quase R\$ 195 milhões por ano.”* e um ato de fala da prefeitura do Rio de Janeiro sobre a circulação do transporte

VLT na capital carioca. Já na parte subsequente, apresenta-se a justificativa do que foi dito no ato de fala: “*Diante disso, segundo a prefeitura, o contrato de concessão está sendo revisto.*” Logo, nesse dado, a coesão híbrida da microconstrução é exercida num contexto em que o valor semântico é de elaboração. Esses dados demonstram como a coesão híbrida ocorre, já que em todos os 98 dados essa atuação foi verificada.

2.2 Contextos de conexão

Como já abordado nas seções anteriores, *diante disso* atua no nível da oração, do período e do parágrafo, estabelecendo a conexão entre essas partes em maior ou menor escopo remissivo, ou seja, a coesão sequencial e a referencial simultaneamente. Nesta seção, apresenta-se a análise dessa função conforme os resultados do gráfico abaixo:

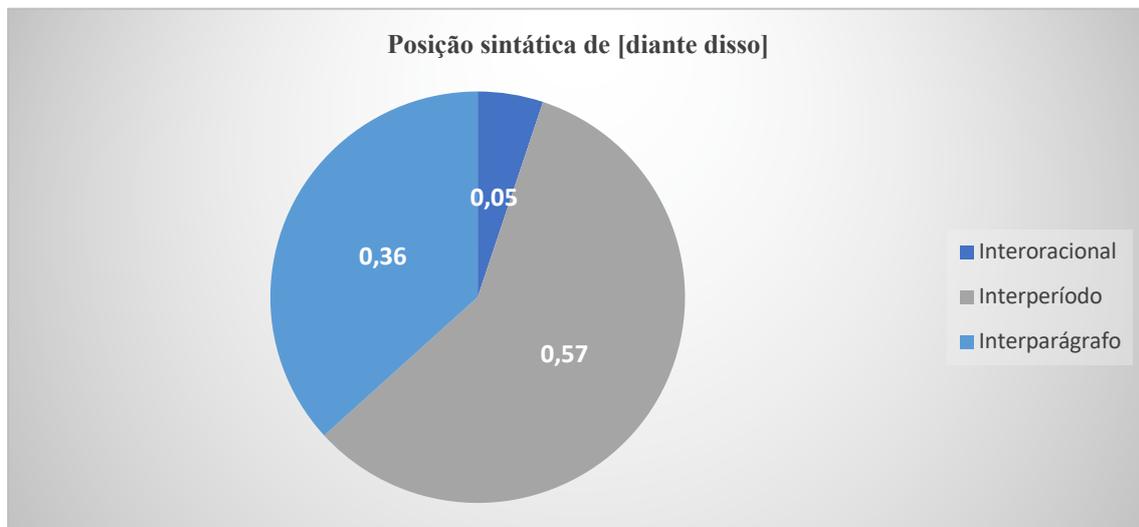


Gráfico 1: Posição sintática de [diante disso]. Fonte: Elaboração própria

No gráfico acima, verificam-se os dados referentes à remissão textual do conector investigado. É importante salientar que nessa remissão, fatores semântico-pragmáticos atuam na determinação do tamanho do escopo remissivo, se maior ou menor. Como explana Lopes (2022a):

Defende-se que, nas posições supraoracionais – isto é, interperíodo e interparágrafo – os conectores complexos atuam na dimensão da macrogramática (cf. Haselow, 2016), já que os princípios de serialização envolvem um escopo textual mais amplo e, por isso, captam aspectos da própria enunciação, uma vez que mobilizam (i) o planejamento textual, (ii) a processabilidade, (iii) a coerência textual e (iv) a integração ao contexto. (LOPES, 2022a, p. 149)

Ou seja, esse conector atua no nível da micro e da macrogramática a depender do tamanho da remissão. No gráfico, fica claro como a conexão entre períodos é bastante expressiva, já que 57% dos dados atuam nessa função, conforme exemplificado abaixo:

(06) POR QUE ENTRAR NA JUSTIÇA?

Muitos torcedores estão se questionando o porquê de Magrão ter entrado na Justiça se já existia um acordo com o Sport de repactuação das dívidas? O motivo é simples: na esfera judicial, se deixar de pagar uma das parcelas firmadas em acordo, é obrigado a pagar uma multa pesada, que pode chegar a 100%.

Pelo que a reportagem do JC conseguiu apurar, o Sport não vinha honrando com alguns compromissos firmados na repactuação da dívida com Magrão. *Diante disso*, essa foi a medida que o goleiro encontrou de buscar os seus direitos e ter uma segurança de que, de fato, o que foi acordado, será pago - sob risco de punição em caso de inadimplência.

Disponível em: <https://radiojornal.ne10.uol.com.br/futebol/2019/06/28/sport-x-magrao-saiba-o-valor-do-acordo-parcelas-e-jogo-de-despedida-172032> Acesso em: 14/03/2022

O exemplo (06), trata-se de um texto jornalístico do site *radiojornal.uol* do gênero esporte que aborda o que motivou o goleiro Magrão a entrar na justiça contra o time em que estava atuando. O conector *diante disso* introduz o último período do texto, exercendo a remissão ao período anterior, isto é, a conexão interperíodo, “*Pelo que a reportagem do JC conseguiu apurar, o Sport não vinha honrando com alguns compromissos firmados na repactuação da dívida com Magrão.*” Em seguida, estabelece a coesão sequencial com o trecho seguinte que traz o motivo desse processo: “*essa foi a medida que o goleiro encontrou de buscar os seus direitos e ter uma segurança de que, de fato, o que foi acordado, será pago - sob risco de punição em caso de inadimplência.*”

A conexão a nível interparágrafo representa 36% dos dados, ou seja, constata-se que o conector investigado é mais produtivo em contextos de conexão com porções

textuais maiores, visto que a conexão entre períodos e parágrafos representa a maior parte dos dados. A seguir, as ocorrências (07) e (08) ilustram esse comportamento:

(07) O ministro [Luís Roberto Barroso](#), do Supremo Tribunal Federal (STF), autorizou nesta quarta-feira (26) presas transexuais a cumprir pena em penitenciárias femininas. A decisão de Barroso atendeu a pedido da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros e é liminar (provisória).

Diante disso, o ministro já pediu ao presidente do STF, [Dias Toffoli](#), para marcar uma data para o plenário da Corte analisar se mantém ou derruba a decisão.

Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/06/27/ministro-do-stf-autoriza-presas-transexuais-a-cumprir-pena-em-cadeias-femininas.ghtml> Acesso em: 15/03/2022

(08) Um estudo da Organização Mundial da Saúde (OMS) mostrou que, em 2009, cerca de 1,3 milhão de pessoas, em 178 países, perderam a vida em acidentes de trânsito, mais de 3,5 mil por dia. Outras 50 milhões de pessoas sobreviveram, mas com sequelas.

Diante disso, a Assembleia-Geral das Nações Unidas editou, em março de 2010, uma resolução definindo o período de 2011 a 2020 como a “Década de Ações para a Segurança no Trânsito”.

O trânsito figura a nona posição de mortes no mundo. Se analisado somente a faixa etária entre 15 e 29 anos de idade, passa a ser a primeira.

(Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/acidentes-de-transito-hugo-atendeu-36-mil-acidentados-de-moto-no-ano-passado-187832/> Acesso em: 24/04/2022)

Em ambas as ocorrências, a microconstrução *diante disso* atua como um conector interparágrafo, fazendo a conexão entre parágrafos. Esse comportamento detecta-se pelo contexto em que ele está inserido. O exemplo (07) trata-se de uma notícia em que os primeiros parágrafos apresentam a decisão do ministro do STF de permitir que transexuais cumpram pena em penitenciárias femininas a pedido da associação. O conector encapsula essa informação e estabelece a sequenciação do texto, introduzindo o parágrafo de conclusão, que remete a consequência com a decisão do ministro: “*Diante*

disso, o ministro já pediu ao presidente do STF, [Dias Toffoli](#), para marcar uma data para o plenário da Corte analisar se mantém ou derruba a decisão.”.

Em (08), há a mesma atuação: o conector atua na conexão entre os parágrafos que informam sobre um estudo feito pela OMS. O enunciador, no parágrafo anterior ao uso do conectivo, apresenta a informação sobre a pesquisa: “*Um estudo da Organização Mundial da Saúde (OMS) mostrou que, em 2009, cerca de 1,3 milhão de pessoas, em 178 países, perderam a vida em acidentes de trânsito, mais de 3,5 mil por dia. Outras 50 milhões de pessoas sobreviveram, mas com sequelas.*”. Após o *diante disso*, a informação referente a conclusão da Assembleia das Nações Unidas chegou - “*Diante disso, a Assembleia-Geral das Nações Unidas editou, em março de 2010, uma resolução definindo o período de 2011 a 2020 como a “Década de Ações para a Segurança no Trânsito”.* Nesses três últimos dados, a microconstrução investigada desempenha valor semântico de conclusão, visto que há uma relação lógica de natureza não-factual entre as partes anteriores e posteriores envolvidas na conexão.

É importante também ressaltar que, apesar de baixa frequência, essa construção também atua na conexão com porções textuais menores, isto é, a conexão entre orações, que representa 5% dos dados como exemplificado abaixo:

(09) O Valência, que contratou Cheryshev por seis milhões de euros, conseguiu a economia necessária para que Rafinha Alcântara possa finalmente jogar no Mestalla na próxima temporada.

Seis milhões de euros fizeram com que **Denis Cheryshev** possa continuar a sua carreira no **Valência**, onde jogou por empréstimo na temporada passada. O conjunto 'che' descartou Denis Suárez por seu alto custo e ficou com o meia russo.

Um movimento que pode favorecer a direção valencianista na busca pelo **principal objetivo no mercado: Rafinha Alcântara**. O brasileiro é um desejo de Marcelino, mas a sua contratação passa por várias etapas.

O Barcelona pede algo em torno aos 15 milhões de euros, *diante disso* o Valência respondeu avaliando a possibilidade de um empréstimo. De acordo com o jornal 'Marca', a economia na operação com Cheryshev pode facilitar a chegada de Rafinha.

Disponível em: <https://pt.besoccer.com/noticia/a-contratacao-low-cost-de-cheryshev-aproxima-rafinha-do-valencia-663200> Acesso em: 14/03/2022

No dado (09), o conector está promovendo a conexão entre as orações do último parágrafo de uma notícia sobre esportes. Constata-se que o *diante disso* conecta a oração anterior, que apresenta a causa, “*O Barcelona pede algo em torno aos 15 milhões de euros*”, à consequência expressa na oração seguinte introduzida pelo conector: “*diante disso o Valência respondeu avaliando a possibilidade de um empréstimo.*”. Essa relação de causa e consequência de um mundo real, isto é, de natureza factual, representa o valor semântico de consequência desempenhado pelo *diante disso*.

Portanto, esses dados atestam a hipótese de que esse conector é muito produtivo na articulação de porções textuais (orações, períodos ou parágrafos). O objeto em foco une informações anteriores a informações posteriores a ele, estabelecendo relação de sentido entre uma e outra. Por meio de seus componentes (locução prepositiva/ pronome demonstrativo) *diante disso* contribui para progressão textual.

3. Considerações finais

O objetivo geral deste artigo é identificar a atuação do *diante disso* como conector, estabelecendo a coesão híbrida, e o tamanho das porções textuais a que ele faz remissão. Com dados da língua em uso, numa perspectiva sincrônica, esta investigação foi conduzida com aporte teórico da LFCU que se mostrou altamente pertinente, uma vez que oferece para o pesquisador um olhar holístico dos dados.

Na análise das ocorrências, *diante disso* atua estabelecendo a coesão sequencial e a referencial simultaneamente, ou seja, a coesão híbrida. Paralelamente, sua formação com um pronome demonstrativo atua no encapsulamento anafórico, estabelecendo a conexão entre orações, períodos e parágrafos. Além disso, a depender do contexto, poderá apresentar diferentes valores semânticos.

Os resultados apresentados neste artigo são de uma pesquisa inicial que poderão, ou não, passarem por mudanças em alguns critérios durante o andamento desta investigação.

Referências bibliográficas

- BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M; CUNHA, M. A. F. Rio de Janeiro: Mauad-Faperj, p. 13-39, 2013.
- FÁVERO, L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 2004.
- HASELOW, A. *A processual view on grammar: Macrogrammar and the final field in spoken syntax*. *Language Sciences*. 54, 2016, p. 77-101.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E & HEINE, B. *A approaches to grammaticalization*, v.1 Amsterdam: Benjamins, 17-37, 1991.
- HILPERT, M. *Construction Grammar and its Application to English*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2014.
- HALLIDAY, M. *An introduction to functional grammar*. 3rd edition. London: Hodder Arnold, 2004.
- KOCH, I. G. V. ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, I. G. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Editora Cortez, 2011.
- _____. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Contexto, 2015.
- _____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2018
- LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, Volume Espacial, 2016, p. 83-101.
- LOPES, M. G. Encapsulamentos semânticos em perspectiva discursivo-funcional. Orientador: Vanda Maria Cardozo de Menezes. 2010. 219 f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
- LOPES, M. G. A construção [X prep isso] no português. HAN, L; DEFENDI, C.L; XAVIER, L. G; LIMA-HERANDES; M. C.; VICENTE, R. B.; ZHANG, X. *Cognição, Língua, Cultura e Tradução*. Um diálogo sem fronteiras e interdisciplinar. Macau: Universidade Politécnica de Macau, 2022, p. 126-155.
- LOPES, M. G.; BISPO, E. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. *Revista Odisseia*, V. 7, n. esp., 2022, p. i-x. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/28489/15566> - Acesso em 04 jun. 2022d.
- LOPES, M. G.; MOURA, S.C. As construções conectoras [com isso] e [como se não bastasse] na promoção da coesão híbrida: um estudo centrado no uso. *Revista Solettras*, n. 41, 2019, p. 189-215.

LOPES, M. G.; RABELLO, M. L. Propriedades coesivas e semântico-pragmáticas do conector complexo por isso no português brasileiro contemporâneo. *Revista Signótica*, v.34. 2022. (no prelo)

LOPES, M. G.; SILVA S. J. Propriedades coesivas e semânticas da construção conectora [com isso] à luz da linguística funcional centrada no uso. *Revista Confluência*, n. 62, 2022, p. 240-269. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/521/739> - Acesso em 04 de jun. 2022b.

LOPES, M. G.; TEIXEIRA, A. C. M. A dimensão da microgramática e da macrogramática em articuladores sintáticos e operadores argumentativos: um estudo funcional sobre conectores conclusivos em redações do ENEM. *Revista e-escrita* (Revista do Curso de Letras da UNIABEU) Nilópolis, v.13, Número 2, julho-dezembro, 2022.

MARCUSCHI, L. A. *Linguística do texto: o que é e como se faz?* São Paulo: Parábola editorial, 2012.

MARQUES, N. B. N; PEZATTI, E. G. *A relação conclusiva na língua portuguesa: funções resumo, conclusão e consequência.* São Paulo: Editora UNESP, 2015.

OLIVEIRA, M. R. *Análise funcional de conectivos em português: da abordagem clássica à construcional.* Revista de Letras, v. 2, n. 38, p. 22-32, 2 dez. 2019.

OLIVEIRA, M. R; ROSÁRIO, I. C. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Revista Alfa*, São Paulo, no 60, v. 2, 2016, 28p. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf> - acesso em 20 de janeiro de 2019.

RODRIGUES, V. V. (org.). *Articulação de orações: pesquisa e ensino.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

ROSÁRIO, I. C. (org.). *Introdução à Linguística Funcional centrada no uso – teoria, método e aplicação.* Niterói: Eduff, 2022a.

_____. (org.). *Metodologia da pesquisa funcionalista.* UFF, Niterói, 2022b. (no prelo)

SILVA, S. J. Relações coesivas e valores semânticos da construção conectora [com isso] à luz da linguística funcional centrada no uso. 2022. 133 folhas. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2022.

SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics. Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure.* Peking: Peking University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes.* New York: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, E. C. *A Constructional Perspective on The Rise of Metatextual Discourse Markers.* Cadernos de Linguística, v. 2, n. 1, 2021, p. 1-25.

ABSTRACT

This article aims to describe the connector *diante disso* and investigate its use in connection contexts. From a synchronic perspective, data on the use of the Corpus do Português (Now base) were analyzed. The hypothesis postulated in this work is that, *diante disso*, increasingly used in the (supra)clause connection, and not only as an adverbial phrase, its original functional use. Based on the theoretical assumptions of Use-Centered Functional Linguistics, for which the study of construction as a pairing of form and function is expensive, in dialogue with Textual Linguistics, with a special focus on cohesion processes. The general objective of this investigation is to present the connecting function *diante disso*, seeking to identify, in connection contexts, its behavior. The results revealed that the aforementioned connector has three particularities: i) it promotes a hybrid cohesion; and ii) acts in the interactional connection, interperiod and interparagraph.

Keywords: Complex connector *diante disso*. Use-Centered Functional Linguistics. Textual Linguistics.